

# **MOISÉS,** **o Servo de Deus**

***F. B. Meyer***

**Edições Cristãs**

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

## **Moisés, o Servo de Deus**

**F. B. Meyer**

**1ª edição brasileira:** outubro de 2014

**Tradução:** R. J. A.

**Capa:** Daniel de Almeida Jané

**ISBN:** 978-85-7558-116-2

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

**EDIÇÕES CRISTÃS - EDITORA LTDA.**

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS - SP - BRASIL

**Endereço eletrônico:** edicoescristas@uol.com.br

**Site:** www.edicoescristas.com.br

# ÍNDICE

Biografia de F. B. Meyer

Prefácio

- 1 - Nosso ponto de vista
- 2 - A fé de sua mãe
- 3 - Quando já homem feito
- 4 - Libertação pela força bruta
- 5 - Maravilhoso colóquio
- 6 - Rumo ao Egito
- 7 - Fracasso e decepção
- 8 - O amor de Deus nas quatro primeiras pragas
- 9 - Como se desenvolveu o caráter de Moisés
- 10 - Preparativos para o êxodo
- 11 - A passagem no Mar Vermelho
- 12 - O cântico de vitória
- 13 - Mara e Elim
- 14 - A dádiva do maná
- 15 - Refidim
- 16 - Representantes perante Deus
- 17 - Ao pé do Sinai
- 18 - A visão de Deus e seu efeito
- 19 - A frase interrompida
- 20 - A presença de Deus é nosso descanso
- 21 - Construindo o Tabernáculo

**.oOo.**

# **F. B. MEYER**

Pastor, pregador, autor de numerosos livros, mestre notável das Escrituras. Um dom dado à igreja de Cristo.

## **Um piedoso prático**

Frederic Brotherton Meyer foi um dos pregadores mais amados do seu tempo, e por mais de 20 anos expositor da Conferência de Keswick. Spurgeon dizia dele: “Meyer prega como um homem que viu Deus face a face”.

## **Influência familiar**

F. B. Meyer nasceu em Londres em Abril de 1847, no seio de uma família cristã de origem alemã abastada e devota. Uma das avós exerceu uma especial influência sobre ele. Estudou no Brighton College e graduou-se na Universidade de Londres em 1869. Estudou teologia no Regent’s Park College, Oxford.

Meyer começou a pastorear Igrejas em 1870. O seu primeiro pastorado foi na Capela Baptista de Pembroke em Liverpool.

## **Contacto com D. L. Moody**

Sendo pastor na Capela Baptista de Priory Street, foi ouvir pregar D. L. Moody, o evangelista norte-americano. A sua primeira impressão foi confirmada por um dos seus professores de Escola Dominical, que veio a ele e lhe disse: “Irmão Meyer, a ilustração que esse pregador deu outro dia causou um impacto tão grande nas minhas raparigas que houve muito choro, confissão e testemunho. Estamos seguros de que o Espírito Santo nos tomou; e tivemos uma experiência na nossa classe que não acreditará!”.

F. B. Meyer foi tão afetado pelo testemunho desse professor e daquelas moças que quis comprová-lo por si mesmo, e logo chegou a comprovar a sua realidade. Desde esse momento, Meyer aproximou-se de Moody, e selaram uma amizade que durou por toda a vida.

Meyer dedicou-se totalmente ao ministério pastoral em Leicester, com uma forte ênfase no evangelismo, provavelmente devido à influência de sua recente amizade com D. L. Moody.

## **Um encontro revitalizador**

O momento decisivo veio em 26 de Novembro de 1884, quando C. T. Studd e Stanley Smith visitaram a próspera igreja da qual Meyer era pastor (Melbourne Hall, Leicester). Um grande alvoroço levantou-se quando Studd e Smith, que eram desportistas conhecidos em toda a Inglaterra, juntamente com outros cinco estudantes universitários de Cambridge - conhecidos como os “Sete de Cambridge” - se ofereceram para ir como missionários para a China.

Meyer convidou as duas famosas personalidades a falar no Melbourne Hall pouco antes de deixarem a Grã-Bretanha. O que Meyer não suspeitava era o efeito que esta decisão causaria nele próprio.

Ele observou em Studd e Smith uma “fonte constante de repouso, força e alegria” que ele não tinha e que estava decidido a possuir. Era essencial para Meyer que a espiritualidade fosse prática, e isto foi exatamente o que ele viu naqueles dois jovens. Meyer foi a Studd e Smith para buscar conselho às 7:00 da manhã, um dia depois de reunir-se em Melbourne Hall, e eles insistiram que ele rendesse tudo a Cristo. Meyer então, “pela primeira vez” - assim ele afirmou - tomou a vontade de Deus como o objetivo da sua vida inteira. Esta declaração, “render-se a Deus”, expressava um elemento crucial da espiritualidade do movimento da vida mais profunda.

Quando a experiência de rendição de Meyer se tornou pública, os organizadores da Convenção de Keswick reconheceram-no capaz de tomar um lugar na tribuna de Keswick. Pediram-lhe que fosse um dos oradores durante a semana da Convenção de 1887.

## **Para uma espiritualidade prática**

Entre os anos de 1887 a 1928, ele dirigiu vinte e seis convenções Keswick e falou em numerosos mini-Keswicks na Grã-bretanha e em outras partes do mundo.

O ensino da santidade de Meyer, que durante as seguintes quatro décadas ele entregou aos seus ouvintes pelo mundo, seguiu as linhas traçadas pelos fundadores de Keswick, a qual Meyer deu uma contribuição distintiva.

Foi reconhecido rapidamente nos círculos de Keswick que Meyer tinha um poder excepcional para levar as pessoas à experiência da rendição. Ele constantemente voltava ao seu tema básico: os passos para a “vida abençoada”.

Meyer supervisionava o seu impacto nas Convenções, observando em 1895 que gostava de permanecer na porta depois de falar, e havia pessoas que vinham a ele dizendo, com respeito à bênção ministrada: “Não, senhor, eu não posso dizer que a sinto, mas recebi-a”.

A compreensão de Meyer sobre este assunto foi disseminada amplamente através dos seus muitos escritos.

Em 1903, Meyer insistiu com os ouvintes de Keswick da tarde da terça-feira a pôr a sua atenção nas coisas que estavam erradas nas suas vidas. Se eles estavam a precisar de fazer uma restituição financeira, deviam imediatamente escrever um cheque, com os interesses respectivos. Igualmente, ele insistiu que qualquer que precisasse escrever cartas de desculpa, devia fazê-lo de forma imediata. Ao fazer isto, “o fogo de Deus” viria.

Na quarta-feira pela tarde, Meyer informou que as pessoas haviam respondido. Relações matrimoniais, por exemplo, foram postas em ordem. No entanto Meyer estava preocupado, porque alguns mostraram complacência, e insistiu com eles que examinassem os seus motivos.

### **Compromisso com a ação social**

Em 1883 foi publicada na Inglaterra “The Bitter Cry of Outcast London” (O Amargo Lamento da Proscrita Londres), que detalhava a pobreza, miséria e degradação sexual de Londres. Como consequência, o mundo cristão levantou-se com diversas iniciativas de ajuda aos necessitados.

F. B. Meyer fez dela a sua causa, e dedicou-se às pregações juntamente com os ambiciosos programas sociais, que incluíam a reabilitação de ex-sentenciados, prostitutas e alcoólatras. Uma das contribuições que Meyer tentou fazer foi criar fontes de trabalho. Uma delas foi ‘F. B. Meyer - Firewood Merchant’ (F. B. Meyer, Comerciante de Lenha) e o outro era um negócio de limpeza de janelas, para dar dignidade aos ex-presos através do trabalho.

Infelizmente, os resultados não foram sempre animadores. Na sua fábrica de lenha ele recebia os ex-sentenciados, e oferecia-lhes bons salários, um lugar para viver e, quando era possível, estímulo espiritual. Em troca, ele esperava que eles tivessem um bom rendimento. Mas eles não fizeram assim, e ele perdeu dinheiro. Finalmente, teve que despedi-los, e comprou uma serra circular impulsionada por um artefato de gás. Numa hora, o trabalho rendeu mais do que os esforços combinados de todos os homens no período de um dia inteiro.

Um dia, Meyer teve uma pequena conversa com a sua serra: “Como podes trabalhar tanto?”, perguntou. “És mais afiada do que as serras que os meus homens estavam a usar? Não? A sua folha é mais brilhante? Não? O que é então? Melhor óleo ou lubrificação contra a madeira?”.

A resposta da serra, se pudesse falar, teria sido: “Eu penso que há uma energia mais forte por detrás de mim. Algo está a trabalhar através de mim com uma nova força. Não sou eu, é o poder por detrás de mim”.

A partir desta experiência, Meyer observou que muitos cristãos estavam a trabalhar no poder da carne, no poder do seu intelecto, da sua energia, do seu zelo entusiasta, mas com efeito pobre. Eles precisam deixar que o poder de Deus através do Espírito Santo aja.

Meyer também empreendeu um ataque maciço contra os prostíbulos. Dizia: “Não há outro pecado que pode promover mais rapidamente a queda de uma nação do que a falta de castidade. Se a história ensinar algo, ensina que essa indulgência sensual é a via mais segura para a ruína nacional. A sociedade, ao não condenar este pecado, condena-se a si própria”. Através dos esforços de uma equipe especializada da igreja, 700 a 800 locais foram fechados entre 1895 e 1907 e foram feitos esforços para oferecer emprego alternativo e alojamento para as ex-prostitutas.

Em Janeiro de 1905, Meyer visitou o País de Gales para ouvir Evan Roberts. O poder que viu nas reuniões conduzidas por Roberts fez Meyer sentir-se como “um miúdo na escola do Espírito Santo”, e voltou para Londres decidido a estender a mensagem do avivamento.

Em Abril de 1905, ele falou durante oito dias a grandes concentrações em Los Angeles, enfatizando o que ele tinha experimentado de Evan Roberts e do avivamento galês.

## **Uma rede espiritual mundial**

Em 1891, Meyer fez a sua primeira viagem à América do Norte, convidado por Moody para falar na conferência anual que este convocou em Northfield, Massachussets.

T. L. Cuyler informou no “New York Evangelist” sobre as multidões espiritualmente famintas que quiseram ouvir Meyer três vezes ao dia. Cuyler atribuiu a eficácia de Meyer ao fato de ele ser efetivamente um piedoso profundo e completamente prático.

O sonho de Meyer provavelmente era que Northfield fosse uma Keswick americana. O seu formoso ambiente estava, comentou Meyer, em “estreita harmonia com o carácter devocional das reuniões”. Quando Meyer chegou a América em 1896, Northfield estava, nas palavras de Moody, “à espera de ser levado para a terra prometida”.

De Northfield, Meyer, com apoio de Moody, pôde penetrar mais adiante no ambiente evangélico americano.

Com a idade de 80 anos, ele empreendeu a sua décima segunda campanha de pregação nos Estados Unidos, viajando mais de 25.000 quilômetros e dirigindo mais de 300 reuniões.

Durante os anos de 1890, a mensagem de Keswick chegou a ser não só familiar aos cristãos na Grã-bretanha e América do Norte, como também em muitas partes do mundo. Muitos missionários foram além-mar como resultado da influência de Keswick. Meyer estava orgulhoso do que ele chamava de “energia irresistível” que derivava da espiritualidade de Keswick e que produziu o que ele viu como um movimento missionário notável.

O próprio Meyer foi reconhecido como o que mais fez para estender a mensagem de Keswick por todo o mundo.

O ministério de Keswick de Meyer levou-o numa jornada de 40.000 quilômetros ao Oriente e Médio-Oriente em 1909. Aonde quer que fosse, tentou ser pertinente com a realidade local, relacionando os grupos que foram dos armênios na Igreja Gregoriana em Constantinopla aos residentes de Penang, China, que vieram para ouvi-lo no salão do povo.

## **Teologia e espiritualidade**

Embora Meyer tenha sido enfático em viver a vida de santidade prática, ele não era de nenhuma maneira indiferente à teologia. Ele falava da sua dívida com os pensadores da tradição Reformada, como o teólogo americano Jonathan Edwards. Mas a Cristandade, para Meyer, era finalmente (como ele disse em 1894) “não um credo, mas uma vida; não uma teologia ou um ritual, mas a possessão do espírito do homem pelo Espírito Eterno do Cristo Vivo”.

Ele estava consciente, disse em 1901, que a Cristandade tinha sido “vergonhosamente maltratada” pelos evangélicos e outras classes de cristãos que tinham pensado que a Cristandade era totalmente uma questão de doutrina objetiva. Ele argumentava que era “grandemente e igualmente” subjetiva. Como um guia espiritual, e também evangelista prático e ativista social, Meyer sustentou que a consideração mais urgente para a igreja não era a ortodoxia do credo, mas a fé vivente.

Para Meyer, a piedade não significava só uma vida de contemplação, mas uma correspondente ação dirigida para o exterior. O próprio Deus, como Meyer O via, era um Deus de ação. Meyer era atraído para uma teologia que imaginava Deus como “um Peregrino” com o Seu povo.

As reflexões de Meyer sobre a teologia em relação à espiritualidade continuaram até o fim da sua vida.

Numa série de artigos no “The Christian” (O Cristão), em 1929, Meyer valeu-se de grupos como os Valdenses do século XII, com o seu ministério radical na Itália, para ilustrar o seu ideal de verdadeira espiritualidade. Ele creu ter encontrado uma expressão similarmente autêntica de fé, em uma forma contemporânea, na posição de Keswick.

Durante a sua vida longa e frutífera, pregou mais de 16.000 sermões. Foi autor de mais de 40 livros, incluindo biografias de personagens bíblicos (estudo dos seus caracteres), comentários devocionais, volumes de sermões e trabalhos explicativos. Também foi autor de vários folhetos e editou várias revistas.

Os seus escritos são simples e atraentes, e estão ligados à experiências da sua própria vida. Numa das suas muitas viagens de navio, Meyer estava de pé na cobertura de um navio que se aproximava de terra. Enquanto a tripulação guiava a embarcação, ele interrogava-se como é que eles podiam navegar com segurança para o cais.

Era uma noite tormentosa, e a visibilidade era baixa. Meyer olhou através da janela e perguntou: “Capitão, como sabe guiar este navio neste estreito porto?”.

“Isto é uma arte”, respondeu o capitão. “Você vê essas três luzes vermelhas na margem? Quando todas elas estiverem em linha reta, eu posso entrar perfeitamente”.

Depois, Meyer escreveu: “Quando nós queremos conhecer a vontade de Deus, há três coisas que sempre precisam estar em linha: o impulso interior, a Palavra de Deus e a disposição das circunstâncias. Nunca atue até que estas três coisas estejam em concordância”.

Diz um escritor: “A redação dos seus sermões era simples e direta; ele polia os seus escritos como um artista pule uma pedra perfeita. Havia sempre uma imaginação resplandecente nas suas palavras; o seu discurso era pastoral, encantador como um vale inglês banhado pela luz do sol... Nos seus dias, grandes guerras foram combatidas. Os que foram ouvi-lo esqueceram-se das batalhas”.

F. B. Meyer passou para a presença do Senhor em 28 de Março de 1929.

**.oOo.**

# PREFÁCIO

O conceito de Moisés que tenho elaborado nos capítulos seguintes me foi sugerido anos atrás em contraste com a estátua talhada na pedra, dele feita por Miguel Ângelo, de proporções colossais.

No entanto, ao contemplar aquela imponente cabeça ficamos desesperados por não podermos imitar algo de sua vida, a qual, caso aquele conceito fosse verdadeiro, devia ter bem pouco em comum com a nossa.

É um consolo, pois, voltarmos à história do Antigo Testamento que nos revela que Moisés não chegou repentinamente a ocupar o lugar que tem ocupado através dos séculos, senão que foram necessários anos para a formação daquele caráter e que seus grandes feitos foram devidos não a alguma rara combinação de qualidades pessoais, mas à fé que ele tinha em comum com o grande exército dos santos.

Tenho procurado mostrar, pois, que Moisés foi um homem como outros homens: com grandes qualidades que precisavam ser desenvolvidas e melhoradas; com defeitos que o teriam feito impotente a não ser pela graça plenamente suficiente na qual ele aprendeu a confiar; e que fez a obra de sua vida pela simplicidade de sua fé, pela comunhão com Deus e por ter chegado a ser um meio através do qual o propósito divino foi realizado.

Desejo expressar minha gratidão especial pelos detalhes geográficos e outros ao

Deão Stanley, monógrafo de Moisés na série intitulada “Homens da

Bíblia”, assim como a “A Ciência Moderna em Terras Bíblicas”, por Sir J. W. Dawson, F. R. G. S.

**F. B. Meyer**

**.oOo.**

# 1

## NOSSO PONTO DE VISTA

**“Pela fé, Moisés...”**

(Hebreus 11.24)

**O escritor da Epístola aos Hebreus** descobre o segredo das maravilhas efetuadas pelos heróis da história hebraica. Obedientes ao seu chamado, formam um grande batalhão e, à uma voz, clamam: “Por que estão admirados de todas estas coisas? Por que olham tão fixamente para nós como se por nosso próprio poder ou santidade tivéssemos feito estas coisas? O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, estendeu Seu braço santo e agiu por meio de nós; e Seu Nome, a fé em Seu Nome, é que efetuou todas estas maravilhas” .

Erramos profundamente atribuindo a estes homens qualidades extraordinárias de valor e força de corpo e de alma. Fazer isto é passar por alto todo o conteúdo do ensino da Escritura. Eles não eram diferentes do homem comum, a não ser na sua fé. Em muitos pontos é bem provável que fossem até inferiores a nós

Provavelmente nos surpreenderia muito se os encontrássemos andando entre nós hoje e acharíamos impossível que eles tivessem realizado os prodígios de valor que realizaram.

Gideão e Baraque, Sansão e Jefté pertenciam mais ao tipo de colonizadores dos dias primitivos, cujos hábitos belicosos deixavam as regiões colonizadas em constatação agitação, não tendo nada do tipo de clérigos ou de filantropos modernos. Mas todos tinham uma característica em comum que os ergueu sobre os homens comuns e lhes assegurou um lugar no templo da Escritura: tinham uma maravilhosa fé que, na verdade, é a capacidade do coração humano para com Deus. Quatro vezes esta verdade é repetida como o segredo de tudo quanto Moisés fez pelo seu povo.

A mesma verdade é repetida no ensino de nosso Senhor. Ele nunca fala da quantidade específica de poder, de sabedoria ou de entusiasmo que existia em Seus discípulos. Em Seu juízo, estas coisas são como o pó microscópico nas balanças, que nem se toma em consideração e que não é provável que afete os resultados da vida do homem. Seu pedido incessante é de fé. Se houver fé, mesmo que seja do tamanho de um grão de

mostarda, as árvores poderão ser arrancadas pela raiz; as montanhas poderão ser atiradas ao mar; e os demônios poderão ser expelidos de suas vítimas. A um pai, que tinha dito: “Se Tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós”, o Senhor Jesus disse: “Tudo é possível ao que crê” (Marcos 9.23).

E o que é esta fé? Não é um poder ou qualidade própria de certos homens, em virtude do qual possam obter certos resultados não conseguidos por outros. É mais a capacidade de deixar o “eu” de lado para que Deus opere sem dificuldade por meio da natureza. É a atitude do coração que, tendo descoberto a vontade de Deus, e desejando ser instrumento dela, prossegue avante, na certeza que Deus levará a bom termo Seus propósitos por meio do homem. Em resumo, é a disposição para submeter-se completamente à vontade de Deus para chegar a ser o meio ou veículo pelo qual se transmitam as bênçãos de Deus.

O crente é um homem cheio de Deus, movido por Deus, possuído por Deus, e a obra que ele realiza no mundo não é sua, mas é a de Deus por meio dele.

Existem, pois, estas condições necessárias em toda fé verdadeira:

- \* O sentido de impotência e de nulidade;
- \* Uma segurança absoluta de estar fazendo o plano de Deus;
- \* A consagração plena para que Ele verifique Sua vontade no coração e na vida;
- \* O alimento diário da promessa;
- \* O atrevimento de agir com uma independência total de sentimento sobre uma fé que depende absolutamente da fidelidade de Deus.

Nosso propósito em todos os capítulos do estudo da extraordinária vida que estamos considerando é que, embora Moisés tenha aspectos imponentes de mente e de corpo e tenha sido versado em toda a erudição de seu tempo, no entanto, o maravilhoso resultado da obra de sua vida não foi devido a nenhum destes fatores ou qualidades, mas à fé que unia sua alma com Deus. Sua fé era suficiente para fazer o que todas as suas outras qualidades, sem ela, teriam deixado de fazer.

Esperamos, ainda, ir além, mostrando que todas as bênçãos que Deus, lembrando-Se de Sua aliança, conferiu a Israel, vieram àquele povo, rebelde e obstinado, mediante a fé de Moisés. É o método de Deus buscar a cooperação do homem na execução de Seus propósitos e foi mediante a sua fé que Deus cumpriu a promessa dada a Abraão, a Isaque e a Jacó.

Cada uma das mencionadas condições de uma fé poderosa é encontrada na história de Moisés.

Permitiu-se-Ihe fazer seus primeiros esforços para a emancipação de seu povo através da energia de sua própria natureza, e fracassou completamente. Então ele fugiu para Midiã, abandonando toda a esperança de salvá-los e passando bastantes anos em solidão e desterro, até que, com a maior dificuldade, pôde ser levado a realizar a comissão divina. Ele foi reduzido ao último extremo de impotente nulidade quando a sarça resplandeceu em seu caminho, símbolo da completa debilidade, e, no entanto, não sendo consumida por Deus, que é um fogo consumidor.

Ele não podia duvidar do plano de Deus porque este lhe foi revelado na promessa feita a Abraão muitos anos atrás, fixando em quatrocentos anos o limite de sua estadia no Egito. Além disso, Deus lhe disse claramente que tinha descido para livrá-los.

Deu-se tão completamente ao propósito de Deus como a vara que tinha na mão ali estava fazendo a sua própria vontade. A isto deveu-se seu nome escolhido de “o servo do Senhor” e a constante repetição da frase “como o Senhor mandou a Moisés”.

Alimentava-se diariamente das promessas de Deus, apresentando-as em suas orações e apoiando-se completamente nelas.

E frequentemente sabia o que era deixar após si o familiar e o experimentado para voltar-se para o estranho e o novo; por mandato divino caminhava, ainda que parecesse que não havia nada em que pisar, lançando-se a si mesmo e a três milhões de pessoas, inteiramente aos cuidados de Deus, na certeza de que a fidelidade de Deus não lhe faltaria.

Sua fé fez de Moisés o que ele era. Veremos isto mais claramente enquanto continuamos. É nosso desejo entender precisamente como uma fé, como a dele, é produzida.

E por que não devemos tê-la nós? Os métodos de Deus nunca passam. Não deixaremos de ter tal fé se pagarmos o preço de Sua disciplina. E se tão somente possuíssemos sua fé, por que não veríamos outro Êxodo?

Mares atravessados com caminhos de salvação; inimigos desafiados; cadeias quebradas; cativos emancipados; e o Senhor adorado com cânticos de triunfo!

Realmente, não há limites às possibilidades de uma vida que tem chegado a ser o meio pelo qual Deus pode manifestar-Se.

Tem você desejo de abandonar toda a sua força natural? De deixar todos os seus planos, para adotar os planos de Deus? De indagar qual a Sua vontade e executá-la inteiramente? De deixar em atitude de rendição absoluta os propósitos pessoais? De alimentar-se diariamente com as promessas de Deus, como uma jovem com as promessas de seu amado

ausente? De confiar, sem emoção alguma, na fidelidade de Deus, só estando plenamente persuadido de que Ele fará tudo quanto tem prometido? Então, certamente, por meio de você, Deus, agora ou no futuro, agirá como nos tempos antigos, de que nossos pais nos têm falado.

É certo que, enquanto vivemos este tempo presente, Deus tem grandes planos que logo se realizarão. Conforme o Seu método invariável, terá que realizá-los mediante a instrumentalidade e a fé dos homens. O único problema é: Estamos nós em tal condição? A nossa fé é de tal natureza que Deus possa agir por meio de nós para a glória do Seu santo Nome?

Meditemos bem nas lições ensinadas através da vida e do caráter de Moisés para que, no devido tempo, cheguemos a ser instrumentos apropriados para o uso do Mestre e estejamos preparados para toda boa obra.

.oOo.

## 2

# A FÉ DE SUA MÃE

**“Pela fé, Moisés, apenas nascido, foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa; também não ficaram amedrontados pelo decreto do rei”**

(Hebreus 11.23)

Foi num mundo bem pouco amistoso aquele em que o menino abriu os olhos. Exteriormente, tudo era formoso como a natureza e a arte poderiam fazê-lo. Perto da pobre choupana, que por pouco tempo o abrigaria, o grande Nilo fluía entre suas beiradas cobertas de canas, refletindo, de dia, o azul dos céus e, de noite, as constelações de estrelas. A curta distância do passeio matutino de uma jovem estava a grande cidade de Mênfis, metrópole do Egito e sede da corte, centro de comércio, arte, guerra e religião. Era o foco para onde convergia a vida nacional.

Procissões reais passavam frente àquela choupana quando, em solene magnificência, o monarca saía para a guerra ou descia às águas do Nilo para ali adorar. Sacerdotes de todo canto do país passavam rumo ao grande templo de Fatá, cujas avenidas, entre colunas e galerias esculpidas e aposentos cobertos de hieroglifos, eram o resultado de séculos de trabalho e falavam da história das gerações que os tinham edificado. Entretanto, como estavam longe de sonhar que aquela humilde choupana atrairia o interesse de gerações até ao fim dos tempos, quando seu esplêndido templo tivesse ruído, formando um confuso montão de entulho!

E a demanda perpétua de melões, alhos, pepinos, cevada, trigo e centeio, assim como de delicadas telas dos teares, pelos quais os egípcios se fizeram famosos, de espécies e bálsamos para a vasta cidade dos mortos e de todas as múltiplas provisões exigidas por uma população grande e rica devem ter coberto os caminhos da comarca com fileiras intermináveis de camelos, jumentos e caravanas, além das frotas inumeráveis de botes, lanchas e navios, pelo rio.

Não muito longe, sobre as areias do deserto, estavam as pirâmides do deserto, que já naquele tempo eram respeitáveis pelo seu tempo e que estavam destinadas a mais quarenta séculos como testemunhas tanto da crença instintiva do homem em sua imortalidade como da indiferença egoísta à angústia de seus semelhantes.

No meio desta circunstâncias de riquezas e de esplendor, o menino nasceu para uma vida dura.

## **PERTENCIA A UMA RAÇA ESTRANGEIRA**

Fazia mais de trezentos anos que os antepassados de seu povo tinham emigrado da terra vizinha da Palestina, por convite do primeiro ministro daquele tempo, que estava relacionado com eles por vínculos de parentesco e de raça. O rei tinha-lhes dado as boas vindas como valiosos aliados, porque ele também pertencia a uma raça estrangeira e ocupava um trono pouco estável. Por mandato seu, tinham-se estabelecido no melhor da terra, uma faixa verde, chamada Gósen, situada no meio de vastas extensões de areia.

Ali prosperaram e se multiplicaram até chegarem a quase dois milhões de almas. Mas permaneceram sendo um povo tão diferente como o é agora em toda nação debaixo do céu e como tal estiveram expostos a suspeitas e a ódio.

## **PERTENCIA A UMA RAÇA OPRIMIDA**

Uma outra dinastia tinha substituído aquela que lhes tinha dado as boas vindas e, para a nova, o nome de José não dizia nada. No tempo que estamos comentando, uma pequena nuvem, ameaçando guerra, estava formando-se no céu oriental e insinuou ao monarca reinante a possibilidade de alguma aliança entre seus inimigos e a raça hebraica, que tinha chegado a ser numerosa e poderosa. Resolveu, pois, acabar com eles e reduzi-los, tanto em número quanto em espírito, pelo rigor de seu tratamento.

De repente, os pastores de Gósen viram-se recrutados para o trabalho nas olarias, sob os olhos e os chicotes de cruéis capatazes, os quais exigiam deles diariamente um certo número de tijolos, ou tiveram que trabalhar no campo, retirando a água do rio para irrigar a terra, afadigando-se no cultivo da mesma. E todo o serviço a que os subme castigou.

É provável que o pai da pequena família tenha sido obrigado a suportar sua parte na servidão que fez com que a existência de seu povo fosse tão amarga. Desde a manhã até a noite tinha que trabalhar nu, sob um sol causticante, voltando para sua choupana com sangrentas feridas abertas pelo chicote e inclinando-se a duvidar da existência de Deus e de Seu caráter misericordioso. Bem escura era a noite que, qual manto, cingia-se sobre o povo escolhido nestes anos de cruel escravidão.

## **NASCEU EM UMA ÉPOCA DE GRANDE AFLIÇÃO**

A família compunha-se de pai, mãe, uma irmã que era a maior, com quinze anos de idade, maravilhosamente dotada com o dom do canto, e um irmãozinho, Aarão, um menino vivo e alegre de três anos de idade. Quando este nasceu, não havia necessidade especial de manter-se em segredo porque o rei estava procurando seu objetivo enérgico que já temos descrito de maneira mais moderada. Mas, durante o intervalo, verificou que esta sua política não era suficientemente severa para conseguir seu propósito e, por isso, acrescentou o plano de destruição de todas as crianças do sexo masculino, atirando-as ao rio assim que nascessem.

Não é provável que este decreto estivesse em vigor por muitos meses. Foi um espasmo de crueldade inspirado por um temor repentino, mas era oposto aos instintos da natureza humana para ter uma durabilidade na prática dos subordinados de Faraó. Mas, enquanto durou, foi o elemento mais amargo de toda a sua opressão.

As privações, os trabalhos, o escárnio e o rigor são fáceis de suportar se tão somente o amado círculo do lar é deixado intacto, mas, quando este está em perigo e os pequenos pintinhos são ameaçados pelo urubu, então o cálice transborda.

Normalmente, o nascimento de um filho, especialmente um menino, era motivo de muita alegria, mas, naquelas circunstâncias, foi motivo de ansiedade e de receio. Não havia boas vindas, nem alegria, para compensar a angústia da mãe com o pensamento de que um homem tinha nascido no mundo.

Apesar de tudo isso, **“o povo aumentou e se tornou muito forte”** (Êxodo 1.20). A lei durou pouco tempo, mas foi durante sua vigência que nasceu Moisés. Este é o método de Deus. Nas horas mais escuras da noite, Ele se aproxima, andando sobre as ondas (Mateus 14.22-33). Ao despontar o dia da execução, o anjo chega à cela de Pedro (Atos 12.1-19). Quando a forca para Mordecai está pronta, a insônia real produz uma reação a favor da raça ameaçada (Ester 6.1-14).

Alma aflita, pode ser que você tenha que chegar ao pior antes que lhe chegue a salvação, mas você será salva! Pode ser que Deus faça você esperar, mas sempre se lembrará de Seu pacto e aparecerá para cumprir Sua palavra infalível.

### **MAS ERA FILHO DE PAIS CRENTES**

Sabemos bem pouco sobre eles. Nos é dito que o pai era “homem da casa de Levi” e nos é dito também que seu nome era Anrão e que descendia de Coate, o filho de Levi, mas a tribo de Levi não tinha na época importância especial, parecia até destinada até dividida e esparramada por Israel.

A mãe, Joquebede, pertencia à mesma tribo e estava relacionada com seu marido com uma consanguinidade mais próxima do que depois se permitiu. Eram gente humilde, que se regozijava em receber seu “pagamento” das mãos dos ricos e da realeza, mas tinham conservado o melhor das tradições religiosas de sua nação e nisto contrastavam favoravelmente com muitos de sua raça.

O Deão Stanley demonstrou que a estadia no Egito tinha produzido resultados fatais para os filhos de Israel. “A antiga liberdade, a antiga energia e, principalmente, a antiga religião do período patriarcal, tinham terminado”. Há evidências claras nas Escrituras dos séculos posteriores de que o povo participava dos ritos idólatras da terra adotiva. “Os deuses aos quais serviram vossos pais... no Egito”, disse Josué (Josué 24.14). E pelos

lábios de Ezequiel o Senhor recordou à nação, em data posterior, sua infidelidade primitiva. “

**Naquele dia, levantei-lhes a mão e jurei tirá-los da terra do Egito para uma terra que lhes tinha previsto, a qual mana leite e mel, coroa de todas as terras. Então, lhes disse: Cada um lance de si as abominações de que se agradam os seus olhos, e não vos contamineis com os ídolos do Egito; Eu sou o Senhor, vosso Deus. Mas rebelaram-se contra Mim e não Me quiseram ouvir; ninguém lançava de si as abominações de que se agradavam os seus olhos, nem abandonava os ídolos do Egito”** (Ezequiel 20.6-8).

O sábado foi esquecido; o rito da circuncisão, símbolo significativo do pacto deixou de praticar-se; a pureza relativa de seus antepassados mostrou-se incapaz de resistir aos atrativos licenciosos dos festivais pagãos a que, em anos posteriores, perpetuamente recorreram.

Evidentemente, havia algumas famílias que permaneceram fieis no meio da corrupção predominante. Entre elas, encontrava-se aquela na qual nasceu aquele menino. O sagrado pacto entre Deus e sua raça foi recordado com reverência e conservado com uma fé que ousava crer que, mais cedo ou mais tarde, Deus não deixaria de interceder.

As histórias entesouradas conservadas para nós no livro de Gênesis eram cuidadosamente ensinadas aos filhos assim que seus corações podiam apreciá-las e suas memórias conservá-las.

O primogênito, Aarão, provavelmente foi separado, com algum tipo de consagração, para cumprir as funções de um sacerdote na família. E Maria, a primeira mulher com este nome na Escritura, foi ensinada a usar sua doce e clara voz no louvor e na adoração do Deus de seus pais.

Mas sua vida religiosa foi manifestada ainda mais claramente por sua fé. **“Pela fé, Moisés, apenas nascido, foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa; também não ficaram amedrontados pelo decreto do rei”** (Hebreus 11.23).

Frequentemente nos tem sido apresentado um quadro que descreve a ansiedade com que os pais receberam seu filho ao nascer, a angústia de Anrão e o temor de Joquebede. Tal quadro pode representar fielmente outros pais hebreus, mas não estes. **“Não ficaram amedrontados”**. Quando disseram a Joquebede que tinha dado à luz um menino, ela lançou sobre o Senhor todo o seu cuidado e recebeu a certeza de que este filho não sofreria nenhum dano.

E quando o casal se inclinou sobre o seu filhinho, naquela choupana campestre, e viram a sua formosura, cresceu em seus corações a convicção de que um grande destino lhe esperava e de que de alguma

maneira viveria para ver o final do período de escravidão, predito séculos antes, nas palavras que tinham passado de boca em boca: o único raio de luz no meio das trevas da noite.

Josefo diz que em um sonho anunciou-se a Anrão que Moisés seria o libertador do povo.

Poderiam aquele escravos oprimidos esquecer-se do que Deus tinha dito a seu ilustre antepassado, quando o horror de uma grande escuridão tinha caído sobre sua alma? **“Sabe com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos... Na quarta geração, tornarão para aqui”** (Gênesis 15.13, 16). Lentos anos estavam chegando ao número previsto. Se não completamente, quase tinham-se passado quatrocentos anos. A promessa devia estar para cumprir-se. A palavra **“sairão”** (Gênesis 15.14) soava como uma alegre campainha no coração da mãe e nela havia uma confiança, nutrida pelo Espírito de Deus e pela beleza do filhinho, que era **“formoso”** (Êxodo 2.2; Hebreus 11.23), de que ele teria uma parte naquele êxodo.

Não tremia a cada momento temendo ouvir os passos de algum oficial ou parteira. Tomava todas as precauções necessárias, mas não cedia a um excessivo temor. Às vezes, quando seu coração desfalecia, ajoelha e apresentava a promessa divina na qual tinha chegado a esperar. Toda a família vivia da fé daquela mulher, como os homens vivem de pão; e os anjos de Deus inclinavam-se sobre o inconsciente menino, defendendo-o com o cuidado mais terno e murmurando palavras de amor aos seus ouvidos.

Finalmente, a mãe foi guiada pelo bom Espírito de Deus a tecer com juncos de papiro um cesto, calafetando-o com betume para torná-lo impermeável. Ali colocou seu filhinho, dando-lhe muitos beijos, colocou a tampa sobre seu doce rostinho e com suas próprias mãos o levou às margens do rio, colocando-o ternamente sobre os juncos que ali cresciam.

Ela sabia que a filha de Faraó viria a banhar-se ali e poderia ser que visse o menino e o defendesse. Ou, então, o Deus em Quem confiava a ajudaria de outro jeito. Mas em tudo isto não perdeu sua fé simples e firme. Ela bem que poderia cantar: **“O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?”** (Salmo 27.1-3). Quando dela se aproximavam os malfeitores, seus adversários e inimigos, para comer suas carnes, eles tropeçavam e caíam. **“Quando malfeitores me sobrevêm para me destruir, meus opressores e inimigos, eles é que tropeçam e caem.**

**Ainda que um exército se acampe contra mim, não se atemorizará o meu coração”.**

Maria foi deixada vigiando, sem nenhum pensamento de que algum mal poderia acontecer, quer partindo de mão inimiga, quer de algum animal feroz, mas simplesmente para ver **“o que aconteceria”** e Jocabede voltou para sua casa, lutando contra a ansiedade natural de uma mãe, mas com uma fé que se firmava no próprio braço do Senhor, certa de que não lhe faltaria, ainda que os céus caíssem e a pirâmides fossem atiradas ao leito do Nilo.

Isto é fé. Podemos ficar admirados com a fé de um homem que nasceu de semelhante mãe e foi criado em semelhante lar?

.oOo.

### 3

## QUANDO JÁ HOMEM FEITO

**“Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó”**

(Hebreus 11.24)

Tudo aconteceu segundo a fé da mãe. A princesa, acompanhada por um séquito de donzelas, veio às margens do rio para banhar-se.

Viu o cesto entre os juncos e mandou que uma de suas ajudantes o pegasse. No meio do pequeno grupo, a tampa do cesto foi retirada e seus olhos se encantaram ao ver o formoso rosto, enquanto seus corações ficavam comovidos pelo pranto do menino, que estranhou a falta da mãe e se assustou com aquelas cenas e com tantos rostos estranhos.

Imediatamente, o coração da princesa adivinhou o segredo. A proximidade das choupanas hebreias, as feições e a cor do menino, o fato difícil de uma mãe esquecer seu filhinho de peito, a repentina lembrança da severa lei que seu pai tinha decretado recentemente, tudo indicava a inevitável conclusão: **“Este é menino dos hebreus”**.

A intervenção de Maria, que ansiosamente tinha presenciado a cena, com sua sugestão ingênua de trazer uma hebreia para criar o menino,

resolveu o problema quanto ao que devia ser feito com a criança, quase no mesmo momento em que o problema apareceu.

Logo a mãe do menino esteve perante a princesa e recebeu de suas mãos a preciosa carga e, ao fazê-lo, será que não havia algo em seu movimento quase convulsivo que revelava àquele olho entendido o segredo do pequeno plano?

Se isto foi ou não assim, a história não o revela. E com que alegria a mãe derramaria seu coração quando o pequeno grupo esteve a sós em sua choupana!

A vida do menino estava segura sob a proteção da filha do próprio Faraó, que lhe disse: **“Cria-mo”**. E o pagamento prometido supriria todas as suas necessidades.

Deus tinha demonstrado mais uma vez **“que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o Seu poder que opera em nós”** (Efésios 3.20).

Não sabemos quantos anos o menino passou naquela humilde casa, talvez até completar quatro ou cinco anos, mas foi o tempo suficiente para que soubesse dos perigos e do sofrimento de seu povo; para conhecer as sagradas tradições de seu passado, que depois relataria com tão maravilhosa simplicidade no livro de Gênesis; e receber em seu coração o amor do único Deus, que chegaria a tornar-se a grande paixão e a estrela polar de sua carreira.

Os sacerdotes, os filósofos e os eruditos, provavelmente, fariam o possível para, depois, desviá-lo, mas estas coisas tinham sido introduzidas na crescente estrutura de sua alma e nunca poderiam ser retiradas dali. .

Quanto esta história deve animar as mães para que empreguem bem os primeiros anos em que seus filhinhos estão confiados aos seus cuidados! As circunstâncias em que os cuidados dos filhos devem ser confiados a outros deveriam ser excepcionais.

Finalmente, chegou o tempo em que Térmutis reclamou como seu o menino que tinha resgatado. Tinha chegado a ser tão formoso que, segundo Josefo nos diz, os que passavam pelas ruas paravam para admirá-lo e os trabalhadores paravam com seu serviço para vê-lo passar.

Sem dúvida, o coração da mãe sofreu amargamente quando deixou o filho entrar no mundo desconhecido, além da porta do palácio e deve ter ficado bem solitário o pequeno lar quando lhe deram os últimos beijos, as últimas instruções e se fez a última oração.

Que multidão de pensamentos ternos, de especulações curiosas e de ansiosos anelos devem ter acompanhado o pequeno favorito daquele lar

hebreu quando sua mãe o tomou e o levou à filha de Faraó e veio a ser seu filho!

Mas, no meio de tudo isto, a fé se fez preeminente e ela cria que Aquele que tinha livrado o menino dos perigos do Nilo o manteria puro e doce no meio das fascinações da corte.

Que magnífica terra devia ser aquela da qual falam Heródoto e os hieroglifos! Não havia chuvas, mas o Nilo trazia de longe a rica terra aluvial, que dava suficiente trigo para alimentar ao mundo todo; as margens do rio estavam repletas de cidades, vilas, templos e todas as evidências de uma grande civilização.

E as grandes pirâmides e figuras colossais se erguiam a mais de trinta metros de altura. Sete milhões de pessoas viviam nesta faixa verde do território e, embora a grande maioria deles fosse pobre e ignorante, as classes superiores e principalmente os sacerdotes, eram notáveis por sua familiaridade com muitas coisas que nos orgulhamos de conhecer agora.

## **A FLOR E A NATA DE TUDO FORAM DERRAMADOS NO CÁLICE DE MOISÉS**

Foi criado no palácio e tratado como o neto de Faraó. Se saía na rua era numa carruagem real, no meio de gritos: “Dobrem seus joelhos”.

Se navegava pelo Nilo, era numa dourada chalupa ao som de uma música sensual. Se desejava alguma coisa, os tesouros quase ilimitados do Egito estavam ao seu dispor.

Quando chegou à idade apropriada, provavelmente foi enviado a educar-se no colégio, que tinha sido estabelecido ao redor do Templo do Sol e que tem sido chamado “o Oxford do Antigo Egito”.

Ali deve ter aprendido a ler e escrever os misteriosos hieroglifos; ali também deve ter sido instruído em matemática, astronomia e química, em cujos estudos os egípcios eram sábios.

Ali também deve ter adquirido gosto pela música; de modo que, em anos posteriores, podia cantar alegres e triunfantes cânticos de vitória e compor poesias que conservaram a história das relações de Deus com Seu povo.

Quão maravilhosamente Deus o preparava para sua vida posterior. Disse Estêvão: **“Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios”** (Atos 7.22). Sem dúvida, grande parte desta sabedoria era vã, mas outra parte lhe foi muito útil quando se tornou o fundador de um novo estado.

Mas Moisés era algo mais do que um estudante real que passava seus anos no refinamento da cultura e no sossego dos eruditos.

## **MOISÉS ERA UM ESTADISTA E UM SOLDADO**

Estêvão nos diz que Moisés **“era poderoso em palavras e obras”**. Poderoso em palavras – eis o estadista; poderoso em obras – eis o soldado. Josefo diz que, quando estava ainda nos primeiros anos de sua virilidade, os etíopes invadiram o Egito, derrotaram o exército enviado contra eles e ameaçaram a cidade de Mênfis. Diante das circunstâncias, os oráculos foram consultados e, por sua recomendação, a chefia das tropas reais foi dada a Moisés.

Imediatamente, ele empreendeu a direção, surpreendeu e derrotou o inimigo e capturou sua cidade principal, Meroe, cidade de pântanos, voltando ao Egito carregado de despojos da vitória. .

Assim prosseguiu, ano após ano, até chegar aos quarenta anos.

Já lhe estavam designados os cargos mais importantes do Estado e parecia como se o rio de sua vida seguisse em todo o caudal, largura e profundidade de sua correnteza.

Mas, acima de tudo, um outro pensamento estava constantemente nele e paulatinamente foi diminuindo a importância de todos os outros, à medida que aquele crescia em sua alma. Não podia esquecer-se de seus pais, que eram escravos; que os escravos que gemiam nas olarias sob o chicote eram seus irmãos.

Nunca perdeu o pensamento daquele Deus a Quem sua mãe lhe tinha ensinado a orar e em seus momentos de maior alegria em seus triunfos, quando esgotava o cálice intoxicante do êxito terreno, não podia esquecer da impressão de que seu destino não o conduzia a semelhante ambiente, mas que, de alguma maneira, estaria associado com aquela promessa que tinha ouvido com tanta frequência dos lábios de sua mãe.

Pensamentos como estes frequentemente entristeciam de maneira estranha seu rosto, surpreendendo aqueles que o conheciam melhor. Sua mãe adotiva podia atribuí-los à saúde ou a algum amor não correspondido.

Seus amigos e companheiros zombavam de sua distração. Sua comitiva frequentemente discutia qual seria a causa de sua depressão.

O mistério permaneceu escondido em seu coração até que suas vagas impressões se tomaram firmes e com tanta suavidade como lhe foi possível deu a sua benfeitora a notícia de que já não podia permanecer na elevada posição a que ela o tinha elevado, isto é, chamar-se seu filho, mas que tinha que voltar à sua posição humilde a que pertencia por nascimento.

A notícia foi recebida talvez com lágrimas amargas e com ardente indignação por parte daquela a quem tanto devia, mas nenhuma destas coisas o afastou nem um pouco de seu propósito.

E que sensação deve ter sido a sentida na corte quando tornou-se conhecida sua decisão! Todos a discutiriam e certamente a interpretariam de maneiras diferentes!

Alguns a atribuiriam à mortificação ou zelo; outros, à presença em suas veias do sangue de simples escravos; outros, a algum plano para engrandecer-se a si mesmo de alguma maneira.

Todos devem ter tido compaixão pela princesa, cuja bondade parecia tão mal retribuída. Mas ninguém adivinhava a força ou a pureza do propósito oculto de Deus e nutrido por Seu bom Espírito.

## **1) NOTEM-SE OS NOBRES INGREDIENTES DESTA GRANDE RESOLUÇÃO A) FOI FEITA EM PLENA MATURIDADE DE SEUS POTENCIAIS**

O ardor impulsivo da juventude às vezes pode fazer com que um jovem diga: **“seu povo será o meu povo e seu Deus será o meu Deus”**. Mas não havia nada disso em Moisés. Foi a resolução deliberada de um homem que tinha visto muito na vida; que sabia tudo quanto podia apresentar-se; e que já estava na idade madura.

Não esperando ganhar nada, mas sabendo que perderia tudo, depois de um exame detido, desceu dos degraus do trono mais elevado do mundo.

## **B) FOI FEITA QUANDO OS FILHOS DE ISRAEL ESTAVAM NA CONDIÇÃO MAIS BAIXA**

Eram escravos, sofriam aflições e reprovações. Em lugar de palácio, havia choupana; em lugar de luxo, duras condições e comida comum; em lugar de respeito e honra, ódio e desprezo; em lugar de tesouros do Egito, pobreza e necessidade; em lugar de associação com os eruditos e aristocratas, associação com os ignorantes e depravados. Mas nenhuma destas coisas o comoveu; considerou-as como o pó insignificante da balança. Com uma resolução deliberada, dobrou a cerviz para receber o jugo, embora fosse áspero e pesado.

## **C) FOI FEITA QUANDO OS PRAZERES DO PECADO PARECIAM MAIS FASCINANTES**

Não se ganha nada afirmando que não há prazeres no pecado; eles existem. O fruto proibido é maravilhoso aos olhos e agradável ao paladar; os primeiros passos no caminho largo são dados num tapete forrado de flores; há notas doces no canto das sereias que arrebatam o coração. A tentação não teria força nenhuma se não fosse assim. O estremecimento do prazer é o sebo que o inimigo de nossas almas esconde no anzol. E Moisés não era insensível a tudo isto; no entanto, apesar de estar no clímax de sua força, nos anos de maior virilidade, e numa corte onde a continência e a pureza devem ter sido virtudes desconhecidas, ele renunciou a tudo isto.

#### **D) FOI UMA DECISÃO FEITA DE MANEIRA DECISIVA**

Muitos teriam tratado de reter a elevada posição e favorecer a seus irmãos escravizados, ao mesmo tempo; de praticar um culto exterior a Osíris e lealdade de coração ao Senhor; de preservar as boas relações com a corte e também no campo dos oleiros. Mas nem sinal de tais atitudes na renúncia que separou a Moisés de toda associação com as relações caras e fascinantes de sua juventude.

Será que há ocasiões em nossa vida em que temos que dar um passo semelhante?

Temos que morrer para muitas coisas que são agradáveis e atrativas a fim de levantar-nos para viver a nossa verdadeira vida.

Temos que ser sepultados para dar fruto; mutilados, para entrar na vida; temos que pôr nosso Isaque sobre o altar para poder chegar a ser guias dos fieis; voltar da porta de um alegre jardim para seguir um caminho mais difícil e pedregoso; renunciar ao que outros retêm sem repreensão por causa de algum propósito nobre que se fez sentir em nossa alma; escolher o Getsêmani, o Calvário, o sepulcro e o companheirismo com o Varão de Dores; estar dispostos a renunciar a amigos, riquezas, reputação e bom êxito e ser lançados como um náufrago a alguma praia solitária, por causa da visão que nos chama.

Os que têm feito algum destes sacrifícios podem entender, como não o podem entender outros, a nobreza e a grandeza da decisão de Moisés.

## **2) O PENSAMENTO QUE O LEVOU A ISTO: “PELA FÉ, MOISÉS RECUSOU...”**

A fé descansa em promessas; para ela a promessa equivale a seu cumprimento; embora tão somente tenha a primeira, atreve-se a contar com a segunda como se já se tivesse cumprido.

Importa relativamente pouco que o prometido nos seja dado; é segura e certa porque Deus deu Sua palavra a seu respeito e, com antecipação, já entra no seu gozo. Pesa as coisas que pode tocar e aquelas que nos são prometidas, porque entende que estas são tão reais quanto aquelas. Assim aconteceu com Moisés.

Ele cria na promessa dada por Deus a Abraão, segundo a qual, após quatrocentos anos de escravidão, Seu povo sairia livre e sabia que este período estava quase expirando. Tinha uma crença fervorosa na promessa feita ao povo escolhido de que, de entre eles mesmos, o verdadeiro Libertador se levantaria – uma crença vaga num Messias vindouro e que, apesar de sua vagueza, ele a retinha.

Cria que ao povo escolhido esperava, num futuro vindouro, um destino que sobrepujaria todo o esplendor e a pompa do magnífico Egito. Cria que lhes esperava; além dos limites do Egito, uma remuneração mais gloriosa que seus maiores prêmios e honras.

Evidentemente, esperava que seus irmãos cressem que o seu Deus os livraria por seu intermédio. E foi isto o que o decidiu.

Se tivesse agido simplesmente pelo que via, nunca teria deixado o palácio de Faraó. Mas sua fé estava nas coisas escondidas a seus contemporâneos e estas mudaram o curso de sua vida e o fizeram agir de uma maneira que para eles era incompreensível.

Não fechou simplesmente os olhos às demandas do Egito e se fortaleceu contra as ameaças de Faraó, isolando-se como um cidadão, embora esta podia ter sido uma decisão forte e sábia, mas fez o que fez porque viu pela fé o que o olho humano não tinha visto, nem o ouvido humano tinha escutado, nem coração tinha concebido e, sendo estas coisas (aquelas riquezas e aquela remuneração) muito melhores do que tudo o que o Egito podia oferecer, tomou resoluto e satisfeito o caminho da aflição, da abnegação e do vitupério que conduzia a elas.

Veja, filho de Deus, o que está ao seu alcance se tão somente se atrever a negar-se a si mesmo e tomar a sua cruz! Mande os espias à terra da promessa. Suba as montanhas deleitosas e ponha o telescópio diante de seus olhos.

E quando o longínquo e grande peso eterno de glória se apresente perante o seu olhar você estará preparado para considerar como perda e lixo tudo que lhe parecia ser vantagem, e verá que é indigno de qualquer comparação.

É difícil a renúncia? Não se esqueça de que Cristo está sofrendo com você. Suas pisadas estão neste mesmo caminho. É o **“vitupério de Cristo”**, é uma pequena fase de Seu sofrimento pelos sofrimentos de Seu povo. Ele conhece todos os passos deste caminho porque muitas vezes passou por ele em Sua própria experiência.

Não há outro consolo tão doce para a alma angustiada como a menção perpétua de Seu querido nome, como se sentisse que em todas as suas aflições Ele está aflito e que o Anjo da Sua presença anda a seu lado.

E quem pode considerar o resultado? A água brota da rocha ferida; a flor nasce da semente morta; o rio cristalino flui do acúmulo de pedras e barro trazidos pela ventania; o brilhante ouro emerge da mina escura e das chamas purificadoras.

Um êxodo e o nascimento de uma nação de homens livres foram o resultado desta grande renúncia.

.oOo.

## 4

# LIBERTAÇÃO PELA FORÇA BRUTA

**“Vendo um homem sendo tratado injustamente, tomou-lhe a defesa e vingou o oprimido, matando o egípcio. Ora, Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam”**

(Atos 7.24-25)

Houve um verdadeiro heroísmo no ato de Moisés descer do trono de Faraó para participar da sorte de seus irmãos. Poderia ter-se conformado enviando-lhes algum dinheiro dos tesouros do Egito, mas era coisa maior e mais nobre dar-se a si mesmo. E o verdadeiro instinto religioso de sua alma resplandeceu quando ele o fez.

Naquele ato houve uma revelação da fé que tinha sido acesa nele quando se ajoelhava ao lado de sua mãe na choupana de escravos e tinha

sobrevivido a todas as influências da corte egípcia, como uma fagulha vivendo no meio do negro carvão.

Ao mesmo tempo, tinha muito para aprender. Em dias futuros haveria de conhecer os caminhos do Senhor; Deus lho daria a conhecer (Salmo 103.7) e precisamente agora ele estava cheio de suas próprias ideias. Em dias futuros seria uma mão usada e fortalecida por Deus (Salmo 77.20), mas agora agia por sua própria energia: temerário, impetuoso, obstinado e indo para onde ele queria.

Em dias futuros seria o mais manso e menos importuno dos homens, extremamente consciente de sua própria fraqueza, e a cada passo olhando para cima, pedindo direção e ajuda, mas agora apoiava-se inteiramente em seu próprio entendimento e, sem tomar conselho de Deus, esperava ganhar a emancipação de seu povo por sua própria vontade, além do exercício de seu poder.

Tinha material para ser um santo, mas seriam necessários muitos anos de provas e uma vida solitária antes que esta natureza forte e obstinada fosse vencida, transformada em um instrumento útil para o uso do Mestre e preparada para toda boa obra.

A obra de Deus pode ser feita somente por instrumentos escolhidos por Ele e que têm que ser especialmente preparados para o serviço exigido deles. Aquela adaptação especial não é natural em nenhum de nós e só se alcança após anos de profunda disciplina.

## **1) A PRIMEIRA TENTATIVA DE LIBERTAÇÃO**

### **A) FOI MOTIVADA PRINCIPALMENTE PELA SIMPATIA HUMANA**

Assim que chegou a Gósen, seu primeiro ato foi sair e ver seus irmãos no meio de suas tarefas, trabalhando nas mais difíceis condições.

Fazer tijolos em poços de barro é um trabalho árduo, mas bem mais árduo era quando no Egito o sol derramava verticalmente seus raios sobre eles e um feitor estava a seu lado com um pesado chicote para castigar a menor tentativa de evitar ou escapar do trabalho!

Imaginemos agora um membro da corte, acostumado ao luxo, um homem erudito e de feitos poderosos, movendo-se entre estas fileiras de escravos. No princípio deve ter-lhe parecido mui estranho compreender que tinha parentesco com estes hebreus que trabalhavam, sofriam e morriam. **“Saiu a seus irmãos”**. E este sentimento logo deve ter-se transformado em compaixão ao ouvir a nação gemer por causa da servidão

e suspirar por causa de seus acumulados pesares. Sua alma deve ter ficado enternecida.

E logo aquela ternura se transformou em indignação contra seus opressores. E ali bem perto viu um dos feitores açoitando cruelmente a um hebreu; ao ver aquele espetáculo, os pesados golpes caindo sobre o corpo indefeso e trêmulo, não pôde refrear-se e lançou o malvado, morto ao solo, levando seu corpo e sepultando-o nas areias mais próximas, que sempre avançavam sobre as terras mais cultivadas do Egito.

Foi um ato de cavalheirismo, feito com boas intenções e próprio das emoções que tomavam conta dele, mas, o simples impulso de compaixão nunca teria sido suficiente para sustentá-lo através dos cansativos anos de caminhada pelo deserto. Sob as repetidas provocações do povo, teria terminado. Nunca poderia tê-los levado como uma ama junto ao seu seio, ou rogado que fosse tirado seu nome do livro da vida para que o nome deles permanecesse, nem teria intercedido a Deus por eles.

Nada menos que uma provisão da paciência divina, internada em sua alma como as ondas do oceano avançam numa praia, seria suficiente para as necessidades que lhe apareceriam naqueles terríveis anos futuros.

Não há uma lição aqui para muitos dos obreiros de Deus? Muitos não aprenderam a distinguir entre paixão e princípio, entre impulso e propósito fixo. Se se conta alguma história comovedora, se se faz uma petição comovedora de ajuda, ou se uma grande congregação é tomada por uma onda de entusiasmo, são os primeiros a ceder ao impulso, e dar voluntariamente seu serviço, a dar seu dinheiro e lançar-se na brecha.

Mas este não é o motivo mais elevado para o serviço cristão e certamente não é o mais permanente. Em pouco tempo acaba e os deixa como naufragos na praia. É muito melhor sacrificar o impulso natural a favor da forte convicção do que é reto e que Deus exige. Se empreendemos uma obra definida porque Ele nos chamou para a fazermos, porque nos é proposta como uma obrigação por amor a Ele, ou por sermos nós um meio por onde flui a correnteza de Sua compaixão temos alcançado um princípio de ação que nos sustentará no meio de decepções, fracassos e ingratidões. A maneira como os homens nos tratem não nos importará porque estamos fazendo tudo para Ele.

## **B) ERA PREMATURO**

O sinal que Deus daria para a libertação de Seu povo não seriam aqueles quarenta anos. A iniquidade dos amorreus não tinha enchido a medida, ainda que estava chegando às bordas do cálice (Gênesis 15.16). Sua própria educação estava incompleta; eram necessários mais quarenta

anos para livrá-lo de sua vontade própria, de sua dependência de si mesmo e fazer dele um vaso escolhido para o uso do Mestre.

O povo hebreu ainda não tinha chegado à grande angústia quando a morte de seu principal opressor parece ter produzido neles uma crise, levando-os a abandonar os deuses falsos a quem tinham dedicado sua vida, para voltarem ao Deus de seus pais (Êxodo 2.23).

Todos temos algumas experiências desta pressa. Achamos muito difícil permanecermos quietos enquanto nosso grande Boaz faz seu trabalho (Rute 3.18). Pensamos que o tempo da salvação de Deus devia ter chegado muito tempo antes que a hora soasse no relógio.

Como Saul, quando da iminente invasão dos filisteus, supomos que não podemos esperar outra hora e nos decidimos a oferecer o holocausto; ficamos inquietos ao ver a figura de Samuel aproximando-se lentamente pelo caminho montanhoso, enquanto as últimas fagulhas do fogo se extinguem e ouvimos de seus lábios a sentença de destituição por causa de nossa impaciência (1º Samuel 13.12, 14).

Bem que o Mestre pode dizer de nós, como em certa ocasião disse de Seus irmãos: **“O Meu tempo ainda não chegou, mas o vosso sempre está presente”** (João 7.6).

Gostaríamos de ter a graça para esperar em Deus, ainda que o terror da escuridão caísse sobre nós, o sono escurecesse nossos olhos e as cãs da velhice cobrissem nossas cabeças! Um golpe dado a seu tempo vale mais do que mil golpes dados com ansiedade prematura.

Não é para você, ó alma minha, conhecer os tempos e as épocas que o Pai determinou em Seu poder; confia somente em Deus, calada, porque dEle depende a sua segurança; espere junto às portas de Jericó por mais sete dias; não pronuncie palavra até que Ele mande; mas, quando Ele dê o sinal, com um grito alegre de triunfo, você entrará na cidade sobre o muro derrubado.

### **C) FOI REALIZADA NA CONFIANÇA E FORÇA HUMANAS**

Era mui natural que Moisés soubesse que podia fazer algo para melhorar a sorte de seu povo. Ele sempre tinha estado acostumado a fazer sua própria vontade. Uma multidão de servidores e de cortesãos serviçais tinham obedecido seu mais leve capricho. Com sua própria forte destra tinha aberto uma promissora carreira. Consciente de que possuía grandes energias e forças naturais que não tinham sido usadas e que certamente não tinham sido diminuídas por excessos físicos, cria que agora podia fazer algo digno. Faria com que aquela nação de opressores cambaleasse

ante seus golpes e certamente seria aclamado por seus irmãos como seu libertador enviado por Deus.

Foi uma crua surpresa quando, no dia seguinte, ao sair para continuar a tarefa que se tinha proposto e tentar fazer as pazes entre dois hebreus, um deles lhe disse: **“Quem te pôs por príncipe e juiz sobre nós?”**. Nunca tinha pensado receber oposição de um deles.

**“Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam”** (Atos 7.25).

Evidentemente, o tempo de Deus ainda não tinha chegado e nem podia chegar enquanto o calor de seu espírito não se tivesse evaporado lentamente com o ar do deserto e tivesse aprendido a mais difícil das lições, a que **“o homem não prevalece pela força”** (1º Samuel 2.9).

Temos sido levados muitas vezes a atribuir muito do triunfo do êxodo às qualidades naturais do grande líder, mas devemos lembrar-nos sempre que, no princípio, como os homens de Gideão, Moisés tinha muita força própria para agradar a Deus. Deus não pode dar a Sua glória a outrem. Ele não se atreve a confiar Seu poder aos homens até que estes estejam humilhados e despojados e conscientes de sua impotência.

O próprio Filho **“aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu”** (Hebreus 5.8) antes de poder dizer: **“Toda a autoridade Me foi dada no céu e na terra”** (Mateus 28.18).

O mais eminente dos santos tinha que sofrer com um espinho na carne para recordar-lhe sua fraqueza e confessou sua gratidão por isso, porque só sendo fraco é que era forte (2ª Coríntios 12.7-10).

Quando a alma está ensoberbecida, cheia de confiança em sua suficiência, o poder de Deus não pode utilizar aquela alma como meio para a Sua obra. É somente quando estamos prontos a ser considerados como vermes, como canas quebradas, como meninos, como insensatos, fracos, menosprezados, **“como coisas que não são”**, quando chegamos a saber que somos apenas meios para que opere em nós a força do Seu poder, a mesma que operou em Cristo quando O levantou de entre os mortos.

Precisamos deixar de confiar em nós mesmos antes que Deus possa começar a usar-nos. E, uma vez chegando a este ponto, não há limite para o que Ele possa efetuar no curso de uma única vida pelo fato de se revelar nela o Seu poder eterno.

#### **D) PENSAVA DEMAIS NO QUE OS OUTROS DIRIAM**

Nos é dito que Moisés **“olhou de uma e de outra banda”** antes de ferir ao egípcio e, quando soube que seu ato de vingança era conhecido,

temeu e fugiu (Êxodo 2.15). Supondo que ele tivesse sentido que tinha sido divinamente comissionado para executar juízo sobre o Egito; supondo que tivesse compreendido que a presença divina estava com ele, que lhe importaria que o vissem ou o que dele se pudesse dizer?

Fixando sua vista no movimento da nuvem divina, absorto na única paixão de fazer a vontade de Deus, certo de que era imortal até que tivesse terminado sua obra, teria sido completamente indiferente à aprovação dos homens. Quando os homens olham para todo canto para ver o que os outros estão fazendo ou dizendo podemos estar completamente seguros de que não sabem qual é o plano divino para eles; estão adiantando-se a Ele e estão agindo segundo a sua própria vontade, ainda que o atribuam a um zelo religioso.

Somente um único Servo perfeito pisou este mundo. E Ele nunca **“olhou de uma e de outra banda”**. Lá no alto, no cume da comunhão não alterada, recebeu o plano de Sua vida, cujos detalhes cumpriu diariamente e ]Ele foi o único que pôde dizer **“Aquele que Me enviou está comigo, não Me deixou só, porque Eu faço sempre o que Lhe agrada”** (João 8.29).

Que Deus nos conceda um simples olhar para que todo o nosso corpo esteja cheio de luz!

## **2) A FUGA PARA O DESERTO**

A notícia do primeiro esforço de Moisés chegou aos ouvidos de Faraó e quis matá-lo, mas Moisés temeu e fugiu da presença de Faraó.

Em anos posteriores e sob circunstâncias semelhantes, se diz: **“Abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei”** (Hebreus 11.27). E quando nos perguntamos qual a razão de seu valor, aprendemos que foi **“pela fé”, “porque permaneceu firme como quem vê Aquele que é invisível”**.

Mas, se assim foi posteriormente, por que não foi também na ocasião que estamos tratado? Será que não tinha fé no Deus invisível?

Por que seu coração não palpitava igual na primeira e na segunda crise? A razão é óbvia. A fé somente é possível quando estamos seguindo o plano de Deus e confiando em Sua promessa. É inútil pedir aumento de fé enquanto não cumpramos as condições da fé. É igualmente inútil gastarmos tempo em remorsos e lágrimas pelos fracassos tidos em nossa incredulidade.

A fé é tão natural às retas condições da alma como a flor para a planta. E, entre aquelas condições, a primeira é indagar qual é nosso lugar

no plano de Deus e entrarmos nele; e a segunda é alimentar-nos com as promessas de Deus. E quando cada uma destas condições seja cumprida, a fé vem por si mesma e nada se torna impossível.

A alma crente pode fazer tudo com Deus porque está andando no caminho apontado por Deus. Ela é como os trilhos através dos quais Deus vem ao homem em amor, graça e verdade.

Mas Moisés não estava em comunhão com Deus e, por isto, fugiu e atravessou o deserto que estava ente ele e a fronteira oriental. Passou pelas gargantas da península do Sinai, através das quais em anos posteriores conduziria o seu povo. E, finalmente, sentou-se, cansado, junto a um poço na terra de Midiã. Ali, repentinamente, viu-se forçado a intervir a favor das filhas do sacerdote de Midiã que, segundo parece, tinham que suportar diariamente a insolência dos pastores que se apropriavam da água que as pastoras retiravam para os seus rebanhos.

Nesse dia, porém, os pastores foram repreendidos e obrigados a deixar as moças em paz, as quais chegaram à sua casa mais cedo do que normalmente chegavam para dizer a seu pai, com o entusiasmo da juventude, que um egípcio as tinha livrado das mãos dos pastores.

Foi um ato louvável que não podia passar sem uma retribuição naquela terra hospitaleira e que abriu a porta da tenda do xeque.

Também veio a ser o meio de Moisés casar com uma daquelas pastoras e, mais tarde, propiciou-lhe a vida sossegada de pastor naqueles espaços abertos e tranquilos daquela maravilhosa terra que, em mais de uma ocasião, tem servido como uma escola divina.

Semelhantes experiências ocorrem conosco também. Apressamo-nos, pensando em fazer tudo do nosso jeito; damos alguns golpes em vão; temos que suportar uma cruel decepção e retrocedemos; atemoriza-nos a primeira palavra de desaprovação humana. Fugimos das cenas de nossos problemas para nos escondermos mortificados.

Então estamos escondidos do orgulho do homem, no segredo da presença de Deus. E ali a nossa visão se aclara: a lama cai da corrente de nossa vida, assim como o Ródano quando atravessa as profundas águas do lago de Genebra; nossa vida egoísta mingua; nosso espírito bebe no rio de Deus, que tem água em abundância; nossa fé começa a firmar-se em Seu braço e a ser o meio para a manifestação de Seu poder. Assim, finalmente saímos para sermos Sua mão que conduz um êxodo. “Isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos” (Salmo 118.23).

**.oOo.**

## 5

# O MARAVILHOSO COLÓQUIO

**“Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés!  
Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui!”**

(Êxodo 3.4)

### UM DIA MEMORÁVEL

Há dias na vida de todos nós que aparecem sem ser anunciados. Rostos de anjos do céu não nos olham; vozes angelicais não nos admoestam; mas, ao considerarmos tais dias em anos posteriores, compreendemos que desde então nossa existência tem sido diferente.

Talvez desejemos voltar à monotonia da vida que precede aquele dia, mas o anjo, com a espada desembainhada, proíbe nossa volta e exige que prossigamos adiante. Assim aconteceu a Moisés.

Aquela manhã era inteiramente igual a tantas outras. O sol saiu como sempre entre a neblina sobre a areia ou por cima dos picos nus das montanhas e, no decorrer do dia, começou a brilhar num céu sem nuvens, projetando suas sombras sobre as planícies e, ao chegar ao ponto mais elevado, lançou sua luz ardente em cada ponto do panorama embaixo. As ovelhas apascentavam como de costume na escassa erva ou jaziam à sombra de um grande penhasco, mas nada havia em sua atitude que sugerisse o pensamento de que Deus estava perto.

As formas gigantescas das montanhas, a expansão dos céus, o assombroso silêncio não interrompido por cantos de pássaros ou por zumbidos de insetos, tudo isto estava como tinha estado por quarenta anos e como ameaçava continuar depois de Moisés ter caído num sepulcro escuro e esquecido.

Então, de repente, um arbusto comum começou a resplandecer com o emblema da Divindade e de seu coração de fogo a voz de Deus rompeu o silêncio do tempo com as palavras que soaram aos ouvidos do pastor: **“Moisés, Moisés”**.

A partir deste momento, sua vida mudou. A porta que tinha levado tanto tempo para ser arrumada, de repente foi colocada em suas dobradiças e aberta. A pacífica quietude, a sossegada meditação, a

separação da contenda de línguas, a simples piedade do lar, onde ministrava o sacerdote de Midiã e de onde Zípora saía com seus filhos para dar-lhe as boas vindas quando Moisés regressava com seu rebanho, de repente se desvaneceram como uma porção de terra submergida sob o oceano. E saiu, sem saber claramente para onde, sabendo somente que não se atrevia a ser desobediente à visão celestial ou a recusar ouvir a voz de Quem falava.

Aquela mesma voz continua falando aos que têm o coração preparado para ouvi-la. Pela carta escrita ou pela página impressa, pela formosura de uma vida santa, pelo encanto de alguma lembrança preciosa, ou pela voz de algum ensinador que vive, o Deus das gerações passadas ainda continua a fazer conhecer a Sua vontade aos ouvidos do unguido.

Nossa vida não será tão satisfatória até compreendermos que Deus tem um plano para cada hora dela e quer revelar este plano ao coração amante e vivo, dando-lhe a conhecer por um dos muitos ministérios que Ele usa e que estão ao nosso redor.

Insensivelmente, pensamos que Ele é o Deus dos mortos que falou aos pais por meio de oráculos e de profetas, enquanto que o **EU SOU** é o Deus dos vivos e que passa por nossos caminhos, procurando corações que estejam suficientemente livres de seus próprios planos e atividades para prestar-Lhe atenção.

O ponto principal para nós é respondermos ao chamado de Suas palavras com o **“eis-me aqui!”**. A espera pode parecer demorada e pode parecer tardio o dia tão desejado e talvez o coração desfaleça, oprimido pela monotonia da vida, perdendo a esperança, mas sua oportunidade, amigo leitor, um dia chegará. Esteja sempre pronto! Não deixe que seus lombos estejam descingidos, nem que as lâmpadas estejam apagadas. Na hora em que você não espera, virá o Senhor.

Que alegria poder responder ao Seu chamado com o **“eis-me aqui!”**. Se aquela intimação nos fosse feita hoje, muitos de nós teríamos que pedir um prazo para podermos terminar alguma obrigação que tínhamos descuidado. Seria bom se tivéssemos o espírito livre e desembaraçado, estando prontos para ir a qualquer momento a qualquer lugar para onde o Senhor nos dirigisse.

## **UM ANÚNCIO NOTÁVEL**

Da sarça saiu a voz de Deus, misturando o passado, o presente e o futuro numa maravilhosa declaração. O passado: **“Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”**; o presente:

**“Vi a aflição do Meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios”;** o futuro: **“Vem, agora, e te enviarei a Faraó”** (Êxodo 3.6-10).

Estas palavras nos trazem à mente pensamentos profundos que devem meditar-se seriamente, especialmente pelos mais ocupados obreiros do Senhor. Estamos prontos a correr sem termos sido enviados, como fez Moisés em seus primeiros esforços bem intencionados, mas prematuros. Por nossa própria vontade, prontificamo-nos a fazer alguma coisa que precisa ser feita, suplicamos a Deus que nos ajude e vamos em frente, impulsionados por nossa própria energia, pelo menos por um dia.

Mas, no dia seguinte, quando surgem as queixas, repreensões e dificuldades, como aconteceu com Moisés, nos decepcionamos e deixamos o que estávamos fazendo; fugimos e nos escondemos no deserto.

E, em contraste com todo este esforço ineficiente, temos o que acontece com aqueles que têm aprendido a esperar em Deus! No devido tempo, estes O ouvem dizer: **“Desci... e te enviarei”**; a partir deste momento, não são promotores, mas instrumentos e agentes, mediante os quais Deus executa os Seus planos.

E as dificuldades que estes enfrentam? As veem chegar sem ansiedade; as suportam sem temor. Deus viu tudo quanto ia acontecer, mesmo antes da obra ser iniciada. Sem dúvida, Ele conhece um caminho para atravessar o deserto que parece intransitável. Ele sabe de uma porta pela qual se tem acesso ao que parece ser uma barreira inexpugnável. De todos os modos, a alma escolhida simplesmente tem que andar com Ele; tem que estar pronta para dar os recados que Ele exige, quer consistam em repreender reis, em levantar uma vara ou em dizer Suas palavras.

Isto é tudo. E então permanecer parado, vendo com que facilidade Ele abre passo através do mar e dá as provisões no deserto.

## **LONGANIMIDADE DIVINA NA PROVOCAÇÃO**

Em seu entusiasmo juvenil, Moisés teve a impetuosidade de fazer um esforço para emancipar seu povo com seus golpes e planos.

Mas já que Deus lhe propõe enviá-lo para dirigir o êxodo, se enche de temor com a proposta. Quão natural é isto! O estudante, quando na escola, crê que sabe tudo quanto pode aprender-se de certo ramo da ciência, mas, vinte anos depois, percebe que não dominou seus elementos, embora nunca tenha parado de estudá-lo. O crente que começou chamando-se **“o menor dos santos”** acaba chamando-se **“o maior dos**

**pecadores**". E Moisés, que se tinha antecipado a Deus com uma impaciência febril, agora recua, com seu coração desfalecido.

No princípio, desculpou-se: **"Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?"** (Êxodo 3.11). Havia aqui mais do que simplesmente humildade; havia um tom de desprezo de si mesmo, que era inconsequente com uma verdadeira fé na seleção e eleição de Deus. Cabe a Deus escolher Seus instrumentos especiais e, quando estamos persuadidos de que estamos cumprindo Seus propósitos, não temos o direito de duvidar da sabedoria de Suas decisões, nem de duvidar de Seu poder e vontade para atender a todas as nossas necessidades.

**"Deus lhe respondeu: Eu serei contigo"**. "Eu, cuja glória resplandece aqui; Eu, que sou inalterável através dos séculos como inalterável é esta sarça no meio do fogo; Eu, que não preciso da força e nem do combustível do homem; Eu, que fiz dos pais o que eles eram; Eu, que tenho uma natureza que não muda, te digo: **Eu serei contigo**".

Que segurança havia aqui! E algo disto nos é dito quando somos chamados a empreender alguma coisa nova. Temos sido chamados à comunhão com o Filho de Deus, o Qual morreu por nós para que naquele dia, quer estejamos velando ou dormindo, vamos viver junto com Ele. Ele está conosco todos os dias até o fim dos séculos (Mateus 28.20). Nunca nos deixará nem nos desampará. "Não temas", parece dizer-nos, "Eu sou contigo; Eu, que não mudo e que, sem Mim, nenhum passarinho cai ao solo. Não passará nem uma hora sem que Eu te acompanhe; não passarás por nenhuma dificuldade sem a Minha cooperação; não atravessarás nenhum Mar Vermelho sem a Minha destra; não andarás nem um quilômetro no deserto sem o Anjo da Minha presença".

Nossos dias são bem diferentes. Às vezes, ao abrir a porta, vemos um mundo inundado de luz; às vezes, um céu coberto de negras nuvens; a seguir, funerais; depois, as bodas; há horas em que se vive no luxo e outras, no meio de dificuldades; mas nada pode separar-nos de nosso Divino Companheiro. Nada, a não ser a aflição inútil ou o pecado consentido.

Em sua desculpa, Moisés declarou ser incapaz de responder se lhe perguntassem o nome de Deus. E isto foi contestado com a proclamação do nome que comove o espírito: Jeová, **"Eu sou o que sou"** (Êxodo 3.14). Aqui temos a unidade de Deus, com a exclusão dos muitos deuses do Egito; a imutabilidade de Deus, que vive em um eterno presente; a suficiência de Deus, que não tem igual. Nenhuma outra palavra pode descrevê-lo. Depois de falar tudo que seja possível, temos que voltar a esta: Deus é Deus.

A palavra Jeová não era inteiramente desconhecida para Moisés, porque ela entrava em o nome de sua mãe Joquebede, que quer dizer “Jeová, minha glória”, mas agora, pela primeira vez, foi adotada como o título único com que Deus havia de ser conhecido em Israel.

Lentamente foi introduzindo-se na fé do povo e, sempre que é usada, fala da Sua existência por Si mesmo e das qualidades redentoras da natureza de Deus. Esta palavra está encerrada em o nome de nosso Salvador: JESUS.

Toda a vida posterior de Moisés e de Israel foi inspirada por este nome. Em todas as partes de sua história, o pensamento do que Deus era e do que seria para eles soava com um repique de sinos.

E para nós é de grande significação. **“Este é o Meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração”** (Êxodo 3.15). E quando descobrimos sua plena significação, é como se Deus pusesse em nossas mãos um cheque para que o preenchêssemos como quiséssemos.

Estamos no escuro? Acrescentemos ao EU SOU as palavras O PÃO DA VIDA. Precisamos de defesa? Acrescentemos as palavras O BOM PASTOR. Estamos fatigados? Acrescentemos SILO, O DOADOR DE DESCANSO. **“Nele habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também nEle estais aperfeiçoados”** (Colossenses 2.9, 10).

A terceira desculpa de Moisés foi que o povo não creria nele, nem escutaria sua voz. Mas Deus lhe respondeu bondosamente mostrando-lhe milagres que poderia fazer no Egito. **“Que é isso que tens na mão?”** E ele respondeu: **“Uma vara”** (Êxodo 4.2). Provavelmente fosse apenas o cajado de pastor. Mas como seria importante futuramente! Aquela vara seria estendida sobre o Mar Vermelho, apontando um caminho através de suas profundidades; feriria a dura pedra; ganharia a vitória sobre o exército de Amaleque; seria conhecida como a vara de Deus.

Quando Deus precisa de um complemento para o Seu serviço, não escolhe o cetro de ouro, mas o cajado de um pastor; a coisa mais fraca que possa encontrar: um chifre de carneiro, um pão de cevada, uma funda de pastor. Uma vara nas mãos de Deus é mais poderosa que o maior exército.

Atendendo a ordem de Deus, Moisés lançou a vara ao solo e ela se transformou em uma serpente. No culto egípcio, a serpente tinha um papel muito importante. Então ela se agitava no solo e procurava atacá-lo, fazendo com que Moisés fugisse dela, o que era um sinal do poder do Egito diante do qual Moisés tinha fugido.

Mas Deus mandou que ele a pegasse pela cauda e com que facilidade tornou-se novamente uma vara! Era uma lição de fé. Se Moisés fizesse

tudo conforme Deus lhe mandava fazer, Faraó, seus sacerdotes e toda a força do império egípcio seriam igualmente submissos.

O segundo sinal foi ainda mais significativo. Sua mão escondida junto ao peito, tornou-se leprosa e, a seguir, ficou pura e limpa. Foi como se Deus reconhecesse sua contaminação moral e lhe ensinasse que poderia ser purificado tão facilmente como a sua carne o tinha sido, por Sua graça perdoadora.

E o terceiro sinal que lhe foi prometido, o da transformação da água do Nilo em sangue, estava cheio da terrível ameaça para os deuses do Egito, cujo povo dependia completamente de seu rio, adorando-o como se fosse um deus.

Faremos bem em meditar nestes sinais significativos. Não somos apenas varas e varas que antes eram serpentes? No entanto, Deus pode fazer grandes coisas por nosso intermédio se tão somente estivermos dispostos a ser manejados por Ele. Estamos contaminados com a lepra do pecado? No entanto, podemos ser limpos e puros como aquela mão junto ao peito de Moisés. São muitos os nossos inimigos?

Eles também são Seus inimigos e Ele vai enchê-los de confusão.

## A ÚLTIMA DESCULPA

Moisés apresentou sua falta de eloquência. **“Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a Teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua”** (Êxodo 4.10). Provavelmente, Moisés, como Oliver Cromwell, não era homem de muitas palavras. Mas Deus estava disposto a contestar também esta desculpa, com Sua graça e paciência. E, se Moisés tão somente tivesse querido confiar nEle, é provável que Deus teria acrescentado o dom de uma oratória persuasiva aos outros dons com que tão abundantemente foi dotado. **“Respondeu-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou Eu, o Senhor? Vai, pois, agora, e Eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar”** (Êxodo 4.11-12).

Mas Moisés não quis crer e a ira divina acendeu-se contra ele. O Senhor terminou o diálogo com ele, dizendo-lhe que enviaria Aarão com ele para ser seu companheiro e falar por ele. Teria sido mil vezes melhor para ele crer em Deus do que ser deposto do primeiro lugar.

Aarão fez o bezerro de ouro, cometeu pecado em Israel e se tornou um espinho na vida do santo de Deus. E provavelmente, diante de seus

contemporâneos, Aarão tenha recebido mais atenção e mais honra e crédito por ocasião do grande livramento.

## **A DECISÃO FINAL**

Moisés foi mui mesquinho. **“Ele, porém, respondeu: Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar, menos a mim”**. Era como se ele dissesse: “Já que estás resolvido a enviar-me e tenho que tomar esta responsabilidade, que seja assim; mas que bom teria sido se tivesses escolhido a outro. Eu vou por obrigação”.

Frequentemente, retrocedemos diante do sacrifício ou da obrigação a que Deus nos chama. Parece-nos que vamos para a destruição. Apresentamos nossas razões para fugir da vontade divina, mal compreendendo que, se ele nos leva a sair do sossego do lar, é para uma carreira que, entre outras experiências, inclui o cântico de vitória nas praias do Mar Vermelho; os dois períodos de quarenta anos de comunhão com Ele; o Seu rosto resplandecente; a visão da glória; e a honra suprema de estar ao Seu lado no Monte da Transfiguração.

.oOo.

## **6**

# **RUMO AO EGITO**

**“Moisés... voltou para a terra do Egito. Moisés levava na mão a vara de Deus”**

(Êxodo 4.20)

O fogo da sarça se apagou; a luz que sobrepujava o resplendor do sol se extinguiu; a voz se calou; e Moisés olhou ao seu redor, vendo as ovelhas e as montanhas, com a admiração de um homem que desperta de um êxtase. Tinha sido a hora suprema de sua vida, para a qual todos os anos anteriores tinham estado preparando-o e que marcaria todos os anos vindouros.

## **PRIMEIROS PASSOS PARA O REGRESSO**

Lenta, pensativa e talvez penosamente preparou-se para obedecer ao mandado celestial. Reunindo seu rebanho, o conduziu desde o deserto onde estava, com sua amplidão, severidade e intenso silêncio, para Midiã, o lugar de sua tribo, onde as vozes e os interesses humanos poderiam influenciar.

**“Saindo Moisés, voltou para Jetro, seu sogro”**. Casando-se na tribo onde Jetro era o xeque, Moisés tinha precisado adotar certos costumes antigos que ainda prevalecem, invariáveis como o mundo da natureza, entre os filhos do deserto. Um destes costumes exigia que qualquer membro da tribo tinha que pedir e obter licença antes de uma longa viagem que implicasse seu afastamento do acampamento. Esta permissão Moisés a procurou: **“E lhe disse: Deixa-me ir, voltar aos meus irmãos que estão no Egito para ver se ainda vivem”** (Êxodo 4.18).

Provavelmente, não tenha dito nada a respeito da visão que teve, nem da missão que lhe tinha sido dada; e foi uma reserva nobre. Conservamos a força espiritual quando evitamos falar de nossas experiências com o Senhor. Às vezes é necessário falar delas para explicar nossas razões de agir de determinada maneira ou para levar outras almas a terem as mesmas experiências, mas tira a delicadeza de nossa comunhão com Deus estar sempre falando a respeito de tais experiências.

Não é próprio do amor mais profundo descobrir seus encantos aos olhos dos escarnecedores. É muito mais importante que tais homens vejam e aproveitem os frutos de tal companheirismo e não que sejam admitidos a conhecer seus segredos íntimos. Assim, Moisés apenas pediu permissão para partir pelo mesmo caminho por onde tinha vindo quarenta anos antes.

Sem dúvida, o pedido trouxe surpresa e pesar a toda a família. Nunca tinham suspeitado que aquele nobre coração anelasse ver de novo a terra onde seus parentes eram escravos.

Parecia ter-se identificado completamente com eles. E sua saída implicaria na saída também de sua esposa e filhos, sendo que um deles parece que tinha nascido recentemente. No entanto, não lhe foi colocado nenhum obstáculo e a licença lhe foi concedido com a resumida resposta: **“Vai-te em paz”**.

Mesmo assim, deteve-se. Aqueles quarenta anos tinham feito uma obra tão completa que seu espírito impulsivo e arrojado agora estava moderado e aquele que antes tinha-se adiantado a Deus, agora ficava para trás. Não se apressou a ir.

Será que receava o tumulto daquelas cidades abarrotadas de homens ativos? Será que estava sentindo o peso dos anos, não tendo disposição para grandes esforços? Será que amava tanto o silêncio daquelas regiões desertas e o companheirismo daquelas grandiosas montanhas e sentia separar-se delas? Será que duvidava da segurança de sua pessoa se se expusesse ao ódio do rei e da corte?

Não sabemos qual a razão; nosso único ponto é observar a maravilhosa transformação que tinha sido efetuada em sua vida interior: a deliberação, o senhorio de si. Porque estas qualidades predominavam tanto que foi necessário que Deus tornasse a dizer-lhe em Midiã: **“Vai, torna para o Egito, porque são mortos todos os que procuravam tirar-te a vida”** (Êxodo 4.19).

Levado por esta segunda ordem, da mesma maneira como aconteceu com Abrão na segunda vez que Deus lhe falou, quando morreu seu pai Terá, Moisés preparou-se para ir ao Egito. Foi uma caminhada simples e lembra-nos de outra, semelhante em sua humildade, ainda que séculos depois, em que se viajou através deste mesmo deserto para o mesmo país.

Moisés, no entanto, foi como o servo que era fiel em toda a sua casa, mas o infante que Maria carregava era o Filho que tinha construído a casa e vinha para viver nela para sempre (Mateus 2.13).

Imaginemos, pois, aquela partida. Zípora, sentada sobre o jumento, talvez levando em seu colo o menino recém nascido, enquanto o marido e pai caminhava a seu lado. E em sua mão levava a vara sagrada, que era apenas a vara do pastor, mas que agora era a vara de Deus, destinada a ser usada para realizar atos de poder transcendental, recordando-lhe sempre o que as coisas fracas podem fazer quando manejadas por mãos fortes.

Três coisas aconteceram naquela viagem:

## 1) OUTRA REVELAÇÃO

**“E disse o Senhor a Moisés:...”** (Êxodo 4.21). Deu-lhe um maravilhoso resumo dos acontecimentos que sucederiam, poucos meses depois, desde a transformação da água em sangue até a morte dos primogênitos.

Isto está em harmonia com um dos maiores princípios no reino moral e espiritual. Só aprendemos quando procuramos obedecer. A luz nos é dada para conhecermos o próximo passo que devemos dar e precisamente a luz suficiente, e nada mais; um raio de luz cercado de escuridão, caindo como um fraco círculo sobre nosso caminho.

Daremos este passo? Vacilamos porque não podemos ver o que vem a seguir; ou porque não percebemos o porquê e não estamos satisfeitos de agir na convicção de um dever conhecido; ou porque receamos o desfalecimento de coração e a humilhação. Mas, enquanto recusamos agir, aquela luz não pode aumentar, antes começará a minguar. A obediência é a única condição para sua intensificação e até para sua manutenção.

Talvez você esteja envolto numa escuridão como a que envolveu o rei Saul no fim do seu agitado reinado, quando o Senhor não lhe respondia **“nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas”** (1º Samuel 28.6). Já faz muito tempo que você ouviu Sua voz ou viu Seu rosto. E assim como aconteceu com Saul, assim está acontecendo a você. A desobediência é a causa. Você deixou de obedecer os mandamentos divinos; desobedeceu

a clara palavra do Senhor. E, enquanto você não volte ao lugar onde deixou cair o fio da obediência e o tome, você não tornará ao círculo fervoroso e abençoado de Sua presença, onde se vê Seu sorriso e se ouve Sua voz.

Faça o que você sabe que é a palavra e a vontade de Deus. Então, quando você começar a obedecer, a voz de Deus será ouvida com o mesmo tom familiar de outrora.

## **2) UM RITO PREPARATÓRIO**

Parece que na pousada Moisés foi tomado por uma enfermidade repentina e perigosa e esteve a ponto de morrer.

Que fato tão estranho e terrível! Aquele que tinha sido destinado a ser o libertador de Israel morrendo no meio da batalha e confusão de uma região oriental; que fosse cancelado seu chamado; que sua esposa, agora viúva, voltasse para sua tribo; que deixasse seus filhos órfãos; e que seu povo continuasse não emancipado.

Mas, no meio daquela hora horrorosa, a consciência fez tranquilamente sua obra e esquadrinhou o segredo de seu coração como uma tocha bem acesa. Com que frequência temos experimentado semelhante trato das mãos do Senhor! Temos passado a noite num banho de fogo; temos sofrido até quase ficarmos loucos; temos descido às profundezas do oceano da dor; e, ao erguer nossos cansados olhos para Deus e perguntar a razão da disciplina tão rígida, Ele nos faz recordar algum pecado secreto ou dever não cumprido.

Parece que, por algum motivo, Moisés tinha descuidado do rito da circuncisão em um de seus filhos, talvez no recém nascido. Talvez fosse pela aversão de Zípora a tal rito. Moisés deixou o caso à vontade dela, mas, como cabeça do lar, ele era responsável pela omissão.

Não podemos livrar-nos das responsabilidades que o Senhor tem colocado sobre nossos ombros. O marido não deve transferi-las para a esposa, nem a esposa tirá-las do marido. E, enquanto Moisés parecia estar entre a vida e a morte, foi lembrado disto e foi obrigado a insistir na realização do rito. Era relativamente uma coisa trivial, insignificante para os homens; no entanto, não há coisas triviais relacionadas com os tratos do homem com Deus.

Grandes princípios estão relacionados com atos mui insignificantes, assim como grandes pontes estão assentadas sobre pequenas colunas.

Às vezes, o egoísmo está mais arraigado numa coisa pequena do que em uma coisa grande. E Deus fez Moisés esperar no umbral da grande empresa de sua vida porque o rito da circuncisão não tinha sido administrado a um recém nascido.

Podemos estar conscientes de termos sido destinados a fazer uma grande obra para Deus e, no entanto, estar recusando cumprir com uma pequena responsabilidade. A desobediência impedirá nosso progresso,

como a pedra no sapato nos incomoda ao caminhar. Nunca esqueçamos a lição de que nossa maneira de agir nos atos comuns da vida está decidindo nosso destino. O que fazemos agora afetará nosso futuro, fazendo-nos ou emancipadores de nosso povo ou cadáveres que embranquecem nas areias do deserto.

Há uma passagem notável em um dos profetas menores em que Deus diz: **“De todas as famílias da terra; somente a vós outros vos escolhi; portanto, Eu vos punirei por todas as vossas iniquidades”** (Amós 3.2). Quanto mais preciosos sejamos para Deus, mais cuidado terá em corrigir-nos. Quanto mais qualidades idôneas para dar fruto ele nos dê, mais severamente seremos podados. Os metais mais finos, os mais raros, são expostos ao calor mais intenso.

E foi por Moisés ter de ser usado tão eminentemente que foi submetido a uma disciplina mais rígida por Deus. Anime-se, filho de Deus que sofre! Deus castiga porque ama você e está querendo usá-lo. Esquadrinhe sua vida e descubra se há nela coisas más que entristecem a Deus e abandone-as; ou, se você acha impossível tirá-las de sua vida, suplique ao Sacerdote que Ele as tire porque, ainda que Seu ato cause dor, Ele tem uma espada aguda de dois fios que penetra até ao limite da alma e do espírito. Então Ele retirará Sua mão castigadora. **“Assim, o Senhor o deixou”**.

A manifestação da incompatibilidade de Zípora para com o rito, depois de realizado, parece ter feito com que Moisés achasse prudente não a levar consigo e resolveu deixá-la com seu próprio povo até que se consumasse o livramento do povo hebreu. Isto seria mais fácil, pois que Deus lhe tinha dito que conduziria o povo por aqueles mesmos caminhos desertos rumo a Canaã (Êxodo 3.12).

E aconteceu segundo a sua fé, pois que lemos que depois **“veio Jetro, sogro de Moisés, com os filhos e a mulher deste, a Moisés no deserto onde se achava acampado, junto ao monte de Deus”** (Êxodo 18.5).

Não devemos seguir sempre este exemplo de desfazer-nos dos vínculos familiares para fazer a obra de Deus. Ao mesmo tempo, o homem deve seguir adiante, cumprindo o plano divino para sua vida, não dirigido pelos membros de seu lar, antes levando-os consigo em uma obra comum. As circunstâncias devem ser muito excepcionais quando afetam o círculo íntimo do lar, mas quando tais circunstâncias se apresentam serão tão evidentemente indicadas pela presença de Deus que não trarão reprovação nenhuma sobre Seus servos.

### **3) UMA ALIANÇA FRATERNAL**

Recobrado de sua enfermidade, mas agora só, Moisés, tendo-se despedido de sua mulher e de seus filhos, empreendeu de novo sua viagem, desfilando entre as gargantas de pedra arenosa, por onde tinha passado quarenta anos antes.

Mas como tudo parecia diferente! Ele mesmo era diferente. Não era mais um homem decepcionado, irritado com o sentimento de um fracasso recente, mas estava fortalecido no Senhor, no poder de Sua força, consciente de uma grande missão e da presença de um Anjo ao seu lado que seria seu companheiro em toda dificuldade.

Sabia que o mesmo poder que o fazia avançar trazia para ele um irmão que não tinha visto fazia quarenta anos. E como palpitavam os corações de ambos com o pensamento de ver-se novamente! Quão ansiosamente cada um se apressaria com seus passos! Com que anelo olharia cada um a figura do outro ao longe! E, finalmente, Deus preparou tudo para que se encontrassem no Monte de Deus, onde a sarça tinha ardido e a voz de Deus tinha chamado a Moisés para deixar de pastorear um rebanho de ovelhas e ser pastor de uma multidão de pessoas.

Que saudações! E **“o beijou”**. Que troca de confidências! **“Relatou Moisés a Arão todas as palavras do Senhor, com as quais o enviara, e todos os sinais que lhe mandara”** (Êxodo 4.28). E quantas perguntas Moisés devia estar fazendo a respeito dos seres a quem tanto amava!

Assim estamos nós. Deus sabe onde está nosso Arão, a alma gêmea que precisamos ter a nosso lado para cumprirmos a obra de nossa vida. Pode ser que esteja muito longe. Mas Ele está aproximando-a de nós e nós dela. Zípora vai embora, mas vem Arão. E não deixaremos de encontrá-lo, pois que Ele é nosso Guia.

Vivamos em Sua providência e amor e, finalmente, tudo dará certo, de maneira que nos encontraremos no Monte de Deus, em algum lugar consagrado, em algum abençoado retiro escolhido por Ele mesmo. E o abraço, a alegria, o beijo de boas vindas, nos farão esquecer, em êxtase, os quarenta anos de desterro, solidão e pesar.

.oOo.

## 7

# FRACASSO E DECEPÇÃO

**“Então, Moisés, tornando-se ao Senhor, disse: Ó Senhor, por que afligiste este povo? Por que me enviaste? Pois, desde que me apresentei a Faraó, para falar-lhe em Teu nome, ele tem maltratado este povo; e Tu, de nenhuma sorte, livraste o Teu povo”**

(Êxodo 5.22-23).

Numa comunhão afetuosa, os nobres e veneráveis irmãos chegaram ao Egito e, em obediência ao mandato divino, chamaram os anciãos de Israel para uma reunião, na qual apresentariam suas credenciais e anunciariam a mensagem divina que lhes tinha sido confiada.

## **A ENTREVISTA COM OS ANCIÃOS**

Deve ter sido uma reunião notável, talvez a primeira a ser realizada. Esta nação oprimida nunca tinha tido a ousadia de dar semelhante passo rumo à autonomia nacional. Não nos é dito se houve alguma tendência destes anciãos, que eram provavelmente os cabeças de suas famílias e tribos, a duvidar do direito dos dois irmãos para convocá-los. Provavelmente esqueceram as pretensões anteriores egoístas, em um esforço unido a favor do seu povo e provavelmente relataram muitas histórias da vida e dos feitos de Moisés, antes de sua repentina deportação voluntária, o que os dispunha a obedecer seu chamado e reunir-se em algum lugar conveniente dentro do território em que viviam.

Quando todos estavam reunidos, Aarão relatou em nome de Moisés, que provavelmente estava a seu lado sem dizer palavra alguma, as grandiosas palavras ditas junto à sarça (Êxodo 3.16-22).

Não sabemos como foram recebidas. Talvez o temor que Moisés sentiu quando disse: **“Mas eis que não crerão, nem acudirão à minha voz, pois dirão: O Senhor não te apareceu”** (Êxodo 4.1) se cumprisse. Pode ser que os longos anos de escravidão tivessem feito extinguir suas esperanças e desanimado seu espírito ao ponto de não poderem compreender que a hora da libertação já tinha chegado.

Da mesma maneira como os que estavam em casa de Maria não podiam compreender que Pedro, por cuja libertação tinham estado rogando, estivesse junto à porta (Atos 12.9-19), assim também lhes era impossível crer que os dias de sua escravidão tinham chegado ao final e que os ponteiros do relógio indicavam a hora da emancipação.

Nesta hora, provavelmente os irmãos fizeram os sinais que Deus lhes tinha dito: a vara transformada em serpente, a mão leprosa sendo curada e a água do rio convertida em sangue ao ser derramada na terra (Êxodo 4.2-9). Os sinais produziram convicção e a notícia se espalhou entre todos os da nação, foi murmurada de choupana em choupana e contada a meia voz entre os escravos das olarias. **“E o povo creu; e, tendo ouvido que o Senhor havia visitado os filhos de Israel e lhes vira a aflição, inclinaram-se e O adoraram”** (Exodo 4.31).

## A AUDIÊNCIA COM FARAÓ

A seguir, os irmãos foram a Faraó com o pedido para que deixasse ao povo realizar uma festa no deserto. Isto foi feito de conformidade com a direção divina (Êxodo 3.18) e era uma coisa razoável. Um povo tão melindroso como eram os egípcios bem podia entender que Israel preferia observar seus ritos onde não pudesse ser visto por estrangeiros, nem sofrer o contágio do culto religioso ao seu redor.

Além disso, era como pedir um breve descanso, após anos ininterruptos de trabalho incessante. Não se manifestou tudo o que eles desejavam, mas, como já sabiam que Faraó não os atenderia, tiveram todo o cuidado de evitar que a recusa de Faraó fosse em função de exigências exageradas.

Provavelmente tenha sido no auditório de um esplêndido palácio, onde Faraó recebia embaixadores e autoridades, que tiveram sua audiência. Que sentiria Moisés ao entrar como suplicante naqueles recintos onde tinha desempenhado um papel tão importante anos atrás? Aarão e ele disseram as palavras que repercutiram como um trovão no auditório: **“Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Deixa ir o Meu povo, para que Me celebre uma festa no deserto”** (Êxodo 5.1).

Para poder apreciar a audácia do pedido, devemos lembrar o poder e a autoridade sem limites que se arrogavam os monarcas egípcios. Cada Faraó era o filho do Sol. Era apresentado como o mimado dos deuses e assentado com eles nos santuários de seus templos para receber culto igual ao deles. “Pela vida do Faraó”, era o juramento supremo. Sem o Faraó, nenhum homem podia levantar mãos ou pés no Egito. Para ele era o grande Egito. Para ele todos os outros homens viviam, sofriam e morriam. Para ele o grande Nilo fluía de fontes desconhecidas para fertilizar o solo. Para ele grandes exércitos de sacerdotes, magos e cortesãos trabalhavam e ministravam. Desde seu alto trono via as miseráveis multidões de povos subjugados, indiferente às suas misérias. Que eram suas lágrimas e gemidos e o lamento de sua escravidão senão um sacrifício elevado para ser oferecido à sua exaltada majestade?

Além disso, aquele monarca recentemente tinha conseguido, por meio de seus generais, grandes vitórias e estes êxitos tinham aumentado muito seu arrogante orgulho. Assim, pois, foi com um desprezo enorme que respondeu ao pedido divino: **“Quem é o Senhor para que Lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir a Israel”** (Êxodo 5.2).

O ponto importante na resposta está na palavra **obedecer**. Ele viu que aqueles homens não se apresentaram a ele com uma súplica, mas com uma ordem da parte de Um que seria autoridade superior a ele. Isto o feriu profundamente. Ele também era deus. Quem era este outro Deus, mais forte do que ele, que ousava dar-lhe tal ordem? Um Deus cuja existência ele tinha ignorado até aquele momento! O Deus de uma tribo de escravos! E como ousavam eles falar de uma Divindade na presença dele, e no meio de sacerdotes, cortesãos e altos oficiais do Estado?

Os irmãos responderam insistindo na sua mensagem e dizendo-lhe como o Deus dos hebreus os tinha encontrado e suplicando-lhe, em um tom mais grave, que se lhes permitisse fazer o que Deus lhes havia exigido. Mas o rei recusou crer que sua súplica fosse genuína e insistiu encarar o pedido como um desejo de fugir do trabalho e um pretexto para ociosidade.

Voltando-se bruscamente para os dois irmãos, os acusou de interromper os trabalhos de seu povo e mandou-os aos seus trabalhos nas olarias. **“Por que, Moisés e Aarão, por que interrompeis o povo no seu trabalho? Ide às vossas tarefas”**. Que afronta havia nas suas últimas palavras! Faraó já tinha começado a endurecer o seu coração!

E assim terminou a audiência; então os irmãos, passando pelos corredores repletos de pessoas, ouviram o riso burlesco da corte.

Uma cena bem diferente daquela deveria ser vista ali alguns meses depois, quando chegasse a notícia da derrota do monarca no Mar Vermelho, a última etapa do conflito entre ele e o Deus dos hebreus, cujo nome tinha ouvido aquele dia pela primeira vez.

## **FRACASSO E DECEPÇÃO**

Neste mesmo dia, foi promulgada uma nova ordem no palácio, feita pelo próprio Faraó, aos feitores do povo. E provavelmente antes do anoitecer, a ordem já estava sendo cumprida pelos capatazes que cuidavam dos hebreus e que eram os responsáveis de que se entregasse diariamente um determinado número de tijolos. A ordem era que não deviam esperar que se lhes desse mais palha, embora a mesma tarefa diária devesse ser cumprida. **“Daqui em diante não tornes a dar palha ao povo, para fazer tijolos, como antes; eles mesmos que vão e ajuntem para si a palha. E exigireis deles a mesma conta de tijolos que antes faziam”** (Êxodo 5.7-8).

Seguiu-se um tempo de angústia terrível. Os capatazes nomearam alguns homens para que se espalhassem pelo país à procura de palha, onde quer que a encontrassem e para que o fizessem rapidamente. No

entanto, ao contarem-se os tijolos inevitavelmente havia falta. Em vão os capatazes os apressavam: **“Acabai vossa tarefa, a tarefa do dia, como quando havia palha”**.

Em vão eram chicoteados os cabeças dos filhos de Israel a quem os capatazes tinham posto sobre o povo. Era como se toda uma tripulação, nua até a cintura, trabalhasse para jogar fora a água que penetrava na embarcação e estivesse entrando mais água do que era retirada; o nível de água não baixava e, no fim, seria melhor afogar-se do que fugir da agonia da ansiedade.

Já não podiam suportar mais e resolveram apelar pessoalmente a Faraó. **“Então, foram os capatazes dos filhos de Israel e clamaram a Faraó, dizendo: Por que tratais; assim a teus servos?”** (Êxodo 5.15). Foi um dia amargo para os dois irmãos quando o povo tomou o assunto em suas próprias mãos e, sem valer-se deles como intermediários, foram diretamente ao rei para suplicar-lhe que anulasse aquela lei que fizera.

Evidentemente, era melhor que Moisés e Aarão esperassem fora do palácio para saber o resultado da entrevista (Êxodo 5.20). O resultado foi o que era de se esperar: o rei não quis escutar o apelo que lhe foi feito. **“Ele respondeu: Estais ociosos, estais ociosos; por isso, dizeis: Vamos, sacrifiquemos ao Senhor. Ide, pois, agora, e trabalhai; palha, porém, não se vos dará; contudo, dareis a mesma quantidade de tijolos”** (Êxodo 5.17-18).

Pode ser que se referisse com sarcasmo às **“palavras mentirosas”** em que os irmãos os tinham feito esperar. E saíram de Faraó, sofrendo ainda mais, receando da lenta morte por extenuação e açoitamento a que aparentemente toda a nação estava sujeita e, vendo a Moisés e a Aarão, derramaram sobre eles toda a amargura de seu espírito. Que triste seria para eles ouvir daqueles lábios as reprovações amargas que estavam expressando, cortando-os como facas, embora prazerosamente tivessem dado suas vidas para aliviar as circunstâncias das quais brotavam! **“Olhe o Senhor para vós outros e vos julgue, porquanto nos fizestes odiosos aos olhos de Faraó e diante dos seus servos, dando-lhes a espada na mão para nos matar”** (Êxodo 5.21).

Olhando nós para aquela cena, podemos entender a razão de tudo aquilo. Deus pode fazer-nos passar por provas como aquela por causa do resultado a que levam. Era necessário que Moisés, Aarão e os hebreus chegassem a sentir que sua causa era desesperada e que nenhuma apelação, arrazoamento ou apelo poderia modificá-la.

Era necessário que os líderes deixassem de confiar na lealdade entusiasta do povo a fim de que se apoiassem somente no braço do Deus vivo e se aventurassem dependendo somente dEle.

Era necessário que o povo sentisse que não podia melhorar sua condição através de nenhum esforço próprio. E então os pensamentos do povo se dirigiram além dos líderes que foram desacreditados em seu primeiro esforço, e olharam para a mão e o coração do Todo-Poderoso.

## **O RECURSO DA ALMA DESORIENTADA**

**“Então, Moisés, tornando-se ao Senhor, disse: Ó Senhor, por que afligiste este povo? Por que me enviaste?”** (Êxodo 5.22).

Quando passamos por tão severa disciplina, não há outra ajuda para nós. E o homem que não procura esta ajuda realmente merece nossa compaixão. Quando vemos nossas esperanças frustradas, nossos planos contrariados, nossos esforços fazendo mais mal do que bem, ao mesmo tempo em que somos desacreditados e culpados, perseguidos com humilhação e sentimos o ódio daqueles por quem temos vontade de sacrificar nossa própria vida, até pode ser que conservemos uma calma exterior, mas ocultemos um coração despedaçado e a parte mais nobre de nós murchando como o trigo chamuscado pelo vento oriental, a não ser que derramemos nossa queixa perante o Senhor.

A agonia da alma pela qual passou Moisés deve ter sido como a morte. Morreu para a sua auto-estima; para seus castelos, que foram para o ar; para seu orgulho com os milagres; para o entusiasmo de seu povo; para tudo que um líder popular ama. Enquanto jazia ali, sozinho perante Deus, desejando estar novamente em Midiã e pensando que tinha sido tratado duramente, estava como um grão de trigo que cai ao solo para morrer, para não ficar sozinho, mas para dar muito fruto.

Mas morrer não é trabalho agradável! Não é fácil e nem dá prazer abandonar os planos próprios, acabar com nossas próprias obras, renunciar à reputação própria, ser menosprezado e insultado pelos mesmos escravos que quisera salvar... Qual é o grão de trigo que se deleita em que sua casca impermeável seja retirada rudemente, seus elementos desintegrados, seu coração devorado, enquanto jaz impotente, exposto às forças da terra, no frio, na umidade e no negro solo? E, no entanto, esta é a condição necessária que deve ser cumprida antes que possa surgir o talo: como uma mão erguendo-se ao sol, carregando trinta, sessenta ou cem grãos. **“Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto”** (João 12.24).

É uma lição para todos nós. Deus tem que abater-nos antes de levantar-nos. Esvaziar-nos, antes de encher-nos. Temos que perder toda a confiança em nós mesmos antes que Ele possa começar Sua obra em nós. **“Disse o Senhor a Moisés: Agora, verás o que hei de fazer a Faraó; pois, por mão poderosa, os deixará ir e, por mão poderosa, os lançará fora da sua terra”** (Êxodo 6.1).

Ouvindo estas palavras de ânimo e promessa, Moisés deve ter esquecido aqueles olhares de bravura e as palavras amargas de seu povo e levantou-se para um novo mundo de alegre expectativa. A libertação era certa e ele tinha aprendido que não dependia de nada que ele pudesse fazer, mas dAquele Deus todo-suficiente que Se tinha anunciado como o EU SOU.

E de toda esta história chega a nós esta lição: não devemos supor que as dificuldades que enfrentamos indicam que não estamos no caminho de Deus e fazendo Sua obra. Na verdade, geralmente acontece o contrário. Se temos desejo de andar com Deus, Ele provará a sinceridade e a têmpera de nossa alma; fará com que homens cavalguem sobre nossas cabeças; nos fará passar pelo fogo e pela água. Mas depois nos levará a um grande lugar e aquilo em que temos sido ensinados a pôr o nosso coração. As praias orientais do Mar Vermelho com seu cântico de vitória apagariam da memória aquelas amargas decepções, aquelas duras reprimendas, aquelas horas de angústia solitária.

.oOo.

## 8

# O AMOR DE DEUS NAS PRIMEIRAS QUATRO PRAGAS

**“O Senhor... ainda que entristeça a alguém, usará de  
compaixão segundo a grandeza das Suas misericórdias”**

(Lamentações 3.32)

Em seu desespero, Moisés tinha apelado a Deus, contando-Lhe a história do seu fracasso e vergonha. **“Por que afligiste este povo? Por que me enviaste?”**. E seu Amigo forte e fiel, que conhecia de que era feito e sabia que era pó, não o recriminou nem o repreendeu. **“Disse o Senhor a Moisés: Agora verás o que hei de fazer a Faraó”**.

A ênfase está nas palavras **“agora”** e **“Eu”**. Como Moisés já tinha chegado ao mínimo de confiança em si mesmo, **“agora”** Deus ia agir, pois todo esforço humano seria em vão. **“Eu”**, o Senhor existente por Si mesmo e sempre glorioso, agiria e não daria Sua glória a ninguém. Por amor a nós, o Senhor é zeloso de Sua honra.

É por isto que faz com que nos humilhemos até ao pó, nos esvazia do orgulho humano e divide com Sua espada aguda de dois fios a energia de nossa vida espiritual e a energia divina da Sua.

Só quando esta experiência está completa em nós e temos bebido até ao fim do amargo cálice do desespero próprio, é que Ele entra, como que dizendo: “Filho do Meu amor, afaste-se; recolha-se como uma criança no seio de sua mãe e verá o que Eu vou fazer. Eu preciso de você apenas como um meio de expressar os propósitos de Meu coração, que estou preparado para executar com Meu braço forte”.

O tempo de: depressão do desanimado servo de Deus é sempre um tempo de promessa. Então Deus toma um novo nome (Êxodo 6.3); então Ele esclarece Sua maneira de agir no passado (6.4); então Ele revela a simpatia de Seu coração, que pode até perceber gemidos não articulados (6.5); então, e como Ele não pode jurar por outro, promete dar-nos uma sétupla garantia (6.6-8).

Se entre meus leitores há alguma alma que está oprimida sob a escravidão que abate até ao pó suas energias, que o tal receba em seu coração as promessas repetidas pelo Senhor nesta relação maravilhosa de declarações divinas, que são o Sim e o Amém em Cristo Jesus, aplicáveis em todas as circunstâncias, a todas as idades, imutáveis e eternas como o é a própria natureza do Senhor que as proferiu: **“Vos tirarei... vos livrarei... vos resgatarei... tomar-vos-ei... sabereis que Eu sou o Senhor... vos levarei à terra... e vo-la darei”**. Observe-se que este grupo de promessas está intercalado entre dois parêntesis que oferecem como garantia a própria natureza de Deus: **“Eu sou o Senhor”** (6.6) e **“Eu sou o Senhor”** (6.8).

Deus sempre vincula a obediência e a promessa. O cumprimento de Sua vontade de acompanhar ao chamado de Sua voz. A promessa é dada para estimular a ação. Ouvimos para passarmos a outros as palavras que comoveram nosso espírito e é por isso que Moisés recebeu novamente a

comissão de falar, primeiro aos filhos de Israel e, depois, a Faraó, o rei do Egito. Deve ter sido um dia memorável aquele em que foi comissionado novamente na terra do Egito, como tinha sido, comissionado antes no deserto do Sinai (Êxodo 6.28).

Será que ele imaginou que aquela visão e aquela voz eram inseparáveis da solidão daquelas terras pouco frequentadas e que o que era possível ali não poderia ter seu correspondente no meio da agitação da vida egípcia e dos antigos monumentos da idolatria? Se foi assim, tal sugestão foi contestada imediatamente por aquela mesma voz que lhe falou no próprio Egito.

Oh, almas humanas, Deus não fala somente na quietude da vida de um ermitão, mas também no meio da atividade e do barulho das multidões!

Era necessário um valor extraordinário para que os dois irmãos pudessem prosseguir em seu ministério; seu povo estava quebrantado de espírito e a esperança frustrada para que prestasse muita atenção no que se dizia, especialmente quando era dito por um homem que tinha sido a causa do aumento da sua carga. E quanto a Faraó, é desnecessário dizer que não tinha sido comovido por lábios que não tinham nem poder para influir nos ouvidos dos próprios hebreus. **“Moisés, porém, respondeu ao Senhor, dizendo: Eis que os filhos de Israel não me têm ouvido; como, pois, me ouvirá Faraó? E não sei falar bem”** (Êxodo 6.12). Mas não era hora para discutir. Não havia dúvida quanto ao seu dever, não devia haver vacilação quanto à sua obediência.

No princípio da entrevista, Faraó, como era de esperar, pediu suas credenciais, que foram apresentadas conforme Deus tinha mandado. Mas a evidência foi neutralizada pelos magos, que os imitaram, seja pela sua prática em prestidigitação, seja pela ação daquele espírito mau que sempre tem procurado imitar a obra divina. Mas foi muito significativo que o bordão de Arão devorou o bordão deles (Êxodo 7.12). A grande questão seria resolvida em uma área mais ampla e por uma série de sinais mais notáveis.

É necessário que, por um momento, consideremos o princípio fundamental do trato de Deus com Faraó, especialmente nas primeiras pragas. E não será difícil discernir a operação dos princípios internos da justiça e do amor de Deus nos tremendos golpes que Deus desferiu a Faraó e à sua terra.

## **O AMOR DE DEUS**

Sempre e, em todo lugar, Deus é amor. Quem possui a sabedoria divina e tem os olhos livres das escamas da preocupação e da paixão verá muito das ternas misericórdias de Deus tanto no Antigo Testamento quanto em o Novo; tanto na tempestade quanto na bonança; tanto no terremoto quanto na voz quieta e aprazível; tanto nas pragas quanto na cruz.

A própria palavra Senhor (Jeová) tão amplamente empregada nestas páginas, indica, em primeiro lugar, a imutabilidade e, em segundo, o lado redentor da natureza divina.

Devemos crer que Faraó estava incluído no amor de Deus que deu Jesus Cristo ao mundo; que foi atingido no círculo da propiciação e que poderia ter resplandecido como uma estrela no firmamento dos santos comprados com sangue.

Deve ser possível, pois, encontrarmos a chave que reconcilie o amor de Deus que incluía a Faraó e a sua terra; com a aparente aspereza que as sucessivas pragas afligiram.

E observar que há uma nítida diferença entre as primeiras quatro pragas e as demais será uma grande ajuda nisto.

No princípio do trato de Deus com o tirano é como se Deus estivesse respondendo-lhe à pergunta:

**“Quem é o Senhor para que Lhe ouça eu a voz?”** e a ensinar-lhe quando disse: **“Não conheço o Senhor”**.

Sua situação era esta. Era um homem que, desde os seus primeiros anos, tinha estado acostumado a pensar que os deuses de sua nação eram supremos no céu e na terra, os quais, como uma bondosa deusa, desde seu lugar secreto, sempre estavam derramando as águas do sagrado Nilo e inundando a terra com fertilidade e formosura, sendo também a fonte geradora da vida, cujo emblema favorito era a rã, que, em número ilimitado, pululava sobre as margens do Nilo.

Entretanto, ele dava uma importância reverencial à pureza do sacerdócio e à supremacia do deus Sol, de quem o escaravelho era um símbolo sagrado. Teria sido impossível que, numa semana, deixasse estes para aceitar os mandamentos de Um cujo nome foi, pela primeira vez, pronunciado em sua presença pelos representantes de uma nação de escravos.

Quando em Atenas, o apóstolo Paulo descobriu um altar dedicado ao DEUS DESCONHECIDO, não repreendeu ao povo por não ter dado ao Senhor o culto conveniente, mas se pôs a declarar Sua natureza e atributos. E prosseguiu mostrando que a própria natureza, com todos seus maravilhosos processos, era uma obra não das divindades do Panteão

sagrado, embora suas estátuas esculpidas pela arte de Fídias, estivessem bem à vista de seu auditório, mas que era a criação dAquele que tinha falado à humanidade através de Jesus e cujo representante era ele (Atos 17.16-31).

Foi assim que Deus mostrou que os deuses dos pagãos não eram deuses; que todo o sistema do culto egípcio tinha que estar subordinado a um Deus maior que seus magos e adoradores conheciam; e que, apesar de ter passado por alto os dias de sua ignorância, agora tinha chegado a hora que determinava que todos os homens, em todo lugar (a Faraó em seu trono, aos sacerdotes em seu templo, ao lavrador em sua cabana) se arrependessem.

**“Quem é o Senhor?”**. Ele é o Deus da natureza, a cujas ordens o Nilo não mais abençoa, mas amaldiçoa a seu adoradores; a cujo mando os objetos do culto egípcio tornam-se uma abominação, que fazem cheirar mal toda a terra; e que, segundo a Sua vontade, os corpos dos sacerdotes se enchem de piolhos, que recusam o trabalho da navalha e da água para lavá-los; e a cujo chamado o sagrado escaravelho corrompe a terrai..

Não O conhece? Ele é o Deus que fala por meio das vozes humanas; o Deus dos irmãos anciãos; o Deus daqueles escravos que gemem; o Deus que não pode falhar em relação a uma aliança que fizera com aquele povo aflito; o Deus da redenção e da eternidade.

## **A FÉ DE MOISÉS**

Embora seja verdade que o amor de Deus agia procurando revelar-se a Faraó ao ordenar as pragas, no entanto, devemos recordar sempre que a fé de Moisés teve muito a ver com elas. Isto é evidente em conexão com a última da série, acerca da qual nos é dito que **“pela fé abandonou o Egito”** e que **“permaneceu firme como quem vê Aquele que é invisível”** (Hebreus 11.23-29).

O que era verdade em relação à última praga, sem dúvida também era verdade em relação às demais e nos convém ler na história do êxodo as qualidades espirituais descobertas a nós na epístola aos Hebreus, onde o Espírito de Deus abre o véu das ações de sua vida interior e o manifesta como ele era.

Com toda probabilidade, pois, em todo o conflito que resultou na emancipação de Israel, Moisés esteve em constante comunhão com Deus. Deus esteve vividamente presente em sua alma. Pensava muito mais na presença e no poder do Senhor do que na majestade e no poderio do maior rei de seu tempo e, à medida que Deus lhe revelava cada etapa sucessiva

de seu trato com Faraó, sua fé reclamava que fosse feito conforme a promessa recebida.

Assim, pois, foi a fé de Moisés o meio e instrumento com que Deus agiu com Sua mão levantada e Seu braço estendido.

Será que as Escrituras contam alguma maravilha realizada que fosse independente da operação da fé de alguma alma crente ou de algumas almas crentes? Se Enoque foi trasladado do mundo sem ver a morte foi porque teve fé para isto (Gênesis 5.22-24). Se Isaque nasceu de uma mãe que tinha renunciado a toda esperança de ter filhos foi porque sua fé se fortaleceu (Gênesis 18.10-15). Se o Mar Vermelho se abriu para as hostes resgatadas, foi porque a fé de um líder enrolou as cristalinas ondas (Êxodo 14.15-16). Se os muros de Jericó caíram, foi porque Josué teve fé para crer que isto aconteceria (Josué 6.20-21).

Assim como a eletricidade precisa de um fio para ser conduzida, assim o poder todo-poderoso de Deus demanda o órgão de nossa fé. Esta fé pode ser mui fraca; pode ser um crente muito deficiente nas qualidades que o mundo considera as mais preciosas; mas, se tão somente há uma ligação genuína entre o Deus eterno e o caso que tem que ser resolvido, já é suficiente.

Todo o poder da Divindade pode passar através da fraca fé de um homem mui indigno, da mesma maneira como todo o oceano pode passar através de um canal bem estreito.

Com estes pensamentos em nossa mente, consideremos as primeiras quatro pragas e a maneira como Deus mostrou Seu amor através delas.

## **AS PRAGAS O SANGUE**

Certa manhã, pouco depois dos acontecimentos já descritos, na hora em que o céu está coberto com aquela tonalidade rósea do amanhecer, Faraó, acompanhado de seus oficiais, funcionários da corte e sacerdotes, veio para fazer seus costumeiros ritos de adoração;!

Às margens do rio, encontrou a Moisés, que estava esperando-o, com a vara a que já estava tão familiarizado na mão. Não houve vacilação em seu pedido: **“O Senhor, o Deus dos hebreus, me enviou a ti para te dizer: Deixa ir o Meu povo, para que Me sirva no deserto”** (Êxodo 7.16). E seguem as palavras que confirmam o que já temos dito acerca do propósito de Deus em Suas pragas: **“Nisto saberás que Eu sou o Senhor”**.

A primeira revelação de Deus seria na água transformada em sangue; na morte de seus peixes, que eram não somente objeto de culto, mas também a fonte de grande parte do alimento comum; e no terrível mau cheiro que se sentiu na terra.

O pedido foi respondido com lábios que expressavam a zombaria ou com um silêncio imperturbável; e, como não havia alternativa, Arão feriu a água com o bordão na presença da corte. Sem dúvida, ao fazer isto, os dois irmãos tinham fé em que Deus faria conforme tinha dito e, segundo a sua fé, aconteceu.

Uma mudança instantânea se efetuou na aparência e na natureza da água. Ela se tornou em sangue. De margem a margem, a corrente de sangue seguiu seu curso, hora após hora, dia após dia, até passar uma semana. Os peixes morreram e boiaram na superfície líquida. O ar se encheu de corrupção. E o efeito da praga se estendeu por todos os tanques, fontes e cisternas, nos lugares públicos e nos lares do povo. Não havia água em toda a terra, com exceção da escassa provisão obtida cavando poços de pouca profundidade e recolhendo a água salobra da superfície.

Os magos, de alguma maneira, imitaram a maravilha e provavelmente Faraó pensava que, da parte de Moisés e Arão, havia apenas magia. Por isto não deu importância ao caso, embora deve ter pensado que se tratava de um poder maior do que o poder da grande deusa do Nilo.

## **AS RÃS**

Tem-se imaginado que as pragas aconteceram uma após a outra em rápida sucessão, de maneira que a impressão de uma não se tinha apagado quando já outra acontecia. Assim, pois, é provável que todo o conflito ficou compreendido entre nove ou dez meses.

Pode ser que, poucos dias depois, Moisés e Arão apresentassem novamente seu pedido de emancipação e dissessem ao rei que outro castigo viria caso não fossem atendidos. Mas não houve resposta, nem nenhuma proposição e o golpe inevitavelmente caiu.

De repente, na terra apareceram inumeráveis rãs. Milhares saíram do rio ao ponto de parecer que a própria terra parecia ter vida com elas e era impossível andar sem pisar em centenas delas. Rãs nas casas, rãs nas camas, rãs nas amassadeiras de pão; rãs com seu monótono coaxar, rãs com sua pele fria e viscosa; em toda parte, desde a manhã até a noite e desde a noite até a manhã, rãs.

E a gravidade do caso era que a rã era a deusa da fecundidade, de maneira que era sacrilégio destruí-la.

Esta praga fez com que Faraó mostrasse o primeiro sintoma de rendição. Mandou chamar aos irmãos e lhes suplicou que orassem para que o castigo fosse retirado, prometendo que, se lhe atendessem o pedido, **“deixarei ir o povo”**. Para deixar bem claros a supremacia e o poder de Deus, Moisés disse ao monarca que determinasse o tempo para que a praga fosse recolhida e então foi clamar ao Senhor. **“Moisés clamou ao Senhor por causa das rãs... e o Senhor fez conforme a palavra de Moisés”** (Êxodo 8.9-14).

Devemos notar que, embora os magos imitassem a praga das rãs, evidentemente eles não tinham poder para retirá-las da terra e parece que o rei não pediu depois a ajuda deles nisto. O alívio dos sofrimentos humanos não faz parte do programa do diabo nem dos seus agentes. Isto pode vir somente do Senhor, através do clamor de Seus servos crentes. Mas a lição foi dada a Faraó, isto é, que o Senhor era superior a todos os deuses e que Ele é o único que pode agir segundo a Sua vontade.

## **OS PIOLHOS**

Os egípcios, e principalmente os sacerdotes, eram escrupulosamente limpos em seus hábitos pessoais, antecipando-se aos hábitos de nossos dias.

Banhavam-se repetidas vezes e barbeavam-se continuamente para que nenhuma impureza lhes impedisse o desempenho de suas funções. Imaginemos, pois, o horror deles quando o pó do Egito parecia estar gerando aqueles piolhos, que eram tão horripilantes para a sua sensibilidade delicada.

Talvez houvesse alguma coisa a mais do que se vê nas palavras **“houve muitos piolhos nos homens e no gado”** (Êxodo 8.17). Não só nos corpos dos sacerdotes, mas também nos corpos dos animais sagrados estava esta odiosa praga. Cada santuário venerado orgulhava-se de seu sagrado touro ou bode, cuja lustrosa pele era limpada com reverente cuidado e era uma calamidade nunca vista antes estarem infestados com estes parasitas asquerosos.

Assim, Deus executou juízo sobre os deuses do Egito a fim de que Faraó soubesse que Ele é o Deus dos deuses e que merecia toda a lealdade que exigia.

Os próprios magos parece terem sentido que esta praga era um sintoma da atividade de um Poder mais elevado que eles não conheciam e até eles mesmos aconselharam a Faraó a reconhecer: **“Isto é o dedo de Deus”**. Às vezes, vozes inesperadas nos leem as lições que Deus quer ensinar-nos!

## AS MOSCAS

Não há certeza quanto à tradução da palavra “*tábamo*”. Ainda que é possível que esteja traduzida corretamente como “mosca”, mas é provável que signifique uma espécie peculiar de inseto que era símbolo do deus Sol. Sua divindade mais poderosa parecia ter-se voltado contra eles e ter chegado a ser um chicote nas mãos do Deus destes pastores escravos.

As moscas cobriram a terra, entrando aos milhares nas casas e devastando os produtos da terra.

Que não era uma praga natural ficou bem claro pelo fato desta praga fazer uma distinção entre a terra do Egito e a terra de Gósen, onde estavam os israelitas. Este Deus, que podia voltar os deuses do Egito contra seus adoradores, podia, evidentemente, proteger os Seus.

E talvez fosse este o pensamento que agiu no coração de Faraó, como não o tinha feito nenhuma praga anterior, pois que já estava disposto a permitir que os israelitas sacrificassem na terra.

Esta era uma concessão que Moisés não podia aceitar, alegando que os israelitas tinham que sacrificar animais que os egípcios consideravam sagrados e que, com os sentimentos irritados, poderiam provocar algum ato de violência. Faraó cedeu a este arrazoamento e prometeu deixá-los ir contanto que não fossem mui longe e com a condição da promessa de Moisés de que a praga lhes seria retirada. **“E fez o Senhor conforme a palavra de Moisés”** (Êxodo 8.31).

Em tudo isto, Moisés era apenas o meio, o embaixador, o instrumento com o qual Deus agiu. A sugestão das pragas foi feita pelo Todo-Poderoso; sua execução foi realizada pela forte fé de Seu servidor, que fez tudo que lhe foi mandado fazer e disse o que lhe foi mandado dizer. E foi em resposta à sua oração de fé que a praga cessou.

Por meio de uma fé como esta, Deus fará Sua obra de poder, amor e salvação entre os homens.

.oOo.

## 9

## COMO SE DESENVOLVEU

# O CARÁTER DE MOISÉS

**"Fiel... era Moisés em toda a casa de Deus"**

(Hebreus 3.2)

Se o nosso alvo fosse estudar a história do êxodo, seria necessário estudar minuciosamente a história das outras pragas que se sucederam. Mas a história de Israel é, para nosso presente propósito, incidental ao estudo daquele ilustre personagem que ocasionou o grande movimento que resultou na passagem do Mar Vermelho. É em Moisés que pretendemos fixar nossa atenção e, realmente, é maravilhoso o desenvolvimento deste homem em poucos meses, passando da timidez e vacilação na terra de Midiã, à sublimidade moral que o fez grande na terra do Egito, e à vista dos grandes oficiais da corte, bem como do povão da terra (Êxodo 11.3).

Podemos traçar este desenvolvimento de caráter através das pragas restantes e, ao fazê-lo, descobriremos inevitavelmente que o segredo do crescimento consiste em uma obediência instantânea, uma completa indiferença às opiniões humanas, força de propósito, uma paciência inesgotável, valor indômito, fé e oração perseverante.

## A PESTE NOS ANIMAIS

Na primeira parte de seu ministério, Moisés se tinha atrevido a resistir a Deus diversas vezes antes de executar as ordens divinas. **"Quem sou eu para ir a Faraó?", "sou pesado de boca e pesado de língua~.** Usando a linguagem humana, Deus precisou usar de muita persuasão e insistência antes que Moisés obedecesse à palavra do Senhor.

Mas tudo isso agora se tinha desvanecido. Embora já tivesse estado pelo menos sete vezes na presença real e cada vez fosse portador de mensagens pesadas e embora até aqui seus intentos não tivessem conseguido o grande objetivo que Deus lhe tinha proposto, ele não vacilou quando, pela oitava vez, o Senhor lhe mandou que se apresentasse ao palácio para exigir a emancipação do povo sob pena da peste nos animais.

E quase impossível sobrestimar o valor da simples obediência, que é indubitavelmente importante no melhoramento do caráter. A rejeição de Saul, o primeiro rei de Israel, e a eleição divina de Davi, basearam-se no fato de que aquele não obedeceu à voz do Senhor para executar Suas ordens, enquanto que este era um homem segundo o coração de Deus e cumpriu Sua vontade.

A ênfase do último discurso de nosso Senhor está na insistência na palavra "**obedecer**". A obediência é a prova do amor; é a condição da revelação divina; é a precursora da mais sagrada intimidade em que Deus pode entrar no coração humano. É na proporção à nossa obediência que chegamos a possuir elementos nobres de caráter que existem em nosso coração como um vapor até se condensarem em algum ato de obediência e tornam-se então em uma propriedade permanente. Desconfiança e desobediência são palavras sinônimas (Hebreus 4.11), de onde podemos deduzir que qual seja a nossa obediência tal será a nossa fé.

Faça o que você sabe que é o seu dever; cumpra em todos os detalhes as ordens de Deus; nunca se preocupe em considerar as consequências ou a duvidar dos resultados. Se Deus diz: "Entre onde está Faraó e diga-lhe..." e você obedece, não somente receberá maiores tarefas, mas adquirirá um caráter que não teria através de muita meditação e oração.

A peste nos animais veio no tempo certo. "**E todo o rebanho dos egípcios morreu**" (Êxodo 9.6). O gado que apascentava nos pastos verdes do Nilo; os cavalos dos ricos, pelos quais o Egito era famoso; os camelos que transportavam as mercadorias do Egito para trocá-las por especiarias, bálsamo e mirra (Gênesis 37.25); os bois que aravam os campos; as ovelhas que constituíam uma grande proporção de suas riquezas. Em todos eles apareceu a peste.

A terra se encheu de mortos; os ricos donos de terras ficaram empobrecidos; os pobres sofreram severamente; milhares de pastores e boiadeiros ficaram desempregados; a rotina da comunicação comercial interrompeu-se seriamente; houve evidência de que a severidade da praga ia aumentando. Enquanto isso, o cuidado de Deus manifestava-se claramente no cordão protetor que Ele armou isolando Gósen, acerca do qual se diz: "**Do rebanho dos israelitas, não morreu nem um**" (Êxodo 9.6).

## **AS ÚLCERAS**

Ao estimar a obra de um homem, devemos sempre considerar seu caráter. Certos tipos de trabalhos agradáveis a determinadas índoles, são inteiramente desagradáveis a outras. Assim como não acharemos maçãs nas trepadeiras, não acharemos também o mesmo trabalho em duas índoles diferentes. É muito mais assombroso encontrar certos atributos em alguns caracteres do que em outros. Seria como encontrar uma camada de granito no gesso.

Deve ter sido bem difícil para Moisés ser o meio de tais juízos e o alvo de tão amargo ódio como teria sido para outros. Por natureza, ele era

bondoso, terno e mui manso; sempre pronto a pedir para que a praga cessasse e nunca para que ela viesse; mui compadecido de irmãs e de irmãos, ainda que injuriado gravemente; disposto a se tomar maldito contanto que o povo fosse perdoado.

Um homem que por quarenta anos tinha pastoreado ovelhas, é bem provável que adquirisse o coração de um pastor. E deve ter feito não pouco esforço para evitar ser instrumento para infligir tais penas. No entanto, isto, segundo a supremacia e a soberania de Deus, é o que lhe coube.

Não titubeou. Ele não devia ser mais compassivo do que Deus e, por isso, quando ele e Arão foram chamados a recolher cinzas de algum forno que se extinguiu e lançá-las ao ar, para que se transformassem em úlceras nos homens e nos animais, não vacilou.

Com as mãos cheias de cinzas, encarou a Faraó em alguma audiência pública, quando ele e sua corte de magos estavam reunidos ao ar livre e atirou o pó cinzento ao céu. Houve um efeito tão imediato **"que os magos não podiam permanecer diante de Moisés; porque havia tumores nos magos e em todos os egípcios"** (Êxodo 9.11). Talvez estes tumores tenham-se manifestado também nos recintos sagrados dos templos nos animais que ali tinham sido guardados protegendo-os de contaminação como deuses da nação (Números 33.4).

## **A CHUVA DE PEDRAS**

À medida que as pragas avançam, Arão perde-se de vista. Nas primeiras três pragas, o Senhor disse claramente a Moisés: **"Dize a Arão"** (7.19; 8.5, 16). Na quarta (8.20) e na quinta (9.1), Ele falou somente a Moisés. Na sexta (9.8) Deus falou com os dois. Mas nesta, a sétima, a ordem é dada exclusivamente a Moisés: **"Então disse o Senhor a Moisés: Estende a mão para o céu, e cairá chuva de pedra em toda a terra do Egito, sobre homens, sobre animais e sobre toda planta do campo na terra do Egito"** (Êxodo 9.22).

Isto se repetiu na pragas dos gafanhotos (10.12) e na das trevas (10.21). Porque aconteceu assim não nos é dito. Não parece que Arão tenha perdido sua posição devido à sua conduta, mas pode ser que lhe faltasse aquela simplicidade e pureza de motivos que eram tão características em seu irmão. A fé de Moisés crescia sempre que provava a fidelidade de Deus, a ponto de só ele poder agir como o conduto da vontade divina. De todas as maneiras, Moisés se fez mais e mais notável como o que usava a vara dos milagres e como o emancipador de Israel.

No presente caso, parece ter adquirido um grau surpreendente de poder no falar. Aqueles lábios torpes tornaram-se estranhamente

eloquentes e foram acesos com um fogo inesperado. Foi como se, de repente, se tivesse sentido capaz de dispensar a mediação de Arão e reclamar aquelas palavras que o Todo-Poderoso tinha prometido pôr em sua boca. E é um consolo ver que o Senhor não lhe exigiu manter a exigência errada que ele tinha feito, de que Arão seria quem falasse por ele (Êxodo 4.15-17).

Pode ser que, no passado, tenhamos dito coisas impensadas e que, a seguir, lamentamos profundamente tê-las dito; mas se nos mostramos dignos de um destino maior do que aquele que a nossa frágil fé imaginava ser possível, pode ser que Deus não nos exija o cumprimento de nossas palavras, mas que abra perante nós possibilidades que nunca tínhamos sonhado. Arão não vai falar por nós; nos levantaremos e falaremos por nós mesmos.

A admoestação dada a Faraó ao amanhecer foi bem solene; mas foi em vão. Tão frequentemente ele tinha endurecido deliberadamente seu coração que agora tanto a admoestação quanto o pedido caíram sobre ele como granizo em seu coração. Não existe gelo mais duro do que aquele que se derrete de dia e endurece à noite.

E assim começou a tempestade. Enquanto a vara se levantava, grandes nuvens com trovões ensurdecedores se levantavam do mar e cobriam a terra, derramando seu conteúdo na forma de trovões, granizo e fogo. As tempestades de qualquer espécie são raras no Egito, mas agora **"elas encherão as tuas casas, e as casas de todos os teus oficiais, e as casas de todos os egípcios, como nunca viram teus pais, nem os teus antepassados desde o dia em que se acharam na terra até ao dia de hoje"** (Êxodo 10.6).

Há várias referências nos Salmos a esta terrível visitação. Quase podemos ouvir o estrondo dos trovões e vislumbrar a devastação causada pelo granizo nas notas vibrantes da poesia hebraica. Nos intervalos dos trovões, em que o Todo-Poderoso deixou ouvir a Sua voz, podemos ouvir o barulho do granizo e a explosão das bolas de fogo (Salmo 18.12-13); as videiras arrancadas de seus engradados e enterradas violentamente no solo; os sicômoros queimados pelo gelo; as árvores do bosque quebradas; as culturas de linho e de cevada completamente destruídas; animais e pastores sem abrigo, nos campos abertos que tinham desafiado a admoestação dada, mortos pelo granizo que caiu como chuva e cujas pedras de gelo podem ter pesado até 200 gramas (como já se viu em casos excepcionais). Tais são algumas das indicações de terror da cena (São 78.47-48; 105.32). Mas de tudo isto, a terra de Gósen esteve livre.

No meio da furiosa tempestade, Moisés e Arão foram chamados à presença real para ouvir pela primeira vez daqueles lábios orgulhosos a confissão de pecado (Êxodo 9.27), com um clamor urgente para que os terríveis trovões e o granizo que sacudiam o palácio e a cidade cessassem.

Moisés não teve dúvida quanto à resposta que seria dada à sua oração, mas tinha grandes dúvidas quanto à veracidade da palavra real. No entanto, fez como Faraó pediu. Saiu das portas da cidade sem sofrer o dano da tempestade. Parecia que tinha consciência de viver no lugar secreto do Altíssimo e que habitava à sombra do Todo-Poderoso. Com as mãos levantadas, intercedeu pelos opressores de seu povo e Deus escutou sua súplica, de modo que os trovões e o granizo cessaram e a chuva não caía mais sobre a terra (Êxodo 9.33).

## **OS GAFANHOTOS**

O tom da voz de Moisés erguia-se após cada praga. Até aqui ele tinha-se conformado em repetir seu pedido, mas agora o fato do rei não guardar a palavra empenhada, tinha mudado o relacionamento entre eles. Faraó tinha perdido todo o direito ao respeito. Repetidas vezes tinha prometido e tinha faltado às promessas feitas. Suas confissões de pecado não tinham sido acompanhadas de esforços para emendar-se. Fraco, vacilante, em meio à prova, imperioso e truculento na prosperidade, tinha chegado a ser desprezível. E Moisés mudou o tom de sua voz, não o tratando agora como soberano, mas como pecador, e falando diretamente ao seu coração orgulhoso e obstinado: "**Assim diz o Senhor, o Deus dos hebreus: Até quando recusarás humilhar-te perante Mim?**" (Êxodo 10.3). A praga de maior duração foi a dos gafanhotos.

Os egípcios sabiam muito bem o que poderia acontecer com uma praga de gafanhotos. E por isso os oficiais de Faraó lhe rogaram que atendesse ao pedido dos líderes dos hebreus. Seria melhor perder um povo de escravos do que deixar a terra toda em perigo. A partir deste momento, houve uma renhida luta entre o rei do Egito e Deus; aquele, pela primeira vez na história tinha encontrado um inimigo mais forte do que ele.

Faraó, por sugestão de seus cortesãos, propôs um acordo. Estava disposto a deixar ir somente os homens e prometeu expulsá-los se não aceitassem suas condições. Mas os irmãos não vacilaram nem um momento em recusá-la. Os jovens e os anciãos, os filhos e as filhas, os rebanhos e toda a criação deviam sair - **todos**. Nenhum devia estar ausente naquela grande convocação que seria feita em algum lugar no deserto para fazer uma festa ao Senhor.

A corte nunca tinha ouvido alguém dirigir-se assim ao Faraó e nem ele podia suportar aquele atrevido discurso. Então, em obediência a um sinal feito por ele, foram expulsos de sua presença.

E os gafanhotos chegaram com um vento oriental que, vindo diretamente do deserto, soprou de dia e de noite. "**Quando amanheceu, o vento oriental tinha trazido os gafanhotos**" (Êxodo 10.13). Os esquadrões encheram o ar e literalmente cobriram a terra.

A superfície verde ficou escurecida por seus corpos castanhos e todo vestígio de verde nos campos, nas árvores frutíferas e entre as ervas que antes abundavam e de que tanto gostavam os egípcios desapareceu instantaneamente.

Não ficou nem botão, nem flor, nem broto, nem folha, perecendo e agora os produtos da terra. Certamente a próxima praga atingiria seriamente a vida humana. Tomado de pânico, o rei mandou chamar os homens a quem pouco antes tinha expulsado; confessou que não somente tinha pecado contra o Senhor, mas contra eles também e rogou que fosse livre da morte.

Quão bondoso e longânimo é Deus! Em resposta à intercessão de Moisés, "**o Senhor fez soprar fortíssimo vento ocidental, o qual levantou os gafanhotos e os lançou no Mar Vermelho; nem ainda um só gafanhoto restou em todo o território do Egito**" (Êxodo 10.19). Mas novamente Faraó falhou com sua palavra.

## **AS TREVAS**

Sem serem anunciadas, as trevas caíram sobre a terra, "**trevas que se possam apalpar**" (Êxodo 10.21). Há viajantes que contam de trevas causadas por tempestades de areia, tão densas que era impossível ver-se as próprias mãos postas diante do rosto. Seja qual for a causa que as originou, as trevas desta praga devem ter sido deste tipo.

"**Não viram uns aos outros e ninguém se levantou do seu lugar por três dias**". Todas as atividades da terra foram paralisadas.

Os corações mais fortes desfaleceram. Parecia-lhes como se a sua maior divindade repentinamente os tivesse abandonado. Talvez a luz nunca mais os visitaria. Naquela terra de luz solar radiante, foi uma experiência terrível. Os próprios templos estavam sumidos na escuridão e os sacerdotes não podiam ver os animais sagrados, nem podiam exercer seus ritos normais. Pela primeira vez durante séculos, a grande estátua de Menon, deixou de saudar os raios do sol nascente com música.

Quando cessou a praga, pela última vez o monarca chamou os irmãos e fez um último e desesperado esforço para chegar a um acordo. A nação podia ir, disse ele, mas os rebanhos e o gado deviam ficar. Moisés entendeu a armadilha e recusou. **"Também os nossos rebanhos irão conosco, nem uma unha ficará"** (Êxodo 10.26). Os animais seriam necessários para os sacrifícios.

Então novamente o espírito orgulhoso do rei irritou-se além dos limites, apesar das repetidas desgraças que estava ocasionando à sua nação, e gritou: **"Retira-te de mim e guarda que não mais vejas o meu rosto; porque, no dia em que vires o meu rosto, morrerás"**.

O espírito de Moisés também se alterou com aquela ira que de vez em quando o acometia, como uma tempestade em um lago tranquilo (Êxodo 11.8), mas respondeu com calma e dignidade, como convinha a um embaixador de Deus: **"Bem disseste; nunca mais tornarei eu a ver o teu rosto"** (Êxodo 10.29).

E, ao sair da presença real, derramou uma torrente de denúncias e admoestações sobre o espírito que deliberadamente tinha escolhido o mal por seu deus e a destruição por sua sorte. E **"Moisés disse: Assim diz o Senhor: Cerca da meia-noite passarei pelo meio do Egito. E todo primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito de Faraó, que se assenta no seu trono, até o primogênito da serva que está junto à mó, e todo primogênito dos animais. Haverá grande clamor em toda a terra do Egito, qual nunca houve, nem haverá jamais... Então todos estes teus oficiais descerão a mim e se inclinarão perante mim, dizendo: Sai tu e todo o povo que te segue. E, depois disto, sairei"** (Êxodo 11.4-8).

Assim, a cana agitada pelo vento de Midiã veio a ser como um carvalho que a tempestade açoita em vão; o homem que tinha saído daquele palácio temeroso, andou por seus átrios como um rei; e a fé que tinha fugido diante da serpente tornou-se tão forte que pôde lançar os raios do céu e trazer a terra do Egito ao abismo da destruição.

.oOo.

# PREPARATIVOS PARA O ÊXODO

**“Aconteceu que, ao cabo dos quatrocentos e trinta anos, nesse mesmo dia, todas as hostes do Senhor saíram da terra do Egito”**

(Êxodo 12.41)

Já temos visto como durante aqueles meses de agonia, Moisés foi o instrumento através do qual Deus efetuou Seus propósitos, tanto em relação a instruir a mente de Faraó como de quebrantar sua vontade obstinada.

E já temos tido indicações de que pela fé deste homem, que crescia sobremaneira, viriam bênçãos ao povo escolhido.

As primeiras três pragas caíram tanto sobre os filhos de Israel quanto sobre os egípcios, mas, quando os irmãos ameaçaram a Faraó com a quarta praga, foram comissionados, em nome de Deus, a pronunciar esta mensagem adicional: **“Separarei a terra de Gósen em que habita o Meu povo... Farei distinção entre o Meu povo e o teu povo”** (Êxodo 8.22-23).

E, a partir daquela hora, os filhos de Israel estiveram livres das aflições com que o Egito estava sendo castigado. Moisés pediu que Deus fizesse como tinha prometido e, segundo sua fé, assim aconteceu.

A peste não matou seu gado, nem saíram úlceras nas pessoas, nem tempestades varreram seus campos, nem gafanhotos destruíram sua sementeira, nem as trevas escureceram o sol para eles.

Assim, enquanto as mentes dos egípcios estavam ocupadas com seus próprios sofrimentos, os hebreus estavam em perfeita paz e, enquanto os egípcios eram impedidos de mover-se no meio das trevas, a população oprimida de Gósen teve tempo suficiente para preparar-se para aquele êxodo que, pelo menos Moisés, sabia estava próximo.

Ao estudar este episódio tão estranho e maravilhoso, não devemos esquecer a luz lançada sobre ele pelo memorável versículo que nos diz que: **“Pela fé, celebrou a Páscoa e o derramamento de sangue, para que o exterminador não tocasse nos primogênitos dos israelitas”** (Hebreus 11.28).

A importância deste versículo consiste no fato de atribuir a observância da Páscoa e a aspersão do sangue nos batentes das portas das casas dos hebreus ao efeito da fé heróica que ardia constantemente no

coração deste homem simples, cuja obediência era igualada somente pela fé absoluta e sem dúvidas que se arriscava a crer em toda a Palavra de Deus.

### **SUA FÉ SE BASEAVA EM PROMESSAS**

Toda fé tem que basear-se nelas. Deve haver alguma palavra ou promessa da parte de alguém que seja inteiramente digno de confiança, pois que, de outra maneira, não haverá base em que a fé possa descansar. Esta é a diferença entre fé e credulidade; entre a fé e o seguir algum fogo fátuo gerado entre os miasmas de uma imaginação doentia.

Não podemos saber a maneira como a palavra de Deus veio aos dois irmãos. Seria como quando um homem fala com seu amigo?

E se nós estivéssemos com eles, a teríamos ouvido com nossos ouvidos incircuncisos? Ou seria uma impressão refletida sempre no coração de cada um deles?

Como quer que fosse a tal comunicação, aquelas palavras que pela primeira vez declaravam o que aconteceria com Israel e, em seguida, com uma precisão infalível, anunciavam os atos sucessivos que acabariam rompendo as cadeias dos cativos e livrariam a nação em uma única noite, foram reconhecidas como a voz que os tinha enviado a Faraó com as insistentes ordens para render-se.

As ordens resumidamente foram as seguintes: No dia dez do mês seguinte, o cabeça de cada família, fosse escravo ou ancião, deveria escolher um cordeirinho de menos de um ano, livre de enfermidade ou defeito. Se a família fosse tão pequena que não desse conta de um cordeirinho, poderia unir-se com outra família vizinha.

Não havia temor de que o cordeirinho fosse insuficiente para uma família. O animal deveria ser guardado desde o dia décimo até o décimo quarto do mês e morto neste último dia, no fim da tarde. O sangue que brotasse da ferida deveria ser recolhido numa vasilha e borrifado nos batentes das portas das casas dos israelitas. O corpo do animal deveria ser assado e comido com pão asmo e ervas amargas.

Também foram dadas instruções acerca da atitude com que aquela refeição devia ser comida. Toda a família deveria estar reunida ao redor da mesa desde o ancião até a criança recém nascida. Não devia, haver nenhum tipo de cansaço ou de indolência. Os homens deviam ter os lombos cingidos e o bastão na mão. As mulheres deviam ter sua massa pronta e suas amassadeiras atadas em trouxas com seus vestidos sobre os ombros. Todos deviam estar com os pés descalços. A refeição devia comer-se apressadamente. E então, com os ouvidos atentos, ao ouvirem a primeira

nota da trombeta, toda a nação estaria esperando o sinal de seu êxodo, amparados pelo sangue, enquanto ajuntavam as forças para as fadigas que teriam de suportar antes de deixarem atrás para sempre a terra da sua escravidão.

Havia, pois, um grande contraste entre a atitude dos israelitas na destruição dos primogênitos e a que tinham nas pragas anteriores.

Naquelas, tinham estado inteiramente inativos, não fazendo outra coisa a não ser colher os frutos das vitórias passivas ganhas pela fé de seu grande líder. Mas agora estavam chamados a apropriar-se dos benefícios que poderiam perder se deixassem de cumprir as condições impostas. E naquelas demandas de obediência e de fé, provavelmente alguns devem ter percebido que havia um significado mais profundo do que aquele que aparecia superficialmente e que estavam diante de resultados eternos, cujo significado não podiam ainda compreender perfeitamente.

Pelo menos Moisés deve ter percebido que Deus dizia a Seu povo que eles não eram menos culpados em alguns aspectos do que os egípcios ao seu redor. Não seria suficiente eles afirmarem que não tinham sido tão obstinados e duros de cerviz como tinham sido Faraó e seu povo. Não tinham eles esquecido seus sábados e tinham tornado a servir aos ídolos, misturando-se nos ritos da idolatria egípcia?

Por estas coisas, pelo menos, eram tidos como culpados à vista de Deus e estavam expostos a perder seus primogênitos, a menos que procedessem à aspersão do sangue.

E todas as provisões foram solenemente apresentadas, seguindo as palavras da promessa, nas quais Moisés repousava pela fé.

**“Naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais... O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando Eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando Eu ferir a terra do Egito”** (Êxodo 12.12-13).

## **SUA FÉ O LEVOU À AÇÃO**

Moisés reuniu os anciãos de Israel e lhes deu as instruções que tinha recebido. Quer porque algum pressentimento de livramento vindouro tinham tido, quer porque estivessem confiando agora no grande líder, como não tinham confiado antes, o certo é que não ofereceram nenhuma oposição nem sugestão a suas palavras.

Inclinaram a cabeça e adoraram e, a seguir, saíram para fazerem **“como o Senhor ordenara a Moisés e a Arão”** (Êxodo 12.27-28).

É coisa gloriosa para os homens e para os anjos ver uma fé que, sem nenhuma aparência exterior que a garanta, caminha pisando um caminho de obediência literal, mesmo que nada se veja sob seus pés a não ser o tênue ar onde eles são colocados.

A libertação do povo parecia uma coisa extraordinária simplesmente por terem borrifado o sangue nos batentes de suas portas. Não havia nenhum precedente; nenhuma razão aparente que justificasse semelhante ato; nenhuma probabilidade de que a obediência tivesse alguma conexão com a libertação. Pode ser que muitos pensamentos deste tipo tivessem aparecido, mas sua mente os rejeitou e simplesmente obedeceu, crendo que não podia haver erro, nenhuma sombra de mutação naquele em quem tinham dedicado a obediência de sua alma.

Que bom seria se nós tivéssemos semelhante fé! Sem duvidar, sem retrucar, sem raciocinar, mas crendo que as promessas de Deus são Sim e Amém em Cristo e que o que Ele diz acerca de aceitar a todos os que creem em Cristo, de fazer-nos sentar juntamente com Ele em Seu trono e de amar-nos com o amor que tem são bem reais.

Semelhante fé se torna contagiosa. Como terminou no Egito aquela décima noite do mês de Abibe? O ar não tinha um prenúncio de desastre vindouro? Não anunciou com agudos gritos alguma sacerdotisa intoxicada com vapores mortíferos alguma admoestação da terrível visita que se aproximava? O Anjo da morte não sombreou com suas asas a terra condenada antes de ferir com sua espada?

Certamente, o fato dos israelitas terem conseguido tantos presentes de joias, e de roupas dos egípcios indica que, de ambos os lados, havia um pressentimento de libertação nacional. No entanto, enquanto havia, de um lado, grande incerteza e receio; havia, do outro, expectativa e esperança.

A fé de Moisés tinha acendido a fé de três milhões de pessoas que estavam prontas para introduzir a faca na lanosa vítima que o esperava, para, a seguir, borrifar seu sangue e empreender a caminhada, sem o temor de que o primogênito da casa fosse deixado como cadáver.

Nenhum pai olhava para seu filho com ansiedade; nenhuma mãe tremia com medo de ouvir o barulho das asas do anjo; nenhum menino estremecia pensando que a sua morte se aproximava. E, embora não pudessem vê-lo nem entendê-lo, sabiam que o sangue estava ali para falar por eles e criam que tudo iria bem. E, embora ninguém soubesse exatamente qual seria seu destino, nem como chegariam ali, não tiveram dúvidas acerca do resultado.

## SUA FÉ FOI VINDICADA

Quem pode descrever aquela noite, sempre memorável na história desta raça, em que, como disse Bunsen, nasceu a história? A noite quando Deus tirou Israel da casa da escravidão! Foi nos primeiros dias da primavera e de lua cheia, quando esta lançava sua suave luz em cascata de formosura sobre a terra; desde onde, na fronteira ocidental, o Nilo seguia seu majestoso curso, até as águas do Mar Vermelho no distante limite oriental.

Tudo estava quieto com um silêncio quase sobrenatural, “interrompido somente pelo ulular da coruja, pelo grito da garça, pelo mergulho do monstro na água ou o uivar do chacal nas planícies”.

Mas, de repente, o silêncio foi interrompido por um grito de angústia, quando uma mãe correu, gritando nas trevas que o Anjo da morte tinha começado sua obra e, no mesmo momento, ouviu-se outro grito de outra mãe que chorava a morte de seu primogênito, e mais um, e ainda outro,... De nada serviria chamar o sacerdote ou o médico, o mago ou o cortesão. Poderiam estes ajudar os outros? A servente que moía e sua senhora que dormia sob cortinas de seda foram envoltas numa dor comum, que não fez distinção social e tratou a todos da mesma maneira. Não houve nem uma casa onde não houvesse um morto, nem palácio de Faraó esteve livre. A notícia de que o herdeiro do trono tinha morrido correu rapidamente. **“E fez-se grande clamor no Egito”.**

Ah, Egito! Por amarga que fosse esta noite não compensou os prejuízos que Israel tinha sofrido de tuas mãos durante séculos. Tuas lágrimas foram como um córrego em comparação com os rios de dor que tinham sido extraídos daquele povo de espírito ativo, que foi obrigado a converter o solo em ladrilhos, sem mais recompensa do que o chicote do capataz!

Tua perda de vidas doces e nobres foi insignificante em comparação com os milhares atirados ao Nilo ou mortos pelo trabalho em cruéis olarias! Teus gritos, embora agudos a despedaçarem os corações, foram apenas um murmúrio se comparados com os soluços que sacudiram as mães quando as crianças eram arrancadas de seu seio e os gemidos dos oprimidos ao verem seus seres queridos desfalecendo sob uma escravidão que não podiam aliviar e os gritos dos homens reduzidos ao desespero!

**“Então, naquela mesma noite, Faraó chamou a Moisés e a Arão e lhes disse: Levantai-vos, saí do meio do meu povo, tanto vós como os filhos de Israel; ide, servi ao Senhor, como tendes dito”** (Êxodo 12.31). Não havia força para discutir. Eles, seu povo, seus filhos, seus bens,

podiam ir. E a ordem do palácio foi repetida por todo canto. A única preocupação dos egípcios era que eles fossem embora o mais depressa possível. Alegraram-se em dar-lhes tudo quanto os israelitas pediram e, fazendo assim, deram-lhe algo em pagamento pelo seu trabalho tanto tempo não remunerado. E Faraó, o orgulhoso monarca, lhes suplicou que o abençoassem antes de irem embora.

Foi assim que a hoste saiu para a liberdade. Pela primeira vez, os israelitas compreenderam que eram uma nação livre e sentiram o gosto desta liberdade. Um simples bando de escravos, de repente se tinha transformado em um povo. O espírito de seu líder os animou. Havia fogo em seus olhos, elasticidade em seu passo, valor em seu coração, relatando sua própria história.

Então sua boca se encheu de risos e sua língua de louvor. Deus tinha desnudado Seu santo braço para libertá-los. E começaram a suscitar-se sentimentos que logo estariam prontos a serem transformados em gritos de louvor nas praias do Mar Vermelho.

O que a fé fez por eles, fará por você e por mim, que somos almas escravizadas por uma tirania pior do que a de Faraó. Se apenas você reclamar a libertação, ela será sua. Escute o canto que anunciou a obra de Cristo: **“Livres da mão de inimigos, O adorássemos sem temor, em santidade e justiça perante Ele, todos os nossos dias”** (Lucas 1.74-75). Isto é para nós.

Nós também podemos vencer, pelo sangue do Cordeiro e pela palavra de nosso testemunho. Pela fé, nós também podemos obter promessas e fechar a boca de leões e apagar a violência do fogo. Se tão somente confiarmos no Libertador, você pisará sobre o leão e calcará a áspide e o leãozinho.

.oOo.

11

**A PASSAGEM NO MAR VERMELHO**

**“Os filhos de Israel caminhavam a pé enxuto pelo meio do mar; e as águas lhes eram quais muros, à sua direita e à sua esquerda. Assim, o Senhor livrou Israel, naquele dia, da mão dos egípcios”**

(Êxodo 14.29-30)

Pouco depois da meia-noite toda a hoste de Israel já estava em marcha e, quando a luz da manhã tingiu as nuvens de púrpura, encontrou-os marchando, os homens abrindo caminho, enquanto as mulheres, as crianças, o gado e a bagagem os seguiam. Considerando que o número de homens era de seiscentos mil, podemos aceitar que o total não seria menos que dois milhões e meio e todos dirigiam-se para Sucote.

Provavelmente Moisés conduzia o maior dos destacamentos e quase podemos imaginar a expressão de legítimo orgulho em seu rosto, misturado com um sentimento de profunda humildade; porque tinha, sido honrado como o instrumento, nas mãos de Deus, de tão grande libertação.

Sucote estaria a uns noventa quilômetros de seu ponto de partida e ali fizeram sua primeira parada prolongada. Ali cozinham os pães sem fermento da massa que tinham levado consigo e deixaram descansar as mulheres cansadas e as crianças em enramadas feitas apressadamente com folhagens daquela região. Assim, a hoste animada e descansada pôde empreender sua segunda etapa, que a conduziu a Etã, à beira do deserto, onde a verde vegetação do Egito muda-se, em área.

Há um episódio neste trecho que não podemos deixar de mencionar e que mostra quanto o êxodo se deveu à fé, pelo menos do caso de Moisés e talvez de outros. **“Levou Moisés consigo os ossos de José”** (Êxodo 13.19). Este ilustre antepassado de sua raça, morto quatrocentos anos antes, em seu leito de morte tinha pedido a seus irmãos que, quando Deus os visitasse e os tirasse do Egito, levassem seus ossos consigo.

Em sua morte e durante aquele longo período de espera, tinha sido o profeta do êxodo quantas vezes teriam sido tema de conversas nos lares dos hebreus aqueles ossos não sepultados! E agora que eles acompanhavam sua marcha, todo o povo compreendeu que os prognósticos de gerações anteriores se cumpriam. Certamente, Deus os tinha visitado.

## **A COLUNA QUE OS GUIAVA**

Nos é dito que nas campanhas bélicas de Alexandre, o Grande, um braseiro cheio de combustível e elevado sobre uma vara bem alta indicava

sua tenda e dirigia a marcha de seus exércitos vitoriosos. Mas espetáculo ainda maior foi quando aquela multidão de hebreus partiu da terra de escravidão. Quem é que não viu num céu de verão uma majestosa nuvem movendo-se lentamente através do céu, com a figura de um grandioso monte dos Alpes, cujas penhas, gargantas e neves, estavam reproduzidas em sua forma e cor?

Algo semelhante deve ter-se condensado na pura atmosfera matutina para não desamparar aquela multidão de peregrinos até que passassem o Jordão.

E durante todos aqueles anos, ao cair da noite, a rodearia com fogo interior, fogo que era o símbolo e o sinal da presença de Deus.

Isto tinha muitos propósitos. Era o guia de sua caminhada; era uma sombra para o calor ardente de um sol vertical, que estendia suas dobras em branca formosura para cobri-los numa “terra cansada” e na noite lhes providenciava a luz, enquanto os vigiava como o olho de Deus. Em certa ocasião, como veremos mais adiante, prestou-lhes um grande serviço, ocultando os movimentos de Israel, permanecendo entre eles e seus inimigos, que os perseguiram.

Agora não temos uma coluna de nuvem e de fogo; faz muito tempo que ela se desvaneceu no céu, mas Jesus provavelmente aludia à Sua bendita ajuda quando disse: **“Eu sou a luz do mundo”** (João 8.12), indicando com uma frase bem conhecida que o que aquela nuvem tinha sido para Israel Ele estava preparado para ser para toda alma humana.

**É nosso Guia.** Por Seu Espírito em nós, pelo exemplo de Sua vida, pelas palavras do Evangelho e pelas múltiplas indicações de Sua providência, Cristo nos conduz pelos desertos de nossa peregrinação terrenal até a terra para onde vamos. Não nos adiantemos, apressando-nos exageradamente ou agindo segundo nossas próprias conclusões.

Não O sigamos indolentemente de longe. Resolvamos esperar meses ou anos até, enquanto Ele não dê o sinal indicando que chegou a hora de levantar as tendas e prosseguir.

**Ele é nosso Escudo.** Sob Sua tenda podemos abrigar-nos das setas do sol da tentação, da prosperidade e do brilho do êxito terreno.

Ele é nossa Luz. Os que O seguem não andam nas trevas da ignorância, impureza ou pesar, mas têm a luz da vida. Abra a cortina de sua tenda, peregrino cristão, olhe para a noite já iluminada, com os milhares de estrelas de promessas e, no meio de todas elas, você verá o sinal dAquele que não dorme e nem dormita e para Quem a noite resplandece como o dia. Ele está com você.

No pensamento de Moisés, aquela nuvem de dia e de noite deve ter sido uma certeza de segurança porque era o próprio Deus que ia adiante de Seu povo. E é muito comovedor entender que nunca a retirou, como se nem pecado, nem as murmurações do povo pudessem alguma vez afastar de nós Aquele que nos ama não por sermos bons, mas para fazer-nos bons; e que não pode deixar de desamparar àqueles a quem tem ensinado a balbuciar: **“Aba,Pai”**.

## O CAMINHO

O caminho mais fácil para chegar à terra de Canaã passava pelo istmo de Suez e pela terra dos filisteus. Uma viagem de pouco menos de seiscentos quilômetros os teria levado diretamente a seu destino.

Mas Deus não lhes permitiu ir por este caminho por temor de que a visão de hostes armadas os fizesse desanimar. Em anos posteriores, quando a educação e as revelações do deserto os tivessem preparado para isso, poderiam ver aquelas cenas sem medo. Mas não deveriam conhecer por ora a guerra enquanto não estivessem mais instruídos quanto ao poder e ao cuidado de Deus.

Assim é nossa viagem; sempre adaptada às nossas forças. Deus está sempre considerando o que podemos suportar. Ele não nos coloca frente a perigos perante os quais o coração e a carne desfalecem. **“Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto”** (Êxodo 13.18). Os rodeios provam nossa paciência, mas é o melhor caminho para os corações tímidos e os pés inexperientes.

Sem dúvida, o povo desanimou quando a nuvem mudou de direção, levando-os diretamente para o sul. Mas não havia alternativa e assim, finalmente, acamparam em um lugar que a razão humana nunca teria escolhido. Parecia como se o próprio Moisés tivesse vacilado em acampar ali, se não fosse por Deus ter-lhe mandado claramente que adotasse aquela posição.

De um lado deles estava Migdol (a moderna Muktala) e um deserto intransponível de areia; do outro lado estava o Mar Vermelho. Ao leste deles, ou bem à sua frente, estava a serra intransponível de Baal-Zefom.

Era um verdadeiro saco sem fundo. Não havia jeito de sair dali a não ser pelo mesmo caminho por onde tinham vindo. Os olhos dos menos experimentados da multidão devem ter percebido o absurdo daquela movimentação e certamente foram fortes e penetrantes os murmúrios e protestos do povo. “Este é o caminho para Canaã? É claro que não é! Como você se atreve a conduzir-nos aqui. Felizmente, Faraó está ocupado

enterrando seu primogênito, senão ele estaria atrás de nós e nós seríamos como um rebanho de ovelhas encurralado, presas do primeiro lobo que pulasse a cerca!” “Semelhantes reflexões e reprovações não são fáceis de suportar.

Só podem ser suportadas por um homem que aprendeu a confiar completamente em Deus. Mas elas não influenciaram em Moisés. Ele sabia em Quem tinha crido. Tinha aprendido a obedecer a Deus implicitamente e ver-se sempre completamente justificado. Ainda que um exército acampasse contra ele, não temeria seu coração; ainda que se levantasse uma guerra contra ele, também neste caso estaria confiado.

Gostaríamos nós de ter mais desta confiança em Deus, confiança que descansa inteiramente em Sua direção e ajuda! Isto leva o crente a fazer o que para alguns podem ser manifestações de loucura ou de fanatismo insensato, mas que são confirmados pelo resultado.

Frequentemente, Deus parece deixar Seus filhos em situações inteiramente dificultosas, levando-os a situações de onde não há possibilidades de escape e traçando uma posição que nenhum juízo humano teria permitido, se fosse consultado previamente.

A mesma nuvem os conduz ali. Pode ser que você, leitor meu, possa enfrentar uma situação assim. É incompreensível e misterioso.

O resultado fará mais do que simplesmente justificar Aquele que levou você a tal situação. É uma plataforma para a ostentação de Sua graça e poder onipotentes. Deus não apenas livrará você, mas, ao fazê-lo, lhe dará uma lição da qual jamais se esquecerá e que, em dias posteriores, você celebrará com muitos salmos e cânticos. Você nunca poderá agradecer suficientemente a Deus por Ele ter agido precisamente como agiu. Se você se tivesse colocado por capricho próprio em tal situação, teria perecido miseravelmente, mas, já que foi Ele que levou você a ela, você deve ficar quieto para ver Sua salvação, que está preparada como a manhã seguinte.

## **A PERSEGUIÇÃO**

Assim. que Israel partiu, Faraó lamentou. As obras públicas tinham parado por falta de trabalhadores. Grandes territórios ficaram repentinamente desocupados. O trabalho deste povo escravizado fazia falta por todo canto: na cidade e no campo. Houve uma repentina perda de renda e de serviços que mal podia suportar-se. E seu orgulho proibiu de dar, sem esforço, sua aprovação à saída de Israel. Além disso, em seu louco desejo de desfazer-se deste povo, os egípcios o tinham carregado de

joias de prata e de ouro e de vestes; tanto é assim que se diz que eles **“despojaram os egípcios”** (Êxodo 12.36).

É claro, pelas contribuições que depois deram para a construção do Tabernáculo, que Israel carregava consigo uma grande quantidade de tesouros e de coisas de valor. **“Mudou-se o coração de Faraó e dos seus oficiais contra o povo, e disseram: Que é isto que fizemos permitindo que Israel nos deixasse de servir?”** (Êxodo 14.5).

Nesta nova disposição mental, Faraó foi informado do movimento dos hebreus para o sul, que parecia tê-los deixado inteiramente em seu poder. Certamente os deuses recobriram seu antigo poder e vinham em sua ajuda! E pensou: “Vou persegui-los, os alcançarei, repartirei os despojos e encherei deles minha alma” Apressaram-se para ajuntar seus valentes e reunir os seiscentos carros escolhidos, a cavalaria e a infantaria. **“Perseguiram-nos os egípcios, todos os cavalos e carros de Faraó, e os seus cavalarianos, e o seu exército, e os alcançaram acampados junto ao mar”** (Êxodo 14.9).

“E assim terminou a tarde provavelmente do quinto dia de sua saída. Os da retaguarda da hoste fugitiva viram os guerreiros egípcios descendo as colinas do deserto e, ao cair da noite, sabiam que todo o exército egípcio estava acampado perto deles, tão somente esperando a luz da manhã para cair sobre eles, envolvendo-os numa matança geral ou na volta à escravidão.

Era uma situação espantosa. Terrível era aquela situação para aqueles corações covardes. Imediatamente, voltaram-se contra Moisés e lhe fizeram sentir toda a sua angústia e temor: **“Será, por não haver sepulcros no Egito, que nos tiraste de lá, para que morramos neste deserto? Por que nos trataste assim, fazendo-nos sair do Egito?... Deixa-nos para que sirvamos aos egípcios. Melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto”** (Êxodo 14.11-12).

Então aquele nobre espírito se levantou na força de sua fé e, nas palavras que disse, vemos sua própria atitude interior. Não temeu, nem ficou admirado, suas faces não empalideceram, nem se intranquilizou seu coração. Esperou para ver a salvação de Deus, pois estava inteiramente seguro do que ocorreria naquele mesmo dia e sabia que o Senhor pelejaria por eles e os livraria e confirmaria Sua própria palavra. É o que temos no capítulo seguinte.

**.oOo.**

## O CÂNTICO DE VITÓRIA

**“Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro”**

(Êxodo 15.21)

Quando a nuvem de Deus deixa a algum de Seus filhos em dificuldade, pode-se contar que Ele o livrará. Nosso Pai Todo-Poderoso, como a águia da qual Moisés cantou depois, deleita-se em conduzir Seus ternos filhotes, que podem contar com toda a Sua dedicação, mesmo à beira do precipício e empurrá-los ao ar, para que entendam sua capacidade de voar e se, no esforço realizado, são expostos ao perigo inusitado, Ele está preparado para pôr-Se debaixo deles e levá-los para cima sobre Suas poderosas asas.

Um exemplo disto encontramos aqui. Da nuvem, o Amigo Todo-Poderoso viu a atemorizada multidão de fugitivos que clamava a Ele. **“Em todas suas aflições Ele foi afligido e o Anjo da Sua presença os salvava; em Seu amor e em Sua compaixão os salvou; e os levava e livrava todos os dias da antiguidade”** durante aquele dia e aquela noite memoráveis. Até parece que os filhos de Israel se rebelaram junto ao Mar Vermelho. Nos é dito claramente que **“nossos pais, no Egito, não atentaram às Tuas maravilhas; não se lembraram da multidão das Tuas misericórdias e foram rebeldes junto ao Mar Vermelho. Mas Ele os salvou por amor do Seu Nome, para lhes fazer notório o Seu poder”** (Salmo 106.7-8).

E isto sugere outro pensamento, isto é, que nossa libertação não depende de nossos merecimentos, mas do propósito divino. Embora possa supor-se que nossa conduta no meio dos perigos não afastará de nós a ajuda divina, no entanto, diríamos melhor que, apesar disto, Ele operará milagres poderosos a favor dos que não têm direito de reclamar nada dEle.

O único que parecia não estar comovido no meio daquele pânico generalizado era seu heroico líder, cuja fé foi o órgão de sua libertação.

E é por isto que em todas as referências posteriores a este acontecimento sempre há referência à sua mão como o instrumento

através do qual o poder do Senhor agiu. **“O Teu povo, Tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e de Arão”**, diz-nos o salmista (Salmo 77.20). **“Aquele cujo braço glorioso Ele fez andar à mão direita de Moisés”**, diz-nos Isaías (Isaías 63.12).

O povo, portanto, tinha uma boa razão de lembrar-se dos antigos dias de Moisés, porque foram feitos famosos pela grande fé dele.

**“Pela fé, atravessaram o Mar Vermelho como por terra seca”** (Hebreus 11.29).

## **A VARA**

Há um limite para a oração. Embora Moisés fosse para o povo como uma fortaleza tranquila, elevando-se sobre eles como uma rocha, perante Deus, ele se dobrava como uma cana, clamando.

Mas esta não era a hora de súplicas, mas de ação. Devia dar ao povo a ordem de avançar. Sobre o mar, sobre o qual as sombras da noite caíam rapidamente, devia estender sua vara e, por sua fé, dar ao poder de Deus um canal pelo qual passasse a separar as grandes águas.

Aquela vara já tinha desempenhado muitos papéis. No princípio, cresceu em algum recanto úmido da península do Sinai, desconhecendo seu grande destino, até ser cortada pelo pastor com o propósito de dirigir seu rebanho ou defender-se de algum animal perigoso. Estava em sua mão quando Deus o encontrou no princípio e, atirada ao solo, transformou-se numa serpente, símbolo do orgulho egípcio.

Já tinha desempenhado seu papel em muitas das pragas egípcias; estendida sobre as águas, as tinha transformado em sangue; levantada para o céu, tinha chamado a tempestade; estendida sobre a terra, tinha transformado o pó em piolhos. Daqui em diante, haveria de ganhar a vitória sobre Amaleque e tirar água do coração da rocha.

Em todas as ocasiões era **“a vara de Deus”**. Mas nunca em toda a sua história tinha feito ou faria tal maravilha como a que lhe esperava naquela noite, quando, ao mandado de Deus, foi estendida sobre as águas do Mar Vermelho.

O que a vara era na mão de Moisés, ele era na mão de Deus. E o mesmo pode ser cada um de nós em Sua mão se tão somente nos cedemos implicitamente a Ele para o serviço.

Pode ser que, por natureza, sejamos de mais rude natureza; nem de pinho, nem de carvalho, nem de cedro; pode ser que, quanto à educação, não tenhamos cultura nem refinamento; pode haver em nós muitos nós que afetem nossa simetria e beleza. Mas o que importam estas coisas?

O único essencial é saber que somos movidos e usados pelas mãos que moldaram os mundos e construíram o arco dos céus.

O oficial que grava vidro tem junto a si os mais rudes instrumentos de ferro para ajudá-lo a fazer os desenhos mais interessantes, mas a destreza de seu toque é mais do que compensação pela aparente inaptidão. Não importa se você é um pedaço de ferro ou uma vara cortada de uma árvore informe. Tenha cuidado de estar na destra do Divino Obreiro.

## **A NUVEM**

Até agora a coluna de nuvem tinha-se movido com majestosa glória nos céus, mas neste momento ela desceu à terra como um grande muro de vapor movediço, formando uma separação entre o acampamento do Egito e o acampamento de Israel.

Para os primeiros, era escura e ameaçadora, impedindo seu avanço e ocultando os movimentos dos fugitivos; aos segundos, dava luz, lançando o resplendor sobre a areia e o mar e indicando com exatidão o caminho que, a seguir, desapareceria.

Durante toda a noite, brilharam aqueles faróis celestiais e em dias posteriores a lembrança do efeito produzido pelo reflexo de sua luz nos muros das águas com vidro sugeriu ao inspirado escritor as imagens que pintou o triunfo dos redimidos que estão à beira do mar de vidro, misturado com fogo, tendo as harpas de Deus.

Parece que a inspiração não podia achar um símbolo mais digno daquele acontecimento supremo da saída e do triunfo da multidão de Israel na noite, quando a glória divina foi refletida nas ondas amontoadas de cada lado como colunas na entrada de um magnífico templo.

## **A PASSAGEM**

Neste ponto, seguindo a narração do salmista historiador, é claro que uma terrível tempestade entrou em cena. A terra estremeceu e tremeu como os maciços cinzentos das montanhas.

De entre as trevas, sobre suas cabeças, das cortinas da tenda de Deus saíam os repetidos relâmpagos, seguidos dos tremendos trovões. O Altíssimo. deixou ouvir Sua voz seguida do chicote do granizo e das bolas de fogo.

O vento oriental se levantou furiosamente, empurrando diante de si as águas que se sentiram como que feridas e, em seguida, recolhendo-as nas mãos, as amontoou, onda sobre onda, até que se ergueu um muro de

espuma tumultuosa, desde a base até o cume, irritado, fumegando, resistindo o refreamento inesperado e surpreso, mas sustentado firmemente todo a tempo pela pressão daquele poderoso vento que não lhe deu trégua, mas que o manteve firme; e toda a água de trás, amontoada, apoiou-se naquele baluarte, tão estranhamente construído, tão maravilhosamente sustentado.

Do outro lado, a correnteza retirava-se cada vez mais para as grandes profundidades após ela. Era como se cada onda sentisse o impulso que se abria em alguma parte longínqua do mar e se apressasse a preenchê-la, deixando nu o fundo na irresistível fuga.

Então apareceram os canais das águas; firmaram-se os cimentos do mundo, de maneira que rochas e pedras depositados em tempos primitivos e zelosamente preservados de todos os olhares esquadrihadores despertaram, encontrando-se descobertas.

Repentinamente, parece que tinha acontecido uma pausa na velocidade de escoamento das águas, que se retiravam e começaram a voltar lentamente, mas, assim fazendo, encontraram-se detidas pela mão de Deus que, deixando um caminho suficientemente largo desde o muro já formado, começou a construir um segundo muro. E fez elevar-se as águas qual montão.

Descendo da beirada entre estes dois muros de água, Via-se um caminho largo, comparado pelo profeta àquelas sendas montanhosas pelas quais o gado desce das terras altas, onde apascenta, aos vales, onde repousa (Isaías 63.14). Já houve alguma vez uma comparação tão estranha? E, no entanto, naquele momento parecia bem natural.

Naquele momento, as palavras que tinham sido pronunciadas pelos lábios do líder e que tinham sido ouvidas pelos que o rodeavam passaram como fogo na planície, ainda que em segredo, de boca em boca: **“Dize aos filhos de Israel que marchem”** (Êxodo14.15).

Imediatamente, sem precipitar-se, mas com alegre obediência, a hoste resgatada desceu, fileira após fileira, e passou entre os muros de vidro e fogo, no meio do ruído da tempestade, o que fez com que sua fuga não pudesse ser ouvida pelo inimigo.

Imagine, se é capaz, ó filho de Deus, aquela marcha triunfal! As crianças, excitadas, refreadas de gritar suas exclamações pelo silêncio de seus pais; a excitação quase irrefreável das mulheres ao sentirem-se repentinamente salvas de uma sorte pior que a morte; enquanto que os homens que as seguiam ou as acompanhavam, estavam envergonhados e confundidos de terem alguma vez duvidado de Deus e murmurado contra Moisés.

E, ao ver aqueles muros de água, amontoados pela mão estendida do Eterno, em resposta à fé de um único homem, aprenda o que Deus fará pelos Seus. Não receie do resultado da obediência implícita ao Seu mandamento; não tema as águas irritadas que, em sua orgulhosa insolência, impedem seu progresso; não tema a multidão turbulenta de homens que são comparados com as águas, elevando sua voz e rugindo com suas ondas. Não tema nenhuma destas coisas.

Sobre as vozes de muitas águas, das poderosas águas do mar, o Senhor se senta como rei para sempre. Uma tempestade é apenas um sintoma de Sua vinda, o ambiente de Sua presença. Seu caminho não está somente no mar; Seu caminho está entre as poderosas águas e Seus passos estão ocultos da razão humana.

Atreva-se a confiar nEle! Atreva-se a segui-IO! Pise no barro do mar e verá que é rocha. Desça às grandes profundidades e verá que as mesmas forças que interromperam seu progresso e ameaçaram sua vida, a Seu mandato vêm a ser os materiais que formam a avenida que conduzirá você à liberdade.

## **A PERSEGUIÇÃO**

Assim que os egípcios perceberam que Israel escapava, os seguiram desesperadamente mesmo no meio do mar.

Houve bastante orgulho e obstinação neste ato, que tentou a Deus e o desafiou a fazer o pior que poderia fazer. E quando todo o exército egípcio estava entre os muros de água, toda a força da tempestade agiu sobre eles.

O Senhor os viu do meio da coluna de nuvem e de fogo e os deixou consternados; um pânico repentino tomou conta deles; seus pesados carros mal podiam avançar no meio da lama do fundo do mar e as rodas dos carros começaram a encalhar. Voltaram para fugir, reconhecendo que Um maior do que Israel investia contra eles.

Neste momento começou a despontar a alba e, ao mandato de Deus, Moisés estendeu sua mão sobre o mar, desde a praia oriental onde ele e Israel já tinham chegado. E o mar voltou com toda a sua força.

Os egípcios tentaram fugir em vão e foram submersos com o repentino empurrão das águas que vinham contra eles de ambos os lados. Afundaram como chumbo nas poderosas águas; desceram como uma pedra às suas profundidades; e, em menos tempo do que se gasta para relatar a história, não ficou nem um resto de sua poderosa ostentação.

## **O CÂNTICO DE MOISÉS**

Então Moisés cantou. A luz da manhã revelou um dos espetáculos mais memoráveis da história. Uma nação de escravos, fugindo de seus patrões, de repente tinha-se transformado em uma nação de homens livres e agora estava nas praias de um novo continente. O povo orgulhoso, que durante gerações os tinha feito sofrer, ele é que agora tinha recebido tal humilhação da qual não se recobriria durante algumas gerações. As pessoas mais ilustres foram submersas no meio do mar; nem um deles permaneceu vivo; e por toda a extensão da praia viam-se cadáveres, lançados pelas águas.

Aquele dia foi um marco significativo nos escritos dos hieroglifos do Egito, diz a história daquele desastre. Aquele incidente foi uma prova da evidência de que Deus era digno da confiança que os obrigava a crer não somente em seu grande Libertador, mas também em Seu servo Moisés.

Assim acontece se tão somente nos mantivermos quietos e entregarmos a Ele a nossa causa; das calúnias e difamações de nossos inimigos sai a luz e a verdade. E veremos, agora mortos na praia do mar, aqueles que antes nos enchiam de receio, e que agora são impotentes para perseguir-nos ou prejudicar-nos.

E aquela hoste resgatada, reunida ali numa vasta multidão, prorrompeu num cântico, cujos sublimes conceitos de linguagem o fizeram digno daquela ocasião e tem sido um modelo dos cânticos triunfais em todos os tempos. Um único pensamento toma conta dele: somente o Senhor. O cântico foi entoado para Ele e acerca dEle. Era Ele quem tinha triunfado gloriosamente e lançado ao mar o cavalo e o seu cavaleiro. Era Sua destra que tinha despedaçado ao inimigo.

Foi com Seu sopro que se afundaram nas poderosas águas. Foi pela grandeza de Sua excelência que foram derrubados os que ousaram levantar-se contra Ele. Todas as honras da vitória foram colocadas reverentemente a Seus pés. Não há nem uma referência sequer a Moisés.

E a facilidade de sua vitória estava claramente acentuada. As águas foram elevadas como muros por Seu alento. Soprou com Seu vento e um exército inteiro afundou como uma pedra nas profundidades. Só precisou estender Sua destra e o mar engoliu o maior exército do mundo.

Observem-se os epítetos atribuídos a Deus: **“Minha força”**, **“meu cântico”** e **“minha salvação”**. Enquanto os homens O louvavam como **“homem de guerra”**, as mulheres, encabeçadas por Maria, respondiam com o refrão: **“Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro”** (Êxodo 15 .21).

Se este cântico foi composto antes, prevendo-se este momento, não sabemos. Talvez fosse assim, pois de outra maneira como poderia ter sido

cantado por aqueles milhares de pessoas reunidas? Neste caso, isto seria um sinal notável da fé que agia tão vigorosamente no coração de Moisés.

Foi preeminentemente seu cântico e em suas últimas notas vislumbramos sua antecipação do futuro e a certeza de suas convicções: **“Tu o introduzirás e o plantarás no monte da Tua herança”** (Êxodo 15.17).

É assim que, em certas ocasiões, Deus transforma nossas ansiedades em cânticos. Durante a noite poderá durar o problema, mas a alegria virá na manhã seguinte; os redimidos obtêm alegria e gozo; Deus põe gozo em seu coração e canções novas em sua boca.

Longos anos de espera, preparação e obediência serão premiados por fim, tão certo como Deus é Deus.

Se não o são antes, o serão quando a manhã despontar nas praias do tempo; então nos uniremos em clamores de vitória que despertarão ecos eternos ao reunir-nos com milhares de milhares para entoar o cântico de Moisés, o servo de Deus, e o cântico do Cordeiro.

.oOo.

## 13

### MARA E ELIM

**“Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa”**

(1 Coríntios 10.11)

A Península do Sinai, em cujas margens esteve o povo resgatado, e que por quarenta anos deveria ser a sua escola, é uma das regiões mais ásperas, mais grandiosas e mais estêreis do mundo.

Tem sido descrita como uma porção de montanhas amontoadas numa confusão intrincada e confusa, elevando-se paulatinamente em altitude até o elevado cume de Um-Shomer, ao sul do Sinai.

Entre o Mar Vermelho e as menos elevadas cumes destas grandes cidadelas rochosas, há uma planície de cascalho e, a partir desta, a região eleva-se lentamente através de longas avenidas compostas de granito

purpúreo ou brilhante pedra arenosa, dando uma cor à paisagem que não se conhece em nossas colinas nuas e cinzentas.

Não temos que tratar agora destas avenidas majestosas que conduziam ao santuário interior, mas da planície arenosa sobre a qual, durante as primeiras semanas de sua peregrinação, a multidão foi conduzida, seguindo as praias do Mar Vermelho, e às margens das quais provavelmente viram os cadáveres de seus inimigos: um espetáculo horrendo.

Ainda que não seja declarado explicitamente, deve ter havido uma divisão da hoste dos israelitas desde o momento em que foram levantados os primeiros acampamentos nesta terra nova e estranha.

Os rebanhos e o gado, como é o costume entre os árabes modernos, foram bastante espalhados pela região para que se alimentassem nos escassos “*pastos do deserto*”, de que fala o salmista.

“Em quase toda as partes”, como nos diz o Deão Stanley, “há uma capa fina, poderia dizer-se transparente, de vegetação. E em poucos lugares há alguma verdura, geralmente junto às torrentes de inverno ou junto aos poucos mananciais vivos que são talvez perenes e que, pelo simples fato de sua escassez, ganham uma importância difícil de se entender, nos países úmidos das terras setentrionais”.

E foi ali onde foram conservados seu gado e seus rebanhos, enquanto a grande massa do povo marchava com Moisés.

Que maravilhosa mudança! Já não sentiam mais o barulho incessante do movimento do Egito, com seus festivais e espetáculos, com seu canto e suas festas, com sua corte e o exército. Já não viam o verde vale do benéfico Nilo, onde nunca faltava água e saborosos legumes e alhos, e onde melões satisfaziam sua sede. Já não viam a majestosa glória da Esfinge, das pirâmides e dos templos.

Em seu lugar havia um silêncio tão intenso que, dizem os árabes, podem fazer ouvir suas vozes através do Golfo de Ácaba, uma devastação tão seca que poderiam dar-se por satisfeitos se encontrassem um manancial em sua marcha de um dia. Enquanto isso, estavam literalmente encerrados num templo, cujas paredes eram rochas firmes que mãos humanas não poderiam ter levantado.

E, no meio de todas estas variadas experiências, a nuvem os guiava lentamente avante, e, enquanto as cenas sucessivas vão passando rapidamente perante nós, não podemos deixar de ver nelas uma alegoria ou parábola da vida humana e reconhecer a verdade da declaração do Apóstolo: “**Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos...**” (1 Coríntios 10.11).

## 1. A VALENTE FÉ DE MOISÉS

Ele conhecia bem aquele deserto, com seu caráter áspero e desolado, os leitos secos de suas torrentes e a falta de tudo que era necessário para a vida humana. Sabia também que, se seguissem o caminho rumo ao norte, logo chegariam à terra dos filisteus **“posto que mais perto”**, e onde facilmente poderiam conseguir tudo o que lhes fosse necessário, quer por meio de conquista ou por meio da compra. No entanto, nos é dito que deliberadamente os conduziu ao sul, rumo ao deserto.

**“Fez Moisés partir a Israel do Mar Vermelho, e saíram para o deserto de Sur; caminharam três dias no deserto e não acharam água”**. Mas ele não podia agir de outra maneira, pois que a nuvem se dirigia para lá. Apesar de ter perante seus olhos a clara indicação da vontade de Deus, deve ter havido uma fé heroica para conduzir aqueles milhões de pessoas através do deserto (Êxodo 13.17; 15.22).

Todos nós necessitamos ser conduzidos pelo caminho do deserto.

No meio de suas cenas majestosas, nossa mente acostumada com excessiva familiaridade com as obras dos homens adota uma tônica mais elevada e chega a admirar-se da pequenez das vaidades que a tantos interessam.

Ali aprendemos a tratar com Deus, não de segunda mão, como acontece com tanta frequência na civilização humana, mas diretamente com Aquele que distribui com a própria mão o maná que se constitui em nosso alimento e que faz brotar da **“penha dura”** as correntes vivas que apagam nossa sede.

Ali perdemos os luxos que estavam minando a nossa natureza moral e nos encontramos fortalecidos e reforçados em cada músculo pelas privações e pelo trabalho.

A paciência, a liberdade, a fé, o espírito do peregrino, todas estas coisas são fruto da peregrinação no deserto e elas florescem em seu ambiente raro e peculiar.

Houve boas razões, pois, para o grande líder seguisse o caminho indicado pela nuvem, mas isto não diminui a evidência sublime de fé que podia confiar em Deus até as últimas instâncias, ao dar as costas para a Filístia e dirigir-se firmemente ao centro do deserto, escondido até o momento pelos grandes baluartes e muros de rochas.

## 2. A PROVA DE SUA FÉ

**“Os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco”** (Êxodo 15.22). Sem dúvida, a jornada do primeiro dia foi aflitiva: as tempestades de areia que os cegavam, a brilhante luz do sol refletida pelas brancas terras calcáreas, a ausência de sombra, de árvores e de água...

E a água que carregavam em seus coldres de couro devia estar bem quente e não refrescava.

O segundo dia não foi menos aflitivo. Já tinham deixado o mar bem para trás e nada interrompia a monotonia do horizonte sem árvores, sem vida e sem água.

Certamente, ao montarem suas negras tendas para descansar à noite, era difícil reprimir algum descontentamento ou pelo menos a ansiedade quanto ao que a manhã seguinte poderia trazer para seus pés inchados e seus lábios febris. Sua provisão de água também já estava no fim, se é que não tivesse terminado.

Amanheceu o terceiro dia. Talvez Moisés, sabendo que os mananciais de água não estavam longe, os animasse a perseverar e todos procuraram vislumbrar ao longe as palmeiras ou outras árvores verdes.

Assim como a mãe busca ansiosamente os sinais de restauração de saúde na face de sua criança, ou como a guarnição sitiada esquadrinha no horizonte à procura do esquadrão de socorro, assim também aqueles olhos ansiosos procuravam os sinais prometidos.

E quando, ao findar-se mais um dia, os divisaram ao longe, quão alegremente gritaram, como seus corações se regozijaram, com quanta prontidão expressaram sua confiança em Deus.

Suas fadigas, queixas e privações foram todas esquecidas, enquanto com passos acelerados corriam para os poços. Mas como foi grande a sua decepção quando o primeiro gole daquela água encheu sua boca de amargor e descobriram que lhes provocava tantas náuseas que não podiam beber dela.

Enquanto não tinham visto esta água, tinham podido suportar as dificuldades, mas esta experiência agora era insuportável. Voltaram-se para Moisés e disseram: **“Que havemos de beber?”**. Deixaram de cantar louvores e se tornaram rebeldes.

Não temos alguma experiência todos nós da caminhada no deserto? Ele pode ocorrer até mesmo após um grande livramento. Mas quão grande é o contraste entre as extasiadas aleluias de um e a triste monotonia do outro!

O início é interessante e dá prazer, mas é muito difícil continuar andando dia após dia no meio do pó da oficina, no meio do deslumbramento da tentação, na opressão da consumidora pobreza, ou na

rotina do trabalho enfadonho. Ninguém acha agradável o deserto, mas ele é nossa escola, nosso campo de disciplina, nossa arena, onde estamos sendo severa e cuidadosamente educados para nosso grande futuro.

E então chegaremos a Mara, onde virão amargas decepções, pesares que despedaçarão nosso coração, nossos sonhados ideais serão enfrentados e destruídos.

Seria melhor caminhar dia após dia sem a visão esperançosa do que despertarmos para ver que tudo não tinha passado de uma miragem.

Deus permite as Maras para nos pôr à prova ou, em outras palavras, para que se evidencie o que está em nós. Que peregrino à Nova Jerusalém não tem visitado aqueles mananciais e misturado suas amargas lágrimas com as amargas águas?

### **3. O RECURSO DE MOISÉS**

**“Moisés clamou ao Senhor”.** Era bem melhor esta sua atitude do que repreender o povo, ou ameaçá-lo de deixar de ser seu líder, ou sentar-se melancólico e completamente desesperado.

Os discípulos de João Batista, após terem sepultado seu amado mestre, foram e o contaram a Jesus. E em todos os séculos os servos de Deus têm-se regozijado após suas decepções e a ingratidão por parte daqueles por quem teriam dado com prazer a vida, e contado tudo Àquele cujo coração está atento a cada soluço nosso e cujo amor está sobre todos, e em todos, e por todos.

Ao lado de cada amarga Mara cresce uma árvore, a qual, atirada às águas, as torna saborosas e doces. É assim sempre. O veneno e o antídoto, a infecção e a cura, a pena e a medicina, sempre estão próximos.

A palavra que salva está próxima da boca e do coração. Nem sempre vemos a graça suficiente, mas ela ali está. Por estarmos ocupados excessivamente com nossa decepção, não nos amimamos a buscá-la, mas, quando clamamos, ela aparece ao nosso olhar anelante.

E o que tipifica aquela árvore senão a cruz de Cristo? Ela é o símbolo não apenas de nossa redenção, mas também de uma vontade rendida. Foi ali onde a Sua obediência á vontade do Pai chegou à sua suprema manifestação. O Senhor Jesus se fez obediente até à morte e morte de cruz.

Nada tira a amargura da decepção e a faz tão agradável e própria da vida como o olhar para a cruz de Cristo e dizer: “Seja feita a Tua vontade e não a minha. Tua vontade é minha felicidade. Em Tua vontade está a minha bem-aventurança”.

Cada dia Moisés aprendia uma preciosa lição! E Deus ia sendo feito uma viva realidade para ele. Aprendeu os caminhos de Deus e nos é dito que lhe foram dados a conhecer.

E deve ter sentido pouco a pouco que toda a responsabilidade da peregrinação estava sobre os grandes e largos ombros de seu Amigo Todo-Poderoso.

Companheiros de trabalho, não queiramos carregar nós as responsabilidades que resultem de Sua Obra! Nosso único pensamento deve ser seguir Seus passos e estar em união viva com Ele. Podemos deixar o resto por Sua conta.

#### **4. ELIM**

Há mais Elins na vida do que Maras e acampamos sempre junto a eles. Nem sempre nos é permitido descansar em um, mas poderemos passar longos e felizes dias em outros. Quão agradável a sombra daquelas setenta palmeiras! Quão doce a água daqueles doze poços! Quão deleitosos aqueles dias cheios de descanso!

Você diz que nunca gozará desta felicidade? Está equivocado! Todas as almas cansadas alcançarão descanso. Não há caminhada através do deserto que não chegue a um Elim.

O Cordeiro não deixará de conduzir você por fontes vivas de água e de limpar todas as lágrimas de seus olhos antes que você passe a porta de pérola.

Há uma trégua na tempestade; um pouso na Colina da Dificuldade; uma pausa na marcha. Ele faz que Suas ovelhas pastem em pastos verdejantes e as conduz às águas de descanso. “Engrandecei ao Senhor comigo e juntos louvemos Seu Nome”.

Temos de atravessar o deserto, pois de outra maneira nunca chegaremos a Elim. E Elim deve ao deserto grande parte de sua felicidade. É o Castelo das Dúvidas que faz com que a visão das Montanhas das Delícias seja tão encantadora.

A longa enfermidade faz com que o ar seja tão agradável no primeiro passeio a pé que se permite ao enfermo. As longas nevascas do inverno pintam as mais belas cores às flores da primavera.

Não fique murmurando em Mara. Disponha-se a partir! Ao longe, vislumbramos nosso Elim. Espera em Deus porque ainda O louvarás.

Em Mara, Moisés recebeu de Deus uma nova e agradável revelação: a de que Ele seria o “Curador” de Seu povo em sua peregrinação através do deserto, protegendo-os das enfermidades do Egito. É maravilhoso que tal

mensagem lhe fosse dada nesta ocasião, mas a graça divina não é refreada pelo pecado humano a ponto de não dar suas alegres surpresas.

E Elim foi a vindicação da promessa. Como é maravilhoso nosso Deus! Derruba nossos inimigos no mar e disciplina Seu povo no deserto. Conduz-nos através da areia escaldante e nos faz descansar em vales frescos e agradáveis, permite a decepção em Mara e nos surpreende em Elim. Conduz-nos através de uma nuvem, mas nos fala através de uma fala humana. Enumera as estrelas, mas conduz Seu rebanho como um pastor e cuida ternamente dos fracos. Escolhe a nuvem da tempestade e pinta nela Suas promessas nas cores de um arco-íris.

Prova-nos em Mara e em Elim nos refresca.

.oOo.

## 14

# A DÁDIVA DO MANÁ

**“E, quando se evaporou o orvalho que caíra, na superfície do deserto restava uma coisa fina e semelhante a escamas, fina como a geada sobre a terra. Vendo-a os filhos de Israel, disseram uns aos outros: Que é isto? Pois não sabiam o que era. Disse-lhes Moisés: Isto é o pão que o Senhor vos dá para vosso alimento”**

(Êxodo 16.14-15)

Podemos acampar em Elim e passar dias longos e felizes em suas verdes enramadas, mas não podemos viver ali; pelo menos, a maioria não pode. É muito mais difícil e é necessária muita mais graça para permanecer devoto e zeloso, manter os lombos cingidos e o espírito marcial em seu clima doce do que na areia doce e estéril do deserto, com seu ar puro e estimulante.

Há poucos que podem chegar a sua mais alta e nobre excelência no meio das condições fáceis nas quais a vida lhes permite viver. Por isso é que, ainda que a nuvem da direção divina se detenha em Elim o tempo

suficiente para refrescar-nos, logo levanta-se novamente e começa seu progresso majestoso sobre a expansão do deserto, sem deixar-nos alternativa a não ser levantar nosso acampamento e partir.

Diz-se-nos que **“partiram de Elim, e toda a congregação dos filhos de Israel veio para o deserto de Sim, que está ente Elim e Sinai”** (v. 1).

Adeus às setenta palmeiras e aos doze mananciais de água! Adeus às suaves e doces horas de descanso da luz deslumbrante do deserto! Mas Aquele cuja natureza era refletida naquela beleza maravilhosa que poderia reproduzir inúmeros Elins, se Lhe parecesse bem, nunca podia ficar para trás, mas tinha que acompanhar Seu povo.

Não importa se nos coloca no meio de vegetação ou no meio do deserto. Ele é responsável para suprir com Seus recursos próprios o que falta em circunstâncias externas.

Que importa que não haja palmeiras? A sombra do Todo-Poderoso há de abrigar-nos do calor sufocante.

Há coisas acerca de Deus e de Sua habilidade para suprir todas as debilidades da alma humana que não podem aprender-se em nenhum Elim, apesar de toda a sua formosura; e só podem adquirir-se naqueles largos corredores de rochas que conduzem ao pé do Sinai, como as antigas avenidas de obeliscos conduziam às colunatas de Karnak.

As asas de águia sobre as quais Deus leva Seu povo não se estendem por baixo deles quando o ninho está destruído e abandonado. A supremacia de Deus sobre todas as leis naturais só se aprende quando estas se veem como paradas perante Ele à semelhança de anjos que executam Seus mandatos, escutando a voz de Sua palavra.

A tenra paciência de Deus, o lado materno de Sua natureza, se manifesta quando uma hoste prorrompe em soluços como uma criança queixosa. A pontualidade de Deus se discerne mais facilmente no desjejum preparado no deserto do que na sucessão das estações do ano e a marcha dos mundos celestiais.

Fizeram bem, pois, em deixar Elim; mais além os esperam Sinai, Pisga e Canaã.

## **1. AS MURMURAÇÕES NO DESERTO**

Agravaram-se as responsabilidades que já pesavam sobre o coração de Moisés ao ter que suportar as murmurações do povo a quem amava tanto.

Fizeram com que continuamente ele se voltasse para seu Amigo Todo-Poderoso para derramar em Seu ouvido simpático e tenro todo o seu pesar.

E estas murmurações repetidas durante toda a caminhada pelo deserto deixam ainda mais visível a doçura de sua mansidão e a glória de sua fé, que provavelmente era o único conduto pelo qual operava o poder de Deus para a salvação e bênção de Seu povo.

A raça dos murmuradores, triste é reconhecer, não está extinta. Lábios que às vezes têm ajudado a cantar hinos de consagração às vezes pronunciam queixas. E nenhum de nós se dedica tanto como deveria fazer para refrear a expressão do descontentamento.

Com quantas frequência se misturam murmurações com o alimento que tomamos, por não estarmos inteiramente conformes com sua qualidade e preparo; com a temperatura, porque não se enquadra em nossos planos; com nossa vocação diária, porque é fastidiosa e cansativa; com a presença ou a ausência de certas pessoas em nossa vida!

### **MURMURADORES CURTOS DE MEMÓRIA**

Mal havia passado um mês desde que o povo tinha saído do Egito, um mês exuberante das maravilhas que a destra do Senhor tinha feito. O historiador diz especialmente que era o dia quinze do segundo mês e acrescenta: **“Toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Arão no deserto; disseram-lhes os filhos de Israel: Quem nos dera tivéssemos morrido pela mão do Senhor, na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne e comíamos pão a fartar! Pois nos trouxestes a este deserto, para matardes de fome toda esta multidão”** (Êxodo 16.2-3).

Podiam lembrar-se muito bem dos deleites sensuais do Egito, mas se esqueciam do chicote do capataz e da angústia de seu coração ao amassarem o barro.

Esqueciam-se com quanta bondade Deus tinha feito provisão de suas necessidades desde que tinham participado da Páscoa, ao comerem a carne do cordeiro.

Esqueciam-se do cântico de triunfo com que tinham afirmado sua inteira confiança de que Deus os levaria e introduziria na terra de sua herança. Nenhuma dessas bênçãos prevaleceu para refrear a torrente de suas queixas.

Quando nos sintamos dispostos a murmurar, lembremo-nos do passado, recordando como Deus nos tem tratado em anos decorridos. Se Deus nos livrou de seis dificuldades, será possível que se esqueça de nós na sétima? Se resgatou nossas almas do poder do sepulcro, não vai cuidar do corpo, que foi incluído no preço da compra?

Quando o salmista se queixava e seu espírito estava apreensivo, nos diz que se lembrava de Suas maravilhas do passado, dos anos da antiguidade; lembrava-se de sua canção da noite e dos anos em que se manifestava a destra do Altíssimo: **“Recordo os feitos do Senhor, pois me lembro das Tuas maravilhas da antiguidade. Considero também nas Tuas obras e cogito dos Teus prodígios”** (Salmo 77.11-12).

### **MURMURADORES CURTOS DE VISÃO**

Não percebem que, por trás das aparências das coisas, estão escondidas a presença e a providência de Deus. Moisés chamou a atenção do povo para este fato, o que aumentou gravemente a sua ofensa.

Pareciam-lhes que apenas estavam expressando seu desagrado contra um homem semelhante a eles. Aborrecidos, sentiram alívio em expressar seu descontentamento contra aquele a quem deviam tanto.

Como é vão confiar na multidão que hoje canta “hosana” e amanhã, “crucifica-O”! Mas seu fiel líder lhes mostrou que seus insultos iam dirigidos não a ele, mas contra Aquele de quem ele era servo e por cujo mandato tudo era feito. **“O Senhor ouviu as vossas murmurações, com que vos queixais contra Ele; pois quem somos nós? As vossas murmurações não são contra nós, e sim contra o Senhor”** (Êxodo 16.8).

Convém-nos meditar nestas palavras. Alguns dos filhos de Deus estão mais dispostos a admitir que existe uma providência geral do que uma especial e particular. A primeira envolve a segunda.

Todo o ensino de Jesus nos leva a crer num cuidado especial que enumera até todos os cabelos de nossa cabeça. As mesmas necessidades de nossa educação exigem uma superintendência divina das coisas insignificantes e comuns da vida. Deus tem de estar em todas as coisas, ordenando-as e permitindo-as.

É impossível, pois, murmurar sem que a espada de nossas palavras cortando a delgadíssima cortina do que vemos, fira Aquele a Quem as circunstâncias apenas servem para ocultar.

As queixas e as murmurações são dirigidas contra a vontade e o plano de Deus. E a solução é aceitar todas as coisas como provenientes de Sua mão, e aprovar Suas sábias disposições, e crer que Ele está assegurado os melhores resultados.

### **AOS MURMURADORES FALTA-LHES A FÉ**

A pressão da necessidade tinha começado a fazer-se sentir na multidão. Não era tanto a pobreza que estavam experimentando no momento, mas a que pensavam ser iminente.

Os alimentos escasseavam; as provisões se esgotavam. Por isso vieram a Moisés e murmuraram.

Frequentemente, Deus dilata Sua ajuda. Retarda Sua vinda o tempo suficiente para que deixemos de confiar em nós mesmos e para mostrar a futilidade de confiar na ajuda humana.

Em tais ocasiões, frequentemente não percebemos a lição que Ele quer nos ensinar e lamentamos nossa dura sorte, embora seja apenas uma sugestão de nosso coração temeroso.

Dos pântanos de nossa vida interior surge o miasma da desconfiança e então nossa imaginação pretende descobrir objetivos espantosos e imediatamente pensamos que serão uma realidade em nossa experiência e nesta suposição caímos e tememos muito, como Saul perante a aparição de Samuel.

Muitos dos filhos de Deus desesperam-se pelo que receiam e prorrompem em murmurações declarando que serão mortos, mas se se detivessem para pensar um momento veriam que Deus se tem comprometido com as mais solenes promessa em zelar por eles.

Por que a murmuração? É porque duvidamos. Por que duvidamos? É porque olhamos para o futuro ou consideramos as circunstâncias sem contar com Deus.

Mas quando o olhar é simples em sua mirada fixa nEle (Seu amor, Sua sabedoria e Seus recursos), a fé se torna forte e compreende que Aquele que não perdoou a Seu próprio Filho, mas que O entregou por todos nós, juntamente com Ele nos dará também livremente todas as coisas.

Como foi diferente desta vida de murmuração a de nosso bendito Senhor, que também foi levado ao deserto e viveu sem comida durante quarenta dias! Mas não se queixou. Nem uma palavra de murmuração saiu de Seus lábios; poderia recriminar ao Pai por tratar assim a Um que sempre Lhe tinha prestado obediência completa.

E mesmo quando teve fome, o Diabo Lhe sugeriu que ter fome não era próprio do Filho de Deus, mas Ele lhe disse que Lhe era suficiente aceitar a vontade de Seu Pai. E estava preparado para tudo quanto isto envolvesse. Se Deus Lhe negava pão, assim mesmo susteria de alguma forma o corpo que Lhe tinha feito.

O Filho nunca duvidou do direito que tinha Seu Pai de seguir qualquer linha de conduta que achasse por bem e parecia estar perfeitamente satisfeito.

Tinha aprendido o segredo de ser saciado e de padecer fome, de ter abundância e de padecer necessidade. Não vivia para o pão, mas de toda palavra que procedia da boca de Deus. E nesta paciência divina mostrou-nos como se pode evitar que a murmuração aconteça e como a alma pode ser fortalecida para suportar penalidades.

## **2. O ALIMENTO NO DESERTO**

Não podemos contar aqui toda a história do maná, com sua riqueza de referência espiritual ao verdadeiro pão, que é Cristo. Basta-nos recordar

### **BUSCAR NOVA PROVISÃO**

**“Vos farei chover do céu pão”** (Êxodo 16.4). Para o crente, há cinco fontes de onde lhe pode vir ajuda porque, além dos quatro pontos cardeais por onde sopram os ventos, olha para o alto, para os céus. O maná veio do céu. Olhe mais para imã, filho de Deus, para ao coração e a mão do Pai!

### **ALIMENTAR-NOS COM O PÃO CELESTIAL DE MANHÃ E CEDO**

**“Colhiam-no, pois, manhã após manhã, cada um quanto podia comer; porque, em vindo o calor, se derretia”** (Êxodo 16.21).

A melhor hora para nos alimentarmos com a carne de Cristo por meio da comunhão com Ele e meditando nas Suas palavras é de manhã cedo. Se não fazemos assim, perde-se o encanto pela intromissão de muitas coisas, embora sejam úteis e necessárias.

Não se podem reproduzir as reflexões das águas de um lago movidas pelo vento. Como é diferente de todos os outros dias aquele cujas primeiras horas estão dedicadas à comunhão com Deus! Nem é possível viver hoje com os restos de ontem. Cada um de nós precisa de tudo quanto um novo dia pode suprir-lhe da graça e consolo de Deus. Deve ser pão cotidiano.

### **ALIMENTAR-NOS DE CRISTO É O ÚNICO SEGREDO DE FORÇA E BÊNÇÃO**

Se os crentes em Cristo compreendessem e se apropriassem das lições ensinadas tão claramente neste incidente, assim como no

maravilhoso discurso que nosso Senhor deu baseado no incidente (João 6.22-58), veriam u´a maravilhosa mudança em sua vida.

Como é grande a diferença que se efetua pelo estudo prolongado e amante do que as Escrituras dizem dEle! Sentar-se para lê-las com prazer; ler dois ou três capítulos, uma epístola, ou um livro, sem interrupção; deixar que o coração e a mente se embebam do conteúdo; fazer isto antes que outros intrusos tenham entrado no coração distraindo sua atenção... Oh, quanto isto nos transforma!

Encerramos este capítulo, mas antes chamamos sua atenção para a expressão extraordinária usada por nosso Senhor quando disse: **“Não foi Moisés quem vos deu o pão do céu”** (João 6.32), insinuando que, embora não tenha sido Moisés quem nos deu o Pão eterno de que falava, no entanto, deu uma espécie de pão, isto é, o maná. Assim, havia um certo sentido em o fiel servo dar diariamente a provisão com que se alimentava seu povo.

Mesmo em nossos dias, sabemos de casos em que a fé de um único homem serve para fornecer o alimento diário de centenas de órfãos e de outras pessoas. Deus dá a eles para que eles o deem a outras pessoas. Mas tudo isto é insignificante comparado com o formidável milagre de uma fé que era capaz de cobrir aquelas regiões do deserto com alimento por quarenta anos!

Ninguém que ler estas palavras deve vacilar em fazer-se sócio de Deus em qualquer atividade a que o Senhor o chame a realizar. A única coisa necessário é estar pronto para entender a mais leve indicação de Sua vontade, estar pronto para obedecer e forte para perseverar. Quando estas condições se completarem, a alma trabalha com Deus num bendito companheirismo, tendo prazer em dificuldades, escassez, fome e perigos porque em cada uma destas experiências aparecem os recursos divinos que aplainam caminhos até nas montanhas.

Tal pessoa será inteiramente indiferente às murmurações ou aos aplausos, às censuras ou aos louvores, por ter sua alma ocupada em uma comunhão que é perfeita felicidade, pois a satisfaz inteiramente.

Gloriemo-nos, pois, sem cessar no Senhor, ao encararmos o não experimentado e o não conhecido e não lamentaremos a formosura de Elim ou as panelas de carne do Egito, ou as comidas frugais da tenda de Jetro, quando semelhantes lições podem aprender-se na companhia de nosso Amigo eterno, Aquele que nunca vai faltar aos que confiam nEle e Quem aumenta nossa fé para que saibamos retribuir aos que são amigos nossos, que acudem a nós, rogando-nos que lhes demos ajuda e pão (Lucas 11.5-9).

.oOo.

# 15

## REFIDIM

**“E não havia ali água para o povo beber... Respondeu o Senhor a Moisés: Ferirás a rocha e dela sairá água, e o povo beberá. Moisés assim o fez... Veio Amaleque e pelejou contra Israel em Refidim... Ihe ficaram as mãos firmes até ao pôr-do-sol... E Moisés edificou um altar e lhe chamou: O Senhor é Minha Bandeira”**

(Êxodo 17.1-16)

Se você procura guiar homens, mais cedo ou mais tarde encontrará um Refidim. Diz-nos o relato que, conforme o mandamento do Senhor, os filhos de Israel viajaram desde o deserto de Sim e acamparam em Refidim.

O caráter do obreiro é tão precioso a Deus quanto a obra que ele está realizando e não deve economizar esforços para completar a obra em que pôs sua mão.

Por isso, obreiro cristão, não se surpreenda se está em Refidim. Há lições que podem aprender-se ali e são de valor incalculável.

Geógrafos e historiadores têm tido dificuldades para achar o lugar exato, mas ele não importa. Estava, sem dúvida, em algum lugar perto da praia em um dos vales que conduzem ao coração das montanhas que nos levam à meseta central.

E as experiências das quais este lugar foi cenário são comuns a todas as vidas, idades e terras.

### 1. ALI APRENDEMOS

#### O LIMITE DE NOSSAS CAPACIDADES

Poucos de nós podemos suportar um êxito longo e continuado. Comparativamente, é fácil andar pelo Vale da Humilhação quando nosso caminho está escondido e os rostos das pessoas estão desviados; mas

estarmos parados numa certa altura, sem nenhum rival, sem que haja alguma coisa a vencer, a admiração e a inveja de uma multidão... Esta é uma tarefa em que o cérebro cambaleia, vacila o passo e o coração se enche de orgulho.

É mais fácil saber como ser abatido do que como ser exaltado, como estar pobre do que ter abundância. Somos dados a repetir a loucura de Ezequias, mostrando seus tesouros aos embaixadores da Babilônia e a proferir a louca arrogância de Nabucodonosor: **“Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?”** (Daniel 4.30).

Sempre que isto acontece, sempre que o coração do homem se enche de orgulho e se enche de auto-confiança, então acaba sua utilidade. Deus não quer dar a Sua glória a outrem. Ele não permitirá que Seu poder seja empregado para o engrandecimento do orgulho humano ou para contribuir à exaltação da carne.

Seu decreto solene determina que nenhuma carne há de gloriar-se na Sua presença. **“Porventura, gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele? Ou presumirá a serra contra o que a maneja?”** (Isaías 10.15).

É por isso que tantos servos de Deus que antes faziam um bom trabalho foram deixados de lado. Foram maravilhosamente ajudados até que se fizeram fortes, mas, quando chegaram a ser fortes, seus corações se elevaram para sua destruição.

Ainda pregam os sermões de outrora, sermões que antes soavam como a trombeta do arcanjo, mas já não há mais movimento entre os ossos secos que enchem o vale da visão.

Pronunciam os antigos exorcismos, mas os demônios riem-se deles e recusam sair. Sabem que o Senhor apartou-se deles e que não são mais como nos dias passados.

Se os tais tão somente considerassem e examinassem seu coração veriam que estavam confiando em êxitos do passado, pensando que de alguma maneira os frutos de peixes deviam-se à sua própria perícia na pesca, em lugar de ser o dom direto dAquele que, frequentemente, sobrepuja todas as regras por um conhecimento e um poder divinos.

Facilmente podemos supor que Moisés corresse perigo de uma queda semelhante. Durante os últimos meses, sua carreira tinha sido marcada com um êxito não interrompido, contínuo. Tinha feito com que o monarca mais orgulhoso de seus dias se ajoelhasse perante Deus, pedindo Seu favor.

Tinha chegado a ser grande aos olhos dos sacerdotes e da corte; tinha encabeçado o maior êxodo que o mundo tinha visto ou veria jamais. O

oceano dividido, o exército submerso, o cântico de vitória, a queda do maná, a evidência de sua habilidade como estadista e como um que tinha nascido para ser um líder de homens.

Tudo isto se combinou, pondo-o numa posição sem paralelo de autoridade e de glória. Bem o expressa o cântico triunfal: **“O Senhor se tornou rei ao Seu povo amado, quando se congregaram os cabeças do povo com as tribos de Israel”** (Deuteronômio 33.5).

Trata-se de uma tentação? Os homens admoestam-se uns aos outros contra tentações nas quais já estiveram a ponto de cair. E não pode ter sido por sua própria experiência que Moisés dá a seguinte admoestação ao seu povo: **“Guarda-te, não te esqueças do Senhor, teu Deus,... para não suceder que, depois de teres comido e estiveres farto, ... se eleve o teu coração e te esqueças do Senhor... Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas”** (Deuteronômio 8.11-17).

Os grandes e bons homens não estão livres do ataque do orgulho e vanglória. Nenhum de nós está livre da tendência de sacrificar a nossa rede e queimar incenso à nossa draga porque por meio delas é abundante a nossa porção e é abundante nosso alimento.

Foi por este motivo que o apóstolo Paulo se gloriava em suas enfermidades, achando nelas lembranças constantes de sua debilidade, e que o mantinham humilde para que Deus o usasse como plataforma para exibição do Seu poder.

É provável, pois, que Deus tenha trazido Moisés a Refidim para refrear todas as tendências de amor próprio; para abatê-lo até ao pó em relação à sua natural impotência; para ensinar-lhe seus insignificantes recursos e capacidade. Deus age assim para **“apartar o homem do seu desígnio e livrá-lo da soberba”** (Jó 33.17).

Quaisquer que fossem os pensamentos que tinham começado a ocupar a mente de Moisés, toda a confiança em si mesmo deve ter desaparecido como uma nuvem de neblina quando se achou face a face com aquele enfurecido motim que, deixando de lado a gratidão, o patriotismo, o respeito a si mesmo, ou a lembrança de livramentos passados, com violência exigia água.

**“Contendeu, pois, o povo com Moisés e disse: Dá-nos água para beber... Murmurou contra Moisés e disse: Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós, a nossos filhos e ao nosso rebanho?”** (Êxodo 17.2-3). Era tal a irritação que pareciam estar prontos a apedrejá-lo.

Era esta a maneira como retribuía seu ilimitado serviço a favor deles? Não se importavam com ele. Estava claro que ele não era o líder em seus corações, como tinha pensado e esperado!

E em relação à água, como ele poderia obtê-la? Nenhuma sabedoria e nenhum poder seus poderiam ajudá-lo em tal situação. Nada que ele pudesse sugerir satisfaria o caso. Estavam absolutamente esgotados os seus recursos: **“Então, clamou Moisés ao Senhor: Que farei a este povo?”**

É uma abençoada situação aquela a que a Providência divina nos reduz quando nos achamos frente a uma necessidade abrumadora. Se se tratasse de um riacho, poderíamos atravessá-lo, mas é um rio. Se fosse a sede de uma criança, poderíamos satisfazê-la, mas são milhões de pessoas sedentas.

Se se desejasse a água dos poços da terra, poderíamos fazer represas para receber a água dos lagos que estão ao redor das montanhas, mas está sentindo-se a necessidade da água viva que sai do trono de Deus e do Cordeiro. Então entendemos os limites de nossa insuficiência.

E clamamos: **“Quem é suficiente para tais coisas?”** (2 Coríntios 2.16). Confessamos que não somos suficientes por nós mesmos, mas que a nossa suficiência vem de Deus.

Não podemos produzir um avivamento; nem salvar uma alma; nem convencer do pecado um coração; ou vê-lo humilhado em contrição; não podemos consolar e nem satisfazer a ardente sede.

E quando já esgotamos todos os nossos recursos, então estamos para provar os recursos de Deus. É por baixo do limiar da porta por onde o rio de água viva sai e prossegue em seu caminho ordenado do céu.

## **2. ALI APRENDEMOS MUITO ACERCA DE DEUS**

Isto sempre vem depois da outra lição. É necessário nos conhecermos a nós mesmos antes de conhecermos a Deus. O Mestre sempre diz: **“Dai-lhes vós mesmos de comer... Quantos pães tendes?”** (Mateus 14.13-21).

Não é porque Ele precise das informações, mas porque quer fazer compreender aos Seus servos o absolutamente inútil de seu esforço e prepará-los melhor para a grandeza do Seu poder.

E àquela pergunta sobre os escassos pães, segue-se uma ordem: **“Trazei-mos”** e pelas cestas de pedaços que sobraram podemos verificar a

abundância da provisão. Assim, pois, em Refidim, aquela necessidade que nos abate e nos faz recorrer a Deus revela a Deus.

### **APRENDEMOS DE SUA PACIÊNCIA**

Nem sequer uma palavra de reprovação se faz ouvir no ar tranquilo do deserto. Se o povo tivesse sido exemplar em sua confiança não teria encontrado mais tenra vontade de suprir suas necessidades.

O povo, e talvez Levi especialmente, o provaram em Massá e polemizaram com ele nas águas de Meribá, perguntando se o Senhor estava ou não entre eles, enquanto o maná caía toda manhã ao redor do acampamento. E não houve nenhuma palavra de repreensão, tão somente a direção para suprir imediatamente as necessidades.

É só em Refidim que aprendemos Sua paciência para conosco e para os outros, pois Ele sempre se lembrará de Seu pacto. **“A Sua misericórdia dura para sempre”** (Salmo 136.4).

### **APRENDEMOS A REALIDADE DE SUA PRESENÇA ESPIRITUAL**

**“Estarei ali diante de ti sobre a rocha em Horebe”** (Êxodo 17.6). O povo acabava de ameaçar apedrejar a Moisés, mas Deus lhe disse que não temesse. Foi como se lhe dissesse: “Não tenha medo, Eu sou teu Deus; ninguém te maltratará porque Eu estou contigo para te livrar. E isto te será por sinal de que Eu estou realmente ali sobre a rocha: dela brotarão mananciais de água”.

Nunca antes Deus tinha sido tão real para Seu servo como o foi neste dia, levantando-se como um baluarte para defendê-lo e protegê-lo das multidões enfurecidas que o ameaçavam. É precisamente quando os homens se levantam mais fortemente contra nós que o Senhor se põe ao nosso lado, assim como o fez com Paulo e nos diz: **“Não temas!”**

### **APRENDEMOS ONDE ESTÃO OS ARMAZÉNS SECRETOS DE DEUS**

**“Ferirás a rocha e dela sairá água, e o povo beberá”** (v. 6). Isto é estranho! Uma rocha pareceria ser o último lugar a armazenar água, mas as despensas de Deus estão em lugares inesperados.

Os corvos trazem comida. O primeiro ministro do Egito dá grãos. Ciro permite sair da Babilônia o povo de Israel. O Jordão sara o leproso. A farinha torna benéfica a comida envenenada. A madeira faz o ferro nadar. Um samaritano cura as feridas e salva a vida de um viajante assaltado.

José de Arimateia sepulta o cadáver sagrado em seu próprio sepulcro novo.

É muito bom ir até Refidim para conhecer os recursos da providência de Deus. Os que O temem não padecerão necessidade e não terão medo de necessidade os que têm chegado a conhecer Seus armazéns secretos. **“Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que O amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito”** (1 Coríntios 2.9-10).

Aquela rocha ferida era um tipo de Cristo. Uma Rocha, estável no meio de cataclismos, permanente apesar das mudanças. Uma Rocha ferida! A re- preensão quebrantou seu coração e a lança do soldado fez sair de Seu lado sangue e água brotando para sanar as nações e satisfazer sua sede. **“Bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo”** (1 Coríntios 10.4).

Não há outra água que satisfaça a sede como esta água límpida brotando da Rocha. “Rocha da Eternidade, foste aberta para mim”.

### **3. ALI APRENDEMOS O PODER DA ORAÇÃO**

A tribo de Amaleque provavelmente era descendente de Esaú e, como ele, era áspera, feroz e belicosa.

Seria provável que eles se submetessem sem resistência à intromissão de um novo povo nos pastos e fortalezas que tinham conseguido defender contra o Egito? Seria impossível e assim, segundo Josefo, esta poderosa tribo reuniu naquele local todas as forças do deserto, desde Petra até o Mediterrâneo.

Se o Egito representa o poder das trevas, Amaleque é um tipo da carne, a qual, ainda que completamente derrotada e quebrantada, manifesta-se principalmente em momentos de fraqueza e descuido.

Muito tempo depois, Hamã, o amalequita, quase conseguiu aniquilar todo o povo judeu. Saul foi comissionado a destruir completamente os amalequitas. O Senhor se obrigou solenemente a manter guerra contra Amaleque de geração em geração.

Moisés, que agora estava com oitenta e um anos, receou o fragor da batalha. Confiou as tropas ao mando de Josué que, pela primeira vez adquire proeminência, enquanto ele subiu à colina com a vara sagrada na mão. Dali vislumbrou a batalha, estendendo as mãos em oração, pelejando com combatentes invisíveis todo o dia e ganhando a vitória por meio da intercessão, da qual aqueles braços firmes eram o símbolo. É um quadro formoso! Três anciãos orando! Dois apoiando o terceiro!

Em Refidim aprendemos que pela oração conseguiremos o que de outra maneira seria impossível. Em outros dias, Moisés nunca teria pensado em ganhar uma batalha a não ser pelejando. Agora aprende que pode ganhá-la orando.

Provavelmente Paulo também aprendeu aquela lição em seus encarceramentos fastidiosos. Quão tediosos devem ter sido no princípio para seu espírito ardente, acostumado como estava a preparar-se e ir aonde queria ir. Pode ser que estivesse tentado a sentir que todo o poder para influenciar no destino da igreja já tinha acabado quando, de repente, descobriu que tinha uma alavanca mediante a qual podia assegurar resultados maiores que antes e então em cada Epístola faz referência a suas orações. Lembremos a frase que usa com frequência: **“Nunca deixo de fazer menção de vós em minhas orações”**.

Não podemos comparar-nos com nenhum destes, como os liliputenenses podiam comparar-se com um Gúlliver, e, no entanto, podemos, ao menos, imitá-los em suas intercessões.

Os êxitos de uma igreja são em função de suas orações. Se estas persistem, a bandeira indica suas vitórias; se são fracas e raras, o inimigo consegue seu êxito transitório. Aprendamos, pois, a orar enchendo nossos Refidins com fortes clamores e lágrimas, e observaremos para nós mesmos e para outros vitórias que nenhuma proeza humana poderia ganhar.

Estas vitórias nos animarão como nenhuma outra coisa poderia fazê-lo, enchendo nosso coração de gozo, nossos lábios de louvores e nossas mãos dos despojos do inimigo. Que livramentos poderíamos efetuar a favor de nossos seres amados e de todos quantos são fortemente molestados pela carne se tão somente estivéssemos com mais frequência na colina com a vara da oração levantada em nossas mãos firmes.

Roguemos, pois, e rogue o Cristo que está em cada um de nós, por Seus Pedros, para que permaneçam firmes na fé e possam ser salvos, como os pássaros, da rede do caçador.

.oOo.

16

**REPRESENTANTES**

# PERANTE DEUS

**“Representa o povo perante Deus, leva as suas causas a Deus”**

(Êxodo 18.19)

Quando a hoste de Israel tinha deixado Refidim, começaram a subir, desde as praias do Mar vermelho até o coração das montanhas de Sinai. A estrada tem sido comparada a uma escada de rochas. Diante deles, pelo ar puro, cobria-os a majestosa nuvem, conduzindo-os não sabiam aonde. Só sabiam que deviam segui-la, pois que a provisão de maná e de água dependia da obediência absoluta a seu movimento.

De cada lado levantavam-se as paredes de vermelha rocha arenosa, como as paredes de algum grande templo, conduzindo-os ao lugar Santíssimo do qual se aproximavam. Parece que foi neste trecho de seu caminho que aconteceu o incidente narrado neste capítulo, porque as palavras **“o monte de Deus”** (v. 5) provavelmente se referiam a toda esta região.

As notícias no deserto andam depressa e o velho sacerdote, nas regiões afastadas de Midiã, tinha sido bem informado da série de acontecimentos dos quais seu parente tinha sido o centro.

Quando, pois, lhe chegaram as notícias da chegada da vasta hoste à região do Sinai, tomou a Zípora, mulher de Moisés, e a seus dois filhos que tinham sido confiados aos seus cuidados, e os trouxe a Moisés.

Após as muitas saudações costumeiras orientais, falaram extensamente e com admiração da maneira como Deus tinha conduzido Seu povo. Terminaram o dia com um banquete solene e um sacrifício. Parece que o dia seguinte era um dia de descanso. A nuvem permaneceu parada, como se estivesse presa a um cabo invisível, e se estendeu como um toldo que os refrescava e os protegia do ardente calor do sol.

E neste dia houve um incidente que estava destinado a ter importantes resultados na história do grande líder, como também na história do povo que ele conduzia. **“No dia seguinte, assentou-se Moisés para julgar o povo; e o povo estava em pé diante de Moisés desde a manhã até ao pôr-do-sol”** (v. 13).

## A PRÁTICA HABITUAL DE MOISÉS

Temos aqui um vislumbre da vida que Moisés levava nesta época. Quando a multidão acampava e havia um dia livre da fadiga da

caminhada, parece que ele se sentava no tribunal e era procurado por todos os que tinham alguma disputa, ou queixa, ou assuntos acerca dos quais desejavam obter conselhos e direção divina.

Apesar de todas as suas murmurações, olhavam para ele como o órgão da voz de Deus e procuravam obter de seus lábios uma direção autoritária da vontade divina. Expressando-nos em suas próprias palavras, quando o povo tinha algum problema vinha a ele para perguntar a Deus e, então, lhes dava a conhecer os estatutos de Deus e Suas leis.

Era uma obra divina, suficiente para monopolizar suas potências mais nobres e empregar os recursos que tinha entesourado durante os longos anos de espera, porque o que é mais maravilhoso neste mundo é servir como intérprete d'Aquele de quem Jó disse: **“um dos milhares para declarar ao homem o que lhe convém”** (Jó 33.23)?

Ouvir as dificuldades, e as perplexidades, e as questões difíceis dos ansiosos e oprimidos; inquirir por eles a Deus; trazer suas causas ao tribunal para serem julgadas; propiciar-lhes ajuda; voltar a eles para ensiná-los, ensinando-lhes o caminho em que deviam andar e o trabalho que deviam fazer... Este é um trabalho que merece a dedicação e a fortaleza do amor de um anjo e se aproxima do ministério do Redentor.

Esta bendita obra de mediador não era feita por Moisés como sacerdote, pois que por enquanto o sacerdócio não tinha sido constituído, mas como um homem nobre e de grande coração, que usava o tempo para fazer esta obra e que podia falar a Deus. Ele representava o povo perante Deus e abre para todos nós uma visão interessante, especialmente para os que têm intimidade com o Rei e entram na corte real.

Por que não participamos mais como Moisés deste deleitoso serviço que está aberto para todos, tanto para os que têm dificuldade na fala como também para os que falam com boca de ouro, e dá oportunidades para aqueles que se retiram da publicidade e dos olhares dos homens?

Podemos imaginar como ele apelava a Deus cada dia com uma longa lista de perguntas de uns e de outros da multidão. Uma causa e outra a apresentava pedindo conselhos, citando nomes e circunstâncias, argumentos e razões de cada lado e esperando a resposta que devia dar. Que variedade! Que retidão! Que realidade devia haver em suas orações!

Na realidade, ele era um sócio do Altíssimo, um colaborador e companheiro de jugo com quem tinha um interesse comum com o povo que amavam! Por que não devemos nós começar a viver desta maneira? A voz que falou a ele também fala a nós: **“Representa o povo perante Mim”** (v. 19). E as portas por onde ele passava e tornava a passar continuam abertas de dia e de noite.

Com frequência nos admiramos de Lutero passando três horas diariamente em oração e meditação; do bispo Andrews, que passava quase cinco horas cada dia em comunhão com Deus; de João Welsh, que achava que o dia seria mal gasto se não passasse de oito a dez horas em comunhão íntima com Deus.

Talvez pensemos que orações tão prolongadas seriam apenas uma monotonia de orações vãs. Esquecemos que quando um homem vai ao mercado com um grande número de encomendas de seus amigos e vizinhos necessita de mais tempo do que quando vai somente para si mesmo. Seria muito bom se as causas de outros nos detivessem mais perante o Senhor.

Ser o representante do povo perante Deus foi cada vez mais característico na vida de Moisés. Quando o espírito de rebelião surgia no acampamento, ele caía sobre seu rosto. Quando parecia provável que toda a nação perecesse pelo seu pecado, ele se punha na brecha e rogava ao Senhor e a destruição que os ameaçava se manifestava apenas como uma nuvem de tempestade.

Duas vezes de quarenta dias esteve detido no monte santo. E muitos anos depois ele é mencionado por Samuel como homem que se apresentava perante o Senhor a favor do Seu povo.

Que tipo tão notável é este de nosso Senhor Jesus, embora em outros aspectos, haja um abismo entre os dois. Moisés era fiel sobre a casa de Deus como servo, mas Cristo, como Filho, cuja casa somos nós. Tudo o que Moisés fez fará o Senhor e muito mais. Ele é nosso representante perante Deus e Lhe apresentará nossas causas. Mediante Ele podemos inquirir a Deus e Ele nos dará a conhecer os estatutos de Deus e Suas leis, e nos mostrará o caminho em que devemos andar e a obra que devemos fazer.

### **A CARGA QUE MOISÉS SUPORTAVA**

Serviço como este não pode fazer-se sem gastar excessivamente o que é mais vital no homem. Esgota as simpatias; fatiga o cérebro; cansa o coração por estar encarregado dos pesares e problemas, das cargas e das necessidades de uma multidão de pessoas perplexas e oprimidas. Você não pode salvar aos outros e, ao mesmo tempo, salvar-se a si mesmo. A virtude não pode sair para sarar sem que se faça consciente da perda. Só pode consolar aos outros quando os entende e não pode entendê-los enquanto não se tenha comunicado com eles.

Mas o esforço para fazer isto custa tudo quanto você vale para uma alma. E por isso evidenciou-se a afeição de Jetro, pois tanto Moisés quanto o povo se esgotavam em seu esforço de cumprir com todas as demandas.

Em anos subsequentes parece que Moisés se rendeu sob a carga. **“Disse Moisés ao Senhor: Por que fizeste mal ao Teu servo, e por que não achei favor aos Teus olhos, visto que puseste sobre mim a carga de todo este povo? Concebi eu, porventura, todo este povo? Dei-o eu à luz, para que me digas: Leva-o ao teu colo, como a ama leva a criança que mama, à terra que, sob juramento, prometeste aos seus pais?”** (Números 11.11-12).

Quando Jetro falou com ele, Moisés não sentia ainda a tensão e total responsabilidade porque tudo era novo para ele, mas este serviço lhe minava as forças e Jetro o percebeu.

Nem sempre reparamos no custo de nosso trabalho. Somos deslumbrados pela excitação e pelo interesse nele. O movimento, a agitação, e as oportunidades, a forma encantadora da vitória ser ganha, tudo isto nos faz esquecer como estávamos consumindo nossas forças, embora isto seja patente aos outros.

Alguns homens cansam-se de ser moderados, não podem viver lentamente, têm que consumir-se, derramando suas vidas como uma libação. E é um ato benévolo quando um Jetro sente-se levado a sugerir uma mitigação na atividade febril em que estamos envolvidos, um relaxamento na rápida corrida.

Os Jetros raramente prevalecem e geralmente recebem pouco agradecimento por seu interesse conosco. Precisamos aprender através de um terrível colapso, mas, pelo menos, eles mereceram nossa gratidão. Desde o homem que desfalece sob o peso do cuidado humano imposto em seu coração por seus semelhantes, voltemos ao verdadeiro Sacerdote e irmão dos homens, em cujos ouvidos ressoa uma corrente incessante de dor humana, de cuidado, de necessidade e de pecado.

É como se todas as cartas entregues em todas as caixas de correio ano após ano fossem dirigidas a uma só pessoa, que teria de abri-las e ela mesma responder a todas.

E esta ilustração nos dá uma ideia incompleta e inadequada de tudo o que chama a atenção de nosso Mestre, Jesus Cristo, cujo coração é o receptáculo de toda a angústia, pesar e sofrimento da humanidade.

A paciência de Moisés durou apenas alguns meses, mas a dEle durará até a obra acabar (Deuteronômio 1.31; Isaías 63.9; Atos 13.18). Ele não desfalece e nem se cansa porque toda paciência e fortaleza do Divino

combina com a simpatia e delicadeza de tato e entendimento de uma mulher.

Será que compreendemos suficientemente o custo com que, através dos séculos, Ele está exercendo Seu ministério a nosso favor? Não nos parece que a caminhada dos glorificados com frequência se detém no cume do Monte das Oliveiras porque o Rei está vertendo lágrimas, compadecendo-se de nossas fraquezas?

## **O CONSENTIMENTO DE MOISÉS À PROPOSIÇÃO DE JETRO**

Não pode ser a vontade de Deus que algum dos Seus servos se consuma. Ele conhece perfeitamente nosso ser e não demanda exageradamente de nossas possibilidades. Ele não é um patrão severo que exige de seus escravos mais do que pode suportar o ser humano.

Talvez seja pesada a carga que Ele põe sobre nossos ombros, mas não é exagerada. As atribuições que Ele nos dá cada dia podem ser muitas, mas não são maiores das que comportam nossas horas de trabalho.

As almas entregues ao nosso cuidado podem ser milhares, mas não são mais do que as que podem ser cuidadas e pastoreadas.

Deus nunca chama a um servo a desempenhar um dever acerca do qual Ele não lhe diz: **“A Minha graça te basta”**, “como teu dia, assim será a tua fortaleza”.

Às vezes os obreiros de Deus assumem o trabalho que outros poderiam fazer tão bem quanto eles e, na realidade, seria melhor que o fizessem. Este parece ter sido o caso de Moisés. Parece que ele pensava ser o único que podia julgar e administrar os assuntos de Israel. E este monopólio da administração estava tendo resultados adversos.

Ele estava demasiadamente cansado; fatigava também o povo; demorava a administração da justiça; e permitia que grande quantidade de talento permanecesse inutilizado.

O conselho de Jetro foi muito oportuno. Foram buscados e achados no meio do povo homens hábeis, tementes a Deus, homens de verdade e que aborrescessem a avareza.

Estes deveriam tratar dos assuntos menos importantes, enquanto que os mais importantes deveriam ser levados a Moisés.

Moisés tem sido criticado como culpado por ter agido daquele jeito. Tem-se dito que ele não tinha confiado em Deus e que a autoridade que ia ser dividida com outros tinha sido concentrada nele, de maneira que ele queria poder continuar tendo a responsabilidade e a honra do julgamento.

Deus podia ter dado a outros a capacidade para fazer a obra que agora compartilhariam com ele.

Mas, mesmo que este fosse o caso, e nem por um momento eu negaria que poderia ter sido assim, no entanto, não poderia ter ido tão bem como a divisão das responsabilidades do trabalho que a partir daí aconteceu.

Era muito melhor ocupar a todos aqueles homens do que fazer ele todo o trabalho sozinho. Faria aparecer o talento, os enobreceria, colocando-os em posição de responsabilidade perante seus companheiros; os faria ter um trato pessoal com Deus; inspiraria neles simpatia para com Moisés; de críticos, os faria simpatizantes e companheiros; os educaria para que ocupassem posições mais elevadas que emergências do futuro talvez exigissem.

É coisa boa ser um obreiro bom, que não tem de que se envergonhar, mas melhor ainda é chamar outros obreiros e fazê-los trabalhar.

Esta foi a política adotada pelos apóstolos quando os negócios da igreja aumentaram em suas mãos, passando a ocupar-lhes muito do seu tempo e da sua energia. Já não podiam combinar o serviço das mesas com o ministério da Palavra e, como não pudessem duvidar de sua responsabilidade espiritual, deixaram o “servir as mesas” (Atos 6.1-7), requerendo a ajuda de Estêvão e de seus companheiros, enquanto eles se dedicavam à oração e ao ministério da Palavra.

Haverá aqui uma lição para muitos dos obreiros do Senhor, ao lerem estas palavras? Será que estamos dissipando nossas energias numa área muito extensa? Será que estamos abarcando em nossa vida muitas coisas que outros poderiam fazer tão bem quanto nós? Aqueles que estão especialmente dotados de intuição especial na oração e na Palavra devem cultivar esses lados especiais de sua natureza, deixando a outros os detalhes do manejo e da direção das finanças?

Devemos empregar o lado mais excelente de nossa natureza, reservando-nos para ele, não descuidando dos menores detalhes se não houver quem os possa assumir, mas preparado-nos para entregá-los a **“homens capazes”**, mesmo que tenham de aprender seus deveres com dificuldade e talvez cometendo alguns erros e/ou fracassos.

A comunhão com Deus no cume da montanha é o melhor ponto de apoio de onde podemos mover a terra. Quanto mais tocarmos em Deus, mais chegaremos aos homens.

O profeta e o sacerdote, o homem de Deus, o mestre, esses estão entre os melhores dons de Deus aos homens.

E se você está dotado especialmente nesta direção, cultive semelhantes dons tanto quanto possível (são dons bem escassos), deixando outros detalhes para que sejam cuidados por outros que são de caráter mais prático.

.oOo.

## 17

# AO PÉ DO SINAI

**“Todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subia como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente”**

(Êxodo 19.18)

Desde Refidim os filios de Isarel marchavam lenta e trabalhosamente pelo vale conhecido como Wady-es-Sheykh, o mais longo mais largo e mais continuado de entre todos os vales daquele deserto. Deve ter havido uma mudança assombrosa da terra plana e aluvial do Egito, onde as únicas colunas eram as que tinham sido feitas pelo homem.

De cada lado da multidão dos peregrinos, montanhas altas levantavam seus baluartes inacessíveis de pedra vermelha arenosa e de granito variado, sem vegetação e nem límpidos riachos, nem vestígios de seres viventes. Devem ter aparecido como majestosos corredores de um vasto templo a cujo santuário interior a coluna de nuvem os conduzia por sua grandiosa marcha.

O Mar Vermelho que, sem dúvida, tinha chegado a parecer-lhes amistoso, tinha sido deixado para trás já fazia algum tempo, e não havia possibilidade de voltar para trás.

Nada os convidava a voltar e nem a retroceder no meio daquela assombrosa desolação e magnificência daqueles precipícios inacessíveis. Às vezes devem ter estado apreensivos pela esterilidade nua da cena e pelo

assombroso silêncio que foi removido de seu antigo reino pela intrusão de tal multidão.

Mas o seu curso os levava sempre avante e um pavor profundo deve ter tomado conta de suas almas tal como seria próprio daqueles que pisassem os recintos de um templo não feito por mãos humanas, santuário de uma majestade incomparável, a que conduziam aquelas avenidas vastas e sublimes.

Finalmente, tudo ficou descoberto. Após uns trinta quilômetros desde o Mar Vermelho, entraram numa região de areia amarela, inteiramente plana, como de uns três quilômetros de comprimento e de um quilômetro de largura e salpicada de arbustos de tamargueiras.

As montanhas que rodeiam esta planície têm em sua maior parte fraldas inclinadas e formam uma espécie de anfiteatro natural, mas ao sul há uma elevação de penhas ásperas que se levanta brusca e precipitadamente, enquanto que, por detrás, se levanta a grande massa de Gebel Mousa, profundamente cortada por frestas, como se tivesse sofrido os efeitos de um terremoto, tempestade ou fogo. Levanta-se da planície como um imenso altar e tudo quanto pode acontecer em seu cume facilmente é visível desde os limites mais remotos do acampamento dos milhões de almas reunidos embaixo.

Este foi o teatro escolhido para a promulgação da Lei. Ali as hostes de Israel permaneceram por muitas semanas e ali, enquanto as nuvens envolviam os cumos, e os relâmpagos passavam por entre os cumes, e vozes misteriosas, que às vezes se assemelhavam às notas de uma trombeta, despertavam ecos inusitados entre os montes, Deus se encontrou com Seu povo e lhes deu Sua Lei, escrevendo Seu Nome, não simplesmente sobre tábuas de pedra, mas no curso inteiro da história humana.

## **1. O OBJETIVO DE DEUS NO SINAI**

Não podemos tratar disto aqui a não ser brevemente, pois o que nos interessa mais é o caráter do grande líder, mas neste estudo mais exclusivo podemos, por um momento, considerar as impressões que as maravilhosas cenas associadas com o Sinai foram destinadas a produzir entre o povo e em si mesmo.

No tempo do êxodo, quase todo mundo estava entregue à idolatria. Os primeiros objetos de culto idôlatrico foram simplesmente o sol, a lua e os corpos celestes, ou outros objetos visíveis da sabedoria e do poder criador humano. Depois, supunha-se que a Divindade residia em homens e em

animais. Faziam-se destes imagens e eram adoradas, inicialmente cobertas de vestimentas, mas depois em estado de nudez, ao pod e exercerem um efeito imoral.

**“Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pela concupiscência de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente”** (Romanos 1.22-25).

Tratando desta inundação de idolatria, Deus agiu como com o dilúvio de água que submergiu o mundo antigo. Começou com uma única família, ensinando-lhe as lições sublimes de Si mesmo, as quais, aprendidas perfeitamente por eles, tinham de ser ensinadas a todo o mundo.

Notemos os sucessivos passos:

### **PRIMEIRO PASSO**

Deus escolheu de entre as massas do mundo pagão um único homem, chamou só a ele, e o fez ir a uma terra estranha. Ali o separou dos povos ao seu redor e começou a ensinar-lhe acerca de Si mesmo.

Da mesma maneira como um hortelão escolhe uma única planta para poder levá-la a uma perfeição rara e fazê-la o meio de melhorar todas as do seu tipo, assim o Senhor não mediu esforços para, com o grande hebreu, sendo ele abençoado, pudesse ser uma bênção à raça humana.

### **SEGUNDO PASSO**

Deus uniu num todo homogêneo o povo hebreu para que recebessem e retivessem como parte de sua vida nacional aquelas grandes verdades que tinham sido confiadas a eles.

Esta união foi efetuada pelo vínculo de um pai comum do qual estavam justamente orgulhosos; pelo vínculo de uma ocupação comum, que os preservou separados, como pastores, do tumulto das cidades e empórios de comércio; e finalmente pela pressão de uma prova comum que, juntamente com a maravilhosa salvação que lhes foi concedida, ficou indelével e por todas as gerações, como aquelas cores da terra de sua escravidão, que no deserto seco têm permanecido inalteradas e ainda vivas por trinta séculos.

Tão perfeitamente Deus fez esta obra que, enquanto outras nações têm-se levantado, reinado e caído, e sua desintegração tem sido completa e

final, os filhos de Abraão permanecem, como uma rocha imperecível ao fragor das ondas e ao desgaste dos séculos.

### **TERCEIRO PASSO**

Deus revelou sua existência. Em meio à sua escravidão, veio a notícia de que o Deus de seus pais era um Deus vivo; que tinha encontrado a um deles no deserto e, chamando pelo nome, havia prometido agir a favor deles.

Pode ser que a notícia não excitasse nem grande interesse. Alegram-se de ter, como outras nações de seu tempo, sua divindade tutelar, mas foi só isso. E pouco ou nada mais sabiam a respeito.

### **QUARTO PASSO**

Deus mostrou pelas pragas que é mais forte que os deuses do Egito. Podemos imaginar os filhos de Israel dizendo: “Nosso Deus é grande, ele transformou a água em sangue, mas talvez não seja tão forte como Íris ou Osíris, ou Serápis, ou o touro sagrado”?

Mas as maravilhas que foram feitas sobre os deuses do Egito resolveram definitivamente a questão.

### **QUINTO PASSO**

Deus despertou seu amor e gratidão. Podemos fazer tudo quanto queiramos pelos seres amados, mas, para conseguir seu amor, temos que dar; para excitar o amor é necessário declará-lo. Por isto lhes foi recordado de modo comovedor o que Ele tinha feito: **“Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a Mim”** (v. 4).

### **SEXTO PASSO**

Deus os ensinou acerca de algumas qualidades cujo conhecimento formava a base de todo trato legal entre o povo e Ele mesmo.

Para executar Seu propósito, Deus usou sinais exteriores e significativos que influenciaram mais na instrução do povo ignorante e sensual que tinha tomado para Si do que um discurso bem elaborado.

### **SÉTIMO PASSO**

Deus designou claramente a Moisés para que fosse o órgão humano e o conduto de Suas comunicações com o homem. **“Eis que virei a ti numa**

**nuvem escura, para que o povo ouça quando Eu falar contigo e para que também creiam sempre em Mim” (v. 9).**

Era impossível compreender a maneira como Deus estava cumprindo Seus propósitos, mas, olhando em retrospecto para a história, podemos descobrir o desenvolvimento do Seu plano, da mesma maneira como desde os cumes das planícies eternas veremos os caminhos por onde Ele nos tem conduzido durante todos os dias de nossa peregrinação.

## **2. AS LIÇÕES DO SINAI**

### **A MAJESTADE DE DEUS**

O cenário natural era bastante impressionante, mas ainda veio a ser mais grandioso durante o desenrolar dos incidentes do terceiro dia.

Não havia majestade nos trovões e relâmpagos; na nuvem baixa onde as nuvens eram praticamente desconhecidas; nos relâmpagos que iluminavam as trevas; no estrondo da trombeta que ecoava nos montes, quer tão suave como o som de uma flauta na tênue atmosfera, ou tão forte como um som que fere um penhasco saliente?

E a nuvens destilavam água e havia chuviscos tropicais. E no meio de tais cenas, Deus falou. Alguma combinação de fenômenos naturais poderia produzir conceitos mais grandiosos da Majestade da Natureza Divina?

### **A ESPIRITUALIDADE DE DEUS**

O que sugeria a Deus? Deus tomaria a forma de qualquer coisa que esteja em cima no céu, ou embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra? Seria em alguma destas formas, ou numa combinação delas? Como veriam Aquele que os tirara do Egito? Mas nesta ocasião memorável, **“Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte” (v. 17).**

Não viram semelhança alguma. Estava ali porque falou. Mas não havia forma exterior para que o olho O discernisse. Era mui difícil.

A grande dificuldade que experimenta o coração humano para acostumar-se à adoração do que o olho não pode perceber, ou a imaginação realizar, tem sido confirmada pelas repetidas caídas na idolatria desde os dias do bezerro de ouro até o crucifixo que beija a devota católica romana.

Não tem sido fácil para a humanidade aprender a lição tão claramente ensinada no Sinai, de que Deus é Espírito.

### **A SANTIDADE DE DEUS**

Esta lição principal também foi ensinada de uma maneira interessante pelos sinais exteriores que impressionaram os sentidos. Fizeram-se cercas para que os animais não pastassem na escassa vegetação das fraldas do monte; quem tocasse no monte morreria; toda a roupa tinha que ser lavada cuidadosamente antes daquele terceiro dia; pureza absoluta devia observar-se tanto no coração quanto na vida.

Só Moisés foi chamado ao cume do monte, onde a fumaça, e o fogo, e os relâmpagos se misturavam e os trovões rivalizavam com o estrondo da trombeta e, tendo subido ali, foi mandado que descesse de novo com o propósito expresso de avisar ao povo e até aos sacerdotes que não se aproximassem, para evitar que Deus fizesse um estrago entre eles.

Todos estes atos significativos se uniram para dar u´a ma

### **A REALEZA DE DEUS**

Em seu cântico triunfal de vitória às margens do Mar Vermelho, o povo tinha confessado o direito do Senhor de reinar sobre eles para sempre, mas restava-lhes aprender que era, na verdade, um Monarca absoluto.

O estado judaico era um reino e Deus era o Rei. E a realidade do Seu governo era patente pela maneira como Moisés obedecia Seus mandatos. Nunca poderiam esquecer como o grande líder Moisés era obediente ao mandato que saía da boca de Deus. Moisés era apenas o executor de Deus, “o instrumento passivo da vontade divina”.

O Decálogo foi dado por Deus mesmo **“com grande voz”** (Deuteronômio 5.22). Toda ordenança da Lei, todo costume e provisão para a vida doméstica e civil, toda a orientação para a construção do santuário e a conduta dos sacerdotes, tudo foi segundo a vontade direta de Deus, falado de Sua boca. “Deus e não Moisés foi o Autor de cada provisão, o verdadeiro Legislador, o verdadeiro Doador da Lei, o verdadeiro Rei; Moisés era apenas o porta-voz, o intermediário para comunicar os decretos de Deus ao Seu povo”.

Quão claro era o testemunho da supremacia do Altíssimo! Tais foram algumas das lições ensinadas no Sinai.

## **2. MOISÉS NO SINAI**

Parecia estar em seu próprio ambiente. Embora fisicamente deve ter-se aterrorizado e tremido ao ver as inusitadas manifestações de glória divina, no entanto não sentia o desejo de retirar-se ao longe, como o fez o povo.

Notem-se os passos sucessivos daquela familiaridade entre ele e Deus. **“Subiu Moisés a Deus”** (v. 3). Tendo informado ao povo as palavras de Deus, voltou a dizer as palavras do povo a Deus, porque nos é dito: *“Moisés, tendo descido do monte ao povo”* (v. 14). Quando o Senhor desceu entre trovões e fumaça, pela terceira vez Moisés subiu ao cume do monte (v. 20).

Quando as Dez Palavras da Lei tinham sido dadas, Moisés se aproximou das densas trevas onde Deus estava (Êxodo 20.21). Depois disto, foi-lhe dito para subir ao monte pela quinta vez, acompanhando-o os anciãos até um certo lugar, e Josué mais adiante. Mas só ele entrou na nuvem, que era como um fogo devorador sobre o cume do monte e permaneceu ali quarenta dias e quarenta noites para receber as instruções divinas para a construção do Tabernáculo (Êxodo 24.18).

Na sexta vez, voltou a Deus pedindo para ser apagado de Seu livro, se somente Israel pudesse ser perdoado e seu pecado perdoado (Êxodo 32.32).

E na sétima vez foi convidado a subir de manhã cedo, levando suas tábuas de pedra e ali, enquanto estava parado numa fenda da rocha, a presença de Deus passou e o Nome de Deus foi proclamado e ficou ali por um segundo período de quarenta dias e quarenta noites, descendo depois ao povo com seu rosto resplandecente, a viva evidência da realidade e intimidade da comunhão com Deus. **“Falava o Senhor com Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo”** (Êxodo 33.11).

Esta comunhão teve o efeito de enobrecer o seu caráter. Não somente seu rosto resplandecia como também a sua vida. Desde então houve uma graça e uma formosura sobrenaturais em seu aspecto e no seu porte que o indicavam claramente como o homem de Deus.

Sua mansidão, sua moderação sob a provocação, seu zelo pelo Nome e pela causa de Deus ardiam como uma chama intensa e sem igual.

A vida de comunhão com Deus não pode desenvolver-se em um único dia. Começa com o relato habitual de tudo a Ele, hora após hora, com o fazia Moisés no Egito. Mas avança para períodos mais abundantes e maiores de comunhão e até sua consumação e bênção em dias e noites de intercessão, espera e companheirismo santo.

Ah, que exemplos temos no Monte! Que clamores se elevam ali! Que visões se veem ali! Que revelações se fazem ali! Que mandatos se recebem ali!

Pobres de nós que nos afastamos tanto dEle! Ou, quando muito, somos admitidos para pararmos junto com os anciãos e ver apenas uma obra com pavimento de safira diante dos pés de Deus. Gostaríamos de ter

mais acesso, a visão mais próxima, o trato mais íntimo face a face, como ainda é oferecido aos amigos de Deus!

.oOo.

## 18

# A VISÃO DE DEUS E SEU EFEITO

**“Quando desceu Moisés do monte Sinai, tendo nas mãos as duas tábuas do Testemunho... não sabia Moisés que a pele do seu rosto resplandecia”**

(Êxodo 34.29)

Estamos justificados pela maior autoridade para extrair lições espirituais deste incidente na vida do grande legislador. O apóstolo se refere expressamente a ele quando diz que todos podemos, com o rosto descoberto, contemplar a glória do Senhor e ser transformados (2 Coríntios 3.13-18).

Aquela bendita visão que na antiguidade foi concedida somente ao grande líder de Israel está agora ao alcance de cada crente. O Evangelho não tem cerca para separar a multidão do Monte da visão. O mais humilde e o mais indigno de Seus filhos pode subir até onde a resplandecente glória pode ser vista.

Não estamos vivendo apenas na manhã, quando os raios solares atingem apenas espíritos escolhidos que se elevam acima dos outros, mas estamos no meio-dia, quando até mesmo a florzinha escondida e o recinto escondido estão sob plena vista do sol. **“Todos nós... somos transformados”.**

## **1)O DESEJO DE VER A DEUS LEVA CONSIGO A PROMESSA DE SUA VERIFICAÇÃO**

Durante longos anos, o desejo de ver o rosto de Deus tinha aumentado no coração de Moisés. **“Rogo-Te que me faças saber neste momento o Teu caminho... Rogo-Te que me mostres a Tua glória”** (Êxodo 33.13, 18).

Orações como estas estavam continuamente em seus lábios. E provavelmente tanto a ele como a santos dos tempos modernos, este anelo deve ter-se tornado difícil para ser suportado.

Nenhum doente nos dias sombrios do inverno anela tanto o verão; nenhum coração fiel anela tanto seu companheiro; nenhuma jovem esposa que acaba de enviuar anela tanto a união eterna no céu, como anelam alguns corações santos a Deus. **“A minha alma anseia por Ti, como terra sedenta”** (Salmo 143.6).

Mas certos anseios serão cumpridos porque Deus é fiel. Não há argumento mais forte a favor da imortalidade do que este; deve existir porque todos os homens a pressentem.

Não há argumento mais forte a favor da existência de Deus porque o coração do homem anela o amor infinito; a mente do homem anela a verdade infinita; o espírito do homem anela a comunhão infinita com o espírito.

Da mesma maneira, devemos inferir que a mesma presença destes anseios intensos por Ele, pela comunhão face a face e o companheirismo, são os sintomas precursores, os sinais premonitórios de que, ao nosso alcance, há uma possibilidade de um relacionamento com Deus que até o momento nossos corações não têm concebido.

E, se aproveitarmos a oportunidade, cultivarmos cada faculdade e guardarmos sempre nosso rosto voltado para o monte da comunhão, acharemos infalivelmente que o coração que anela a visão não será deixado sem a visão que ele anela, e que o anelo é o despertar inconsciente da alma, visto que está parada junto ao umbral do privilégio mais elevado que é possível para o homem.

É como a criança que acorda para reconhecer a ternura da mãe ou a moça chega a ser consciente do grande destino a que um amor inesperado, que a surpreendeu misteriosamente, a chama.

**“Disse o Senhor a Moisés: Farei também isto que disseste; porque achaste graça aos Meus olhos, e Eu te conheço pelo nome... Prepara-te para amanhã, para que subas, pela manhã, ao monte Sinai”** (Êxodo 33.17, 34.2).

## **2. A GRATIFICAÇÃO DE NOSSO DESEJO DEPENDE DE NOSSO CUMPRIMENTO DE CERTAS CONDIÇÕES**

### **A) DEVEMOS APRENDER A OBEDECER**

Esta foi a característica geral de Moisés. O título mais elevado com que é conhecido, mesmo no céu, é **“o servo de Deus”**. **“E entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus”** (Apocalipse 15.3).

E a frase mais repetida nos livros do Pentatêuco é a frase que soa profundamente e com frequência: **“E tudo fez Moisés segundo o Senhor lhe havia ordenado; assim o fez”** (Êxodo 40.16). Deus sempre podia contar com dele. Era um homem segundo o Seu coração, que podia cumprir toda a Sua vontade. E ia a ele mesmo antes de ir ao coração desobediente de Seu povo, a quem Deus se revelou.

E isto está de acordo com as palavras de nosso Senhor, que disse: **“Aquele que tem os Meus mandamentos e os guarda, esse é o que Me ama; e aquele que Me ama será amado por Meu Pai; e Eu também o amarei e Me manifestarei a ele”** (João 14.21).

Claramente, a obediência é o caminho que conduz à visão. Temos que ser servos antes de ser amigos. O caminho da obediência literal, embora áspero e dependente, é o único caminho que conduz ao cimo do monte, onde se concede a maravilhosa revelação.

Não foi sempre assim? O descobridor tem que obedecer à natureza antes que possa chegar a uma posição vantajosa de onde ele possa perceber a harmonia e a utilidade de Suas poderosas leis e o mistério de Seus secretos procedimentos.

Não sejamos desobedientes às visões celestiais; nunca nos afastemos para seguir nossas próprias preferências. Atrevemo-nos a fazer o reto, ainda que estejamos no meio da multidão rebelde e, assim, cumpriremos uma condição fundamental da visão de Deus.

### **B) DEVEMOS ESTAR DISPOSTOS A PASSAR PELA DENSA NUVEM**

**“Disse o Senhor a Moisés: Sobe a Mim, ao monte, e fica lá... E Moisés, entrando pelo meio da nuvem, subiu ao monte”** (24.12, 18).

Densas, grossas e negras nuvens para a terra, embora insuportavelmente resplandcentes em seu lado interior, excluíram a luz do sol e os aconteceros da terra e o encerraram com Deus. Ele não teria visto a visão se não estivesse disposto a passar através da nuvem e estar sob a sombra da mão divina.

O viajante que quer passar das vertentes inverniais da Suíça para as planícies próprias do verão da Itália deve estar disposto a passar pelo Túnel dos Alpes. O Jardim do Getsêmani, a cruz e o sepulcro são o único caminho para a manhã da Páscoa.

As paredes têm que ser pintadas com cores neutras antes de serem exibidas nelas obras mestras da pintura. E parece indispensável que passemos pela sombra do pesar, da tentação e da dor se temos de contemplar a maravilhosa luz de Deus e estimar seu resplendor.

### **C) DEVEMOS ATREVER-NOS A ESTAR A SÓS**

Quando lemos aquelas solenes palavras: **“E prepara-te para amanhã, para que subas, pela manhã, ao monte Sinai e ali te presentes a Mim no cimo do monte. Ninguém suba contigo, ninguém apareça em todo o monte; nem ainda ovelhas nem gado se apascentem defronte dele”** (Êxodo 34.2-3), o eco em o Novo Testamento delas parece chegar até nós: **“Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto”** (Mateus 6.6).

Jacó precisou ficar só para ouvir o Anjo de Deus murmurar ao seu ouvido; Daniel tem que ficar só para ver a visão celestial; João tem de ser desterrado a Patmos para revelar-nos as cenas do céu.

A nuvem isolada é a única que contém em seu seio a terrível tempestade de trovões, a que está detida sobre o declive da montanha logo fica despojada de sua eletricidade.

Por mais valiosas que sejam as abundantes oportunidades que estão ao nosso redor, para a cultura e o serviço cristãos, na realidade, serão desastrosas em seu efeito se nos roubam o tempo que, de outra maneira, passaríamos com Deus ou que nos afastam da comunhão solitária do coração com Deus.

Sejam dados a Deus os primeiros momentos da manhã, quando o coração está livre. Não procure o rosto do homem enquanto não tenha visto o dEle. Atreva-se a estar muito tempo sozinho no monte.

## **3. QUANDO AS CONDIÇÕES ESTÃO ATENDIDAS A VISÃO É SEGURA**

Talvez Moisés, ao entrar na nuvem, esperasse que o Todo-Poderoso passasse à sua frente montado num querubim ou voando sobre as asas do vento, cingido com o arco-íris e com a tempestade, enquanto os trovões ressoavam como tambores em sua marcha.

Mas eis que ele está numa fenda da penha, enquanto pela garganta da montanha passava a divina procissão e uma voz quieta, doce e penetrante lhe dizia que Deus é amor.

Note-se o progresso da revelação da alma que adora. Em Horebe, Moisés tinha parado no átrio exterior para aprender que Deus é imutável. Quando lhe foi dada a Lei, estava parado na glória refulgente do lugar santo, para aprender que Deus é justo. E agora é admitido no santuário interior para aprender que o Senhor Deus é compassivo e clemente, grande em misericórdia e em fidelidade.

As respostas a nossas orações pode ser que nem sempre venham como esperamos. Mas, como quer que venham, elas virão. Nenhum dos que esperam se envergonhará. Deus satisfará os desejos que Ele mesmo implantou. O Rei será pontual para ver os convidados que cumpriram Suas condições.

Como a Fletcher de Mandeley, a Catarina de Siena, ao Presidente Edwards, ao Dr. Payson e a centenas de outros, assim a você, quando menos o espere, virá a beatífica visão, talvez levando-o a clamar, como o fez João Tennant: “Chega, Senhor, chega! Ou a frágil vasilha se quebrará sob o peso da glória!”

#### **4. SEMELHANTES VISÕES DEIXAM MARCAS INEQUÍVOCAS**

O rosto de Moisés resplandeceu. E não resplandeceriam também seu coração e sua vida? Poderia ter sido de outra maneira?

O linho que foi colocado perto de ervas aromáticas estará fragrante; o ferro comum colocado perto de um ímã chegará a imantar-se; os que estão nas cortes reais adquirem um porte refinado e cortês; o amigo dos sábios adquire sabedoria; os membros de uma família intimamente unida contraem por associação algum gesto talvez pequeno, uma peculiaridade que denuncia sua unidade; é proverbial o fato que no rosto de um casal ancião se vê uma semelhança marcante, de modo que cada um reflete o outro.

E é impossível para nós estarmos muito com Deus sem chegar a ser semelhantes a Deus.

Há uma certa correspondência disto no olhar da alma que, por muito tempo, permanece fixa na visão de Deus, pela qual as características da

formosura divina passam à sua vida e a fazem resplandecer com uma beleza que não é da terra.

## **5. SEMELHANTES MARCAS NÃO SÃO PERCEBIDAS PELOS QUE AS APRESENTAM**

**“Não sabia Moisés que a pele do seu rosto resplandecia, depois de haver Deus falado com ele”** (Êxodo 34.29). Era glorioso a todos os olhos menos aos seus.

Os médicos conhecem a Lei de Holland, que afirma que sempre que se dirige uma atenção especial a qualquer órgão do corpo, a ação daquele órgão é mais ou menos perturbada. Se, por exemplo, começamos a pensar no coração, contando suas pulsações e escutando suas palpitações, perturbamos sua ação rítmica. Poucos são os que podem deixar o médico tomar seu pulso sem perturbação e, geralmente, o médico tem que fazer algum desconto pelos efeitos deste efeito.

Assim é também com as funções da digestão, da respiração e do pensamento. Estes procedimentos grandes e vitais do corpo prosseguem de maneira normal e satisfatória quando não se fazem objeto de nossa atenção. E aqui podemos achar uma certa analogia entre a vida física e a espiritual do homem. Uma certa correspondência da Lei de Holland penetra a fisiologia da vida espiritual. Faremos mais e progrediremos mais rapidamente, sabendo-o.

A verdadeira excelência cristã é tão inconsciente de sua beleza como o era Moisés; sempre que chega a ser consciente de si mesma, perde o seu encanto. Cuidemo-nos do homem que fala de suas virtudes. Pode haver orgulho na humildade e admiração de sua insignificância. O homem que se orgulha de um rosto resplandecente é um impostor e um fraudulento.

Quem possui uma virtude genuína nunca fala dela, nunca pensa nela e provavelmente até se perturbe ao ouvir que semelhante virtude lhe é atribuída.

O encanto de uma criança é sua própria inconsciência de si mesma e este é o encanto da verdadeira semelhança com Deus. É como a flor do pêssego, o rocio diamantino da manhã ou a tranquilidade da superfície de um lago na montanha.

**.oOo.**

## A FRASE INTERROMPIDA

**“Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-Te, do livro que escreveste”**

(Êxodo 32.32)

Este é um dos versículos mais patéticos da Bíblia, que carrega a evidência de sua genuinidade. Não poderia ter sido produzido pela mente ou pela pena de um escritor mais moderno porque é tão inesperado, tão estranho e, no entanto, tão verossímil. Faz-nos pensar em uma patética melodia reduzida a um silêncio repentino pela quebra de uma corda.

É o fragmento de uma frase cuja conclusão gostaríamos de saber a todo custo, mas quem teria a presunção de terminar o que nesta hora suprema foi interrompido por um paroxismo de dor ou pelo soluço de uma emoção irreprimível?

### 1. O PROBLEMA QUE ELE TINHA DE RESOLVER

#### A) A IDOLATRIA DO POVO

Após a promulgação das Dez Palavras importantes no Sinai, o povo, assustado pelos trovões e relâmpagos, pelo som da trombeta e pela fumaça do monte, rogou Moisés que agisse como seu intermediário e mediador. **“Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos”** (Êxodo 20.19).

O grande legislador e líder, atendendo sua súplica, retirou-se ao pavilhão divino e este ausente umas seis semanas.

Após o regresso dos setenta anciãos que tinham acompanhado Moisés a algum dos lugares inferiores do monte, e que tinham voltado sem ele, o povo estava contente. Era melhor ser privado temporariamente de seu líder do que estar exposto àqueles terríveis trovões. Mas, passado algum tempo, começaram a ficar intranquilos e desassossegados.

Perguntaram-se entre si: “Onde está ele?” Não tinha levado alimento suficiente para sustentar-se durante tanto tempo. Teria Moisés sofrido alguma desgraça naquelas alturas tão solitárias? Ou talvez tivesse sido destruído por aquele fogo ardente. **“Quanto a este Moisés, o homem que**

**nos tirou do Egito, não sabemos o que lhe terá acontecido”** (Êxodo 32.1). E então, voltando-se para Aarão, o homem das palavras, seguros que nem ele e nem vinte como ele poderiam repor a brecha causada pela perda de Moisés, clamaram: **“Levanta-te e faze-nos deuses que vão adiante de nós”**.

Podemos observar aqui a natureza essencial da idolatria. Neste maravilhoso capítulo temos sua história completa, desde o primeiro grito da alma, que revela um anelo tão forte de um ídolo, até as consequências amargas com que, moído inteiramente o ídolo, o idólatra tem que beber seu próprio pó.

Às vezes os homens dizem que os idólatras se inclinam perante formas materiais, sejam de ouro, de pedra ou de madeira, como se supusessem que estas são divinas e possuídas de atributos divinos. E pode ser assim em alguns casos, mas no princípio não foi assim.

Se estudarmos cuidadosamente a questão em todas as suas fases, veremos que o idólatra não olha para a imagem como Deus, mas como uma representação ou manifestação de Deus. É um esforço da parte do espírito humano que receia comunicar-se com o invisível e espiritual, de associar a Deus com o que pode possuir ou apalpar, a fim de ter uma prova constante e evidente da presença e do favor de Deus.

Este foi o caso de Israel. Nem se tinham passado três meses desde que, parados junto às praias do Mar Vermelho, tinham visto suas águas carregarem soberbamente as hostes de Faraó. Cada dia, desde então, o amor de Deus os estava seguindo. Para eles, os céus tinham dado pão, e a água tinha fluído da rocha; uma nuvem tinha flutuado majestosamente no céu, protegendo-os do calor do dia e iluminando-os durante a noite.

E neste ponto que estamos considerando, todo o cume do monte estava coroadado com o pavilhão da nuvem, que era o símbolo da presença divina no meio deles. No entanto e apesar de tudo isto, foram levados por aquele anelo imperioso do coração humano que clama por uma imagem palpável para seu culto.

Sua idolatria, pois, foi uma violação não do primeiro mandamento, mas do segundo. Não se propunham abandonar ao Senhor; isso ficará para os dias de Acabe. Desejavam adorar ao Senhor sob a forma de um bezerro, violando abertamente a proibição enfática que dizia: **“Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto”** (Êxodo 20.4-5).

Este foi também o pecado de Jeroboão.

## **B) SUA DEGRADAÇÃO**

Não há dúvida de que o culto do bezerro foi acompanhado de orgias licenciosas que faziam parte da idolatria egípcia.

É o que lemos: **“E o povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se”** (Êxodo 32.6). Uma certa versão moderna diz: “Vendo Moisés que o povo estava desenfreado, pois Aarão os tinha deixado à vontade, para que fossem motivo de zombaria no meio dos seus contrários”. E disto podemos deduzir que as restrições de continência que os tinham refreado desde o êxodo, de repente tinham sido retiradas, com o resultado de estarem entregues a uma verdadeira libertinagem.

## **C) AS DEMANDAS DE DEUS**

Era natural que Deus exigisse uma reparação completa, não porque Ele seja vingativo, mas porque a manutenção de Sua autoridade parecia fazê-la necessária.

A retidão de Seu caráter, a inviolabilidade de Seu juramento, a autoridade dos Dez Mandamentos, tão recentemente entregues, combinavam-se para fazer o que tinha dito que faria.

No entanto, por outra parte, era de temer que, usando a linguagem dos homens e a ira de Deus chegasse a arder e os consumir, os egípcios dissessem: **“Com maus intentos os tirou, para matá-los nos montes e para consumi-los da face da terra”**. E, assim, o caráter do Senhor poderia ser mal interpretado e caluniado entre as nações ao redor.

Como podia Deus manter Seu próprio caráter sem o pôr em perigo entre os egípcios? Se não castigasse ao povo, começariam a pensar que nem Suas ameaças, nem as Suas promessas mereciam atenção. E se o destruísse, Sua glória seria obscurecida e pareceria que estava menosprezando o juramento que fizera por Si mesmo e por Seus servos Abraão, Isaque e Israel, que multiplicaria sua semente e lhes daria a terra de Canaã como uma herança eterna.

Estas considerações pesavam tanto sobre Moisés que recusou a oferta divina de deixá-lo como o único sobrevivente daquela multidão e fazê-lo o progenitor de uma grande nação.

Esta proposição quase parecia semelhante à sugestão feita a Abraão de que oferecesse seu filho Isaque. Em ambos os casos, Deus provou Seus servos. Mas há uma grande diferença entre as tentações do Diabo e de Deus.

Aquelas procuram manifestar todo o mal e fazê-lo permanente, como as correntes de lava são lançadas do coração de um vulcão. Estas

procuram manifestar tudo o que é bom e fazê-lo nosso, porque as qualidades morais nunca chegam a ser nossas até que as tenhamos posto em prática.

## **2. AS EMOÇÕES COM QUE SUA ALMA FOI SACUDIDA**

No monte, Moisés agiu como intercessor. Quando Deus lhe disse tudo quanto estava acontecendo na planície e lhe mostrou a brilhante espada da justiça suspensa sobre a nação culpada, ele rogou pelo povo a quem amava. **“Moisés suplicou ao Senhor... Torna-Te do furor da Tua ira e arrepende-Te deste mal contra o Teu povo... Então, se arrependeu o Senhor do mal que dissera havia de fazer ao povo”** (Êxodo 32.11-14).

Ao descer do monte, quando chegou a ver o bezerro e as danças, estando parado sobre um monte de rochas, a impetuosidade e veemência que o tinham caracterizado nos dias de sua juventude e que estavam adormecidas durante tantos anos, se manifestaram em toda a intensidade. Não contra o povo, mas contra o pecado deste.

**“Então, acendendo-se-lhe a ira, arrojou das mãos as tábuas e quebrou-as ao pé do monte”** (32.19).

Aqueles cacos de rocha que pulavam aqui e acolá são um símbolo próprio da falta de habilidade do homem, até mesmo do mais santo, para guardar completamente a santa Lei de Deus.

Quando chegou ao acampamento, parece que, misturando-se com a multidão embriagada, acabou com a orgia, derrubou o bezerro de ouro e mandou que o destruíssem e que os fragmentos fossem misturados com água para eles tomarem.

E como isto não era suficiente para pôr fim ao mal, viu-se obrigado a usar medidas mais drásticas e, através da espada de Levi, derramar o sangue de três mil homens.

No dia seguinte, quando o acampamento de encheu de lamentos sobre aqueles muitos sepulcros abertos e uma terrível reação se manifestava no povo e nele, sua indignação foi seguida de amarga dor e compaixão. Os trovões da tempestade se mudaram em dilúvios de lágrimas. O estado triste a que seu pecado os tinha reduzido despertou sua mais profunda piedade e disse ao povo: **“Vós cometestes grande pecado; agora, porém, subirei ao Senhor e, porventura, farei propiciação pelo vosso pecado”** (32.30), mas não lhes disse o propósito que tinha em seu coração, nem o preço que se propunha pagar.

## **3. A OFERTA QUE FEZ**

Moisés voltou quieta e pensativamente à presença de Deus, enquanto o povo ficou olhando para ele. **“Porventura”**, talvez, ele tinha dito, mas não estava seguro. Parecia-lhe que o pecado era mui grande. Não conseguia ver como Deus podia retratar-se de Suas solenes ameaças.

Estava convencido de que, se os merecidos juízos eram desviados, deveria ser em consequência de uma propiciação. Mas que propiciação seria esta? Animais não poderiam servir, embora pudessem ser oferecidos em grande número. Só havia uma saída que ele pudesse dar: podia oferecer-se a si mesmo. Este era o segredo que ele encerrava no peito enquanto subia a montanha. E foi isto que lhe fez dizer **“porventura”**. Não podia estar seguro de que o preço do resgate fosse suficiente.

Podemos perguntar-nos como ele podia ter pensado numa propiciação. Mas devemos recordar que provavelmente já tinha conversado com Deus acerca dos sacrifícios que o povo deveria oferecer. Repetidas vezes tinha sido empregada a palavra propiciação; tinha aprendido que o sacrificio de um podia beneficiar a outros; tinha visto profundas possibilidades na lei da substituição e, por isso, parecia-lhe uma coisa natural propor que ele, o servo escolhido, o príncipe e líder do povo, fosse posto na balança juntamente com a nação e que Deus aceitaria seu sangue como resgate pela vida.

E Moisés confessou a Deus o pecado do povo e acrescentou: **“Perdoa-lhe o pecado; ou, se não,...”**.

Nem teve palavras para pintar as benditas consequências que resultariam se somente Deus perdoasse. Se o pecado fosse perdoado livremente sem o preço do resgate, então aparecerão Teus atributos mais nobres; então minha língua cantará com júbilo Tua bondade; então eu me entregarei a Teu serviço com um novo entusiasmo; então seguramente o povo sentirá uma paixão de gratidão e de amor.

Mas oprimia-lhe o temor de que o livre perdão fosse demais para ser esperado. Como compreendia pouco o amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor! E por isto acrescentou: **“Ou, se não,... risca-me, peço-Te, do livro que escreveste”**.

Este livro pode ser o Livro da Vida ou pode ser o registro do povo de Deus. Assim, a proposta dele era que morresse ali imediatamente e não visse a boa terra do outro lado do Jordão, ou que não mais fosse contado entre o povo de Deus e perdesse para sempre a formosa visão, estando entre os reprovados.

Esta proposição foi feita depois de pensar deliberadamente. Tivera tempo suficiente para fazê-lo durante a longa e enfadonha subida da montanha. Estava bem preparado para que Deus a aceitasse. Considerar-

se-ia honrado se lhe fosse permitido oferecer-se como propiciação pelo pecado.

Podemos imaginar a comoção do coração de Deus para com Seu fiel servo, cuja proposição Lhe lembrou outra cena nas longínquas idades da eternidade quando o Filho de Deus ofereceu-se para redimir o homem, fazendo uma propiciação com o derramamento de Seu próprio sangue!

Certamente, a oferta de Moisés não foi aceita. Ninguém pode fazer propiciação pelos seus próprios pecados e nem pelos pecados dos outros. No entanto, o povo foi perdoado. Não ser castigado o pecado do povo foi possível pela propiciação que seria feita no transcurso dos séculos sobre a cruz (Romanos 3.25).

E, embora tenham sido ameaçados com a perda da presença divina em Suas manifestações mais preciosas, apesar disso, o Anjo de Deus foi enviado à sua frente para conduzi-los à terra prometida.

.oOo.

## 20

# A PRESENÇA DE DEUS É NOSSO DESCANSO

**“A Minha presença irá contigo, e Eu te darei descanso”**

(Êxodo 33.14)

Esta certeza de descanso é tão aplicável no tempo presente como o foi também nos dias do êxodo. E talvez haja uma mensagem especial nele para estes dias tão cheios de discórdias, confusão e lutas.

Sua expressão mostra um profundo conhecimento do coração do homem. Porque há uma convicção em todos nós de que não viveremos sempre como no presente, vítimas de cruel intranquilidade.

Cada revolução (a conspiração do anarquismo e o sonho do socialismo, o bem intencionado esforço para introduzir o Reino de Deus pela reconstrução social) é uma tentativa da parte do homem pelo descanso. Mas este descanso deve ser buscado mais profundamente do

que nas circunstâncias. Deve começar bem no centro de nosso ser e em harmonia com Deus. Sua presença deve ser agradável para nós e acompanhar-nos, pois de outro modo, o descanso é um sonho vão.

## **1)AS CIRCUNSTÂNCIAS PELAS QUAIS ESTA SEGURANÇA FOI CONCEDIDA**

(1) Moisés era um homem solitário. Talvez mais solitário no meio daqueles milhões de pessoas a quem ele conduzia como um rebanho do que tinha sido no meio da solidão do deserto, cuidando do rebanho de Jetro.

O contraste entre sua sublime alegria na comunhão divina e o povo, sempre desejoso de prazeres sensuais, deve ter ajudado no isolamento do seu espírito, que se elevava no meio daqueles anseios sensuais como o cume de Sufsafeh sobre as serranias mais baixas do Sinai.

**“Disse Moisés ao Senhor: Tu me dizes: Faze subir este povo, porém não me deste saber a quem há de ir comigo”** (Êxodo 33.12). Que suspiro por companhia se ouve aqui!

Certamente estas linhas serão lidas por muitos cujas vidas são solitárias. Algumas carregam a pesada carga do lar ou da dor, ou do serviço no estrangeiro, como uma sentinela que tem de vigiar durante a noite num posto avançado. Outros, no meio de multidões não são menos solitárias; muitos soldados, mas nenhum oficial irmão; muitas vozes, mas faltando a única voz; muitos companheiros, mas nenhum amigo.

No mundo físico, segundo nos é dito, os átomos dos corpos mais sólidos não se tocam e com quanta frequência, embora a multidão nos oprima, não sentimos termos sido tocados. É para este estado de ânimo que a segurança foi dada.

(2) Em adição a isto, as hostes logo deixariam a região montanhosa do Sinai com a qual Moisés tinha estado familiarizado durante a sua vida de pastor a fim de adentrar em desertos desconhecidos, infestados de inimigos ousados e experimentados.

Ainda que a coluna de nuvem os tinha conduzido lentamente através daqueles desertos e de noite tivesse lançado seu dilúvio de luz sobre as tendas agrupadas no acampamento do deserto, no entanto, a perspectiva daquela viagem através daquela solidão grande e terrível era suficiente para aterrorizar o coração mais forte.

Semelhante chamado para levantar-nos e partirmos, frequentemente soa aos nossos ouvidos. Não somos como os que viajam de trem no qual têm ido de um lado para outro todos os dias e durante anos, e podem dizer

precisamente o nome e a ordem das estações; mas somos como uma expedição exploradora num distrito absolutamente desconhecido, quando até mesmo o líder, quando deixa a rede de manhã não sabe onde pendurá-la à noite.

O que parece uma vida monótona, sempre tudo igual, não segue sempre o mesmo caminho ao redor de um círculo, mas que sempre está travessando novos trechos de território que nunca tínhamos atravessado antes.

**(3)** Outras dificuldades tinham-se apresentado ultimamente em conexão com a transgressão do povo. Por um estudo cuidadoso da passagem, parece que uma mudança tinha sido proposta por seu Amigo Todo-Poderoso. Até agora, Ele tinha viajado no meio deles. Agora, anuncia Seu propósito de substituir-se a Si mesmo por um Anjo, pelo temor de destruir o povo de repente por causa da dureza de seu coração (Êxodo 33.3).

O povo já tinha sido mandado a despojar-se de seus atavios e a tenda que era reconhecida como o pavilhão temporal de Deus deveria levantar-se fora do acampamento, de modo que os que buscavam ao Senhor eram obrigados a fazer uma viagem considerável para chegar ao seu santuário visível.

Parece que agora haveria de verificar-se uma diminuição sensível da evidência da presença e do favor divinos e esse temor comoveu profundamente a alma do grande líder.

Como Jacó nos vaus do Jaboque, parecia-lhe que não podia soltar a Deus e Lhe disse: **“Se a Tua presença não vai comigo, não nos faças subir deste lugar”** (Êxodo 33.15). Moisés queria dizer que melhor seria abandonar Seu grande plano, matá-los de uma vez e envolvê-los num sudário de areia do que permitir-lhes dar outro passo sem a Sua presença.

Não temos tido muitos de nós a experiência de temer que, por causa de um triste fracasso nosso ou de algum pecado, o Senhor tem que retirar o gozo consciente do Seu amor? Um temor frio coloca a mão de gelo nas cordas de nosso coração e quase o petrifica silenciosamente.

“Se Ele tivesse que deixar-me sozinho, retirando-me Sua misericórdia, negar-me Sua compaixão... Se eu fosse como um trenó abandonado nas neves árticas, ou como um navio deixado pela sua tripulação em alto mar... Se a morte de Saul fosse a minha, que seria de mim?” Semelhantes pensamentos levam a alma a aproximar-se mais rapidamente de Seu trono.

## 2. O LUGAR ONDE ESTA SEGURANÇA FOI DADA

O trato anterior entre **“o servo fiel em toda sua casa”** e Aquele que o havia decretado parece ter-se realizado sobre o cimo da montanha.

Mas, depois de o povo cair em pecado, houve u´a mudança, pela qual não eram necessárias tais ausências prolongadas e longe do acampamento.

Na realidade, esteve ausente somente por um período de quarenta dias (Êxodo 34.28), até o tempo de sua morte, uns trinta e oito anos depois.

Durante a longa entrevista que lhe tinha sido permitido gozar, Deus lhe tinha falado muito do Tabenáculo que logo deveria ser feito. Moisés viu logo a bênção que teria por esta aproximação do santuário para a adoração e comunhão, e parece que sua alma crente não podia mais esperar.

Por isto, foi escolhida uma tenda; talvez fosse a sua própria, ou uma preparada especialmente. **“Moisés costumava tomar a tenda e armá-la para si, fora, bem longe do arraial; e lhe chamava a tenda da congregação. Todo aquele que buscava ao Senhor saía à tenda da congregação, que estava fora do arraial”** (Êxodo 33.7).

Parecia que aquele fiel coração subitamente estava gozando uma bênção maior em glória que nenhuma outra que até então tivesse ousado pedir. Sua petição estava caracterizada por uma grande humildade encerrada na graça à qual o devia tudo, mas não se atreveu a sugerir que Deus lhe mostrasse Seus caminhos para que O conhecesse.

Foi como se ele dissesse: Serás Tu mesmo meu sócio e companheiro, meu árbitro nas dificuldades, meu conselheiro nas perplexidades, meu amigo na solidão?

Teus anjos são fortes, e formosos, e bons; mas nenhum deles é suficiente para mim. Sem Ti seria melhor que eu abandonasse minha tarefa e morresse, mas, contigo, nenhuma dificuldade pode fazer-me desistir, nenhum temor pode me alarmar, nenhum obstáculo pode me acovardar.

E a resposta de Deus veio ao seu espírito como música e bálsamo: **“A Minha presença irá contigo, e Eu te darei descanso”** (Êxodo 33.14). Nada foi dito a respeito do povo. Parece que a promessa da presença divina foi feita somente para Moisés.

Mas a fé se faz mais atrevida à medida que aumenta. Cada resposta que se dá às suas demandas, pede mais. Podemos duvidar seriamente que

nossa fé seja da melhor índole se não pode abarcar em nossa mão mais do que abarcava um ano atrás.

Por isso, Moisés não pediu tão somente a segurança da presença divina para si mesmo, mas suplicou que se estendesse a todo o povo.

**“Como se há de saber que achamos graça aos Teus olhos, eu e o Teu povo? Não é, porventura, em andares conosco, de maneira que somos separados, eu e o Teu povo, de todos os povos da terra?”** (Êxodo 33.16).

Nesta súplica também teve êxito: **“Disse o Senhor a Moisés: Farei também isto que disseste; porque achaste graça aos Meus olhos, e Eu te conheço pelo teu nome”** (Êxodo 33.17).

Há momentos de santa comunhão com Deus, momentos de êxtase, momentos de ouro, na vida de todos os Seus servos. Quando passemos por eles, queiramos aproveitar ao máximo seu gozo breve, extático e glorioso e roguemos, não apenas por nós mesmos, mas também para outros, pedindo para eles uma bênção igual.

### **3. A BÊNÇÃO QUE ESTA SEGURANÇA GARANTIU**

Houve, em primeiro lugar, a presença divina e, em segundo lugar, o descanso prometido. Não o descanso de Canaã, porque este Moisés nunca o viu, mas uma herança mais profunda e bem-aventurada que pode ser a porção de todas as almas fiéis.

Na realidade, estas duas bênçãos são uma só. A presença divina é descanso.

A presença consciente de Deus em nós só é possível sob três condições:

Primeiro, devemos andar na luz como Ele está na luz porque Ele não terá comunhão com as obras infrutíferas das trevas, nem nos acompanhará por algum caminho tortuoso de nossa própria escolha.

Em segundo lugar, devemos reconhecer que o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, continuamente nos limpa de todo pecado; não somente daquele que nós julgamos e confessamos, mas também daquele que só é percebido por Seus olhos puros e santos.

Em terceiro lugar, devemos reclamar a bondosa ajuda do Espírito Santo para fazer real aquela presença que é tão tênue para o olho humano, a não ser que seja especialmente iluminado.

Acima de tudo, devemos lembrar-nos que para nós aquela presença está localizada no homem Jesus Cristo. Para nós não deve haver névoa que atenuie Sua presença, que é real e nos toca.

Se estas condições estão preenchidas, a alma bendita entra em uma experiência da presença de Deus que não pode encontrar melhores palavras para expressar sua felicidade que as do salmista quando desencantou-se da prosperidade dos maus para considerar seu próprio estado: **“Todavia, estou sempre contigo, Tu me seguras pela minha mão direita... Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra”** (Salmo 73.23, 25).

E aquela Presença proporciona Descanso. Vislumbro uma clareira num bosque. Um grupo de crianças cansadas e assustadas estão inclinando-se em volta do tronco de uma árvore velha, deixando cair flores frágeis e murchas de suas mãos, enquanto começam a cair as grandes gotas de uma tempestade com trovões e relâmpagos, que estão escurecendo o céu.

As crianças perderam-se; estão soluçando amargamente e se agrupam. De repente, através do bosque, ouvem-se umas pisadas rápidas, fazendo barulho ao pisarem nos ramos e nas folhas; o pai está chegando e, ao carregar alguns em seus fortes braços, outros correm ao seu lado, e todos seguem pelo caminho mais curto para o lar. Eles aprenderam que há uma Presença que é Descanso.

.oOo.

## 21

# CONSTRUINDO O TABERNÁCULO

**“Segundo tudo o que Eu te mostrar para modelo do tabernáculo... assim mesmo o fareis... segundo o modelo que te foi mostrado no monte”**

(Êxodo 25.9, 40)

O coração do povo judeu era o Tabernáculo, ao redor do qual foram montadas suas tendas e cujos movimentos determinavam as jornadas da multidão.

O Tabernáculo também lhes ensinou pensamentos profundos a respeito de Deus, numa espécie de lições objetivas mais próprias para

suas mentes imaturas. Podemos tratar apenas incidentalmente destas lições, pois que nosso ponto principal é a parte desempenhada por Moisés em sua construção.

Devemos lembrar-nos que os filhos de Israel não possuíam um idioma como o nosso, com muitas palavras e um vocabulário rico, capaz de expressar todo tipo de ideias abstratas, tais como amor, sabedoria, pureza, espiritualidade, santidade. Compreendemos, pois, quanto dificulta a comunicação da verdade espiritual a carência de palavras próprias ou idôneas para expressar os pensamentos.

Como se poderia falar de amor a selvagens, se a única palavra que o expressasse em sua língua tivesse associações impuras e grosseiras? Assim, antes de fazer Sua revelação, Deus teve que providenciar um idioma para expressar Seus pensamentos. E isto foi feito em grande parte na construção do Tabernáculo.

## **1. O CONCEITO DO TABERNÁCULO**

O desenho foi dado no Monte! Então é claro que deve ter havido algum fenômeno visível, alguma aparição resplandecente, algum quadro glorioso representado nas nuvens ou construído sobre as velhas rochas.

Pode ser que tenha havido estacas e cortinas, querubins e lâmpadas, ouro e prata, altar e candelabros, mas não podiam ser tocados, existiram como um formoso sonho, como alguma misteriosa nuvem que está por um momento no céu ao pôr-do-sol e logo se desvanece.

Mas é quase inconcebível que Deus não explicasse a Moisés, ao mesmo tempo, aqueles admiráveis conceitos de Sua própria natureza e Seus relacionamentos com os homens que seriam manifestados nesta construção material.

Naqueles dias de santa comunhão, o Mestre Todo-Poderoso deve ter impresso na mente reverente e receptiva de Seu discípulo séries de pensamentos santos que o encantaram. Pode ser que lhe tenham sido comunicados, no início, sob aquelas formas objetivas em que depois foram apresentadas ao povo, mas, em todo caso, é certo que foram comunicados pelo Espírito que revela as coisas profundas de Deus e os dá a conhecer aos que O amam.

Foram como segue:

### **A VONTADE DE DEUS DE PARTICIPAR DA VIDA DO HOMEM**

Se o povo tivesse visto apenas o fogo devorador no cume do Sinai e o pavilhão da presença de Deus, nunca teria pensado que havia algum interesse comum entre Deus e eles. Deus sempre teria parecido a suas mentes distante e inacessível.

Por isto Deus lhes disse: **“Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles”** (Êxodo 25.8) e prometeu: **“E habitarei no meio dos filhos de Deus e serei o seu Deus”** (Êxodo 29.45).

E foi-lhes ordenado que esta tenda fosse montada no meio deles e que fosse diferente das suas tendas em suas proporções e em seus materiais, mas situada junto a eles e montada e desmontada na mesma hora que a deles, e suportando as mesmas vicissitudes do tempo e das viagens.

O Tabernáculo de Deus entre eles falava claramente que Deus estava com os homens e que queria morar com eles e ser o seu Deus. Isto não ensinava que o Senhor tinha chegado a ser um peregrino junto com a multidão dos peregrinos e não um Deus longínquo, mas um participante de seus anseios nacionais?

E não é esta a mesma lição da encarnação? Não podemos aventurar-nos a supor que a igreja, aquele corpo santo que estava sendo preparado para o Filho de Deus fosse mesmo então revelado ao Seu Fiel Servo? E que em sua maravilhosa construção fosse indicada, em formas materiais, aquela mística união de espírito, alma e corpo no Homem Cristo Jesus, do qual o Lugar Santíssimo, o Lugar Santo e o átrio exterior eram um símbolo transitório?

Foi assim como a mente do homem foi preparada para aprender que Deus podia fazer-se carne e habitar entre eles. Foi assim como as primeiras sílabas que tinham de ser reveladas na palavra Emanuel foram articuladas. Foi assim como a encarnação foi prefigurada. Porque o corpo de Jesus é o verdadeiro Tabernáculo que o Senhor plantou e não o homem, aquele corpo que nasceu de uma virgem pura com o qual habitou entre os homens e pelo qual realizou a redenção.

## **A GRANDEZA DE DEUS**

A isto havia de dar-se uma expressão visível. O Tabernáculo foi o edifício mais soberbo em seu gênero que alguma vez tenha sido edificado pelo homem. Deve ter custado pelo menos 250 mil libras esterlinas, uma soma imensa para aquela nação de escravos fugitivos.

Os pedestais de prata colocados em intervalos ao longo da tenda para sustentar as tábuas retas; a magnífica tapeçaria que formava as paredes e as cortinas; os utensílios de ouro, um dos quais era o candelabro que equivaleria a 5.500 libras esterlinas em valor; o bronze que formava

sessenta colunas com seus capitéis e ganchos de prata, nos quais estavam suspensas as cortinas tão finas que o povo podia ver tudo quanto se fazia no átrio exterior. Quão valioso e custoso era tudo isto!

Naquele dia de ano novo, no aniversário do êxodo (Êxodo 40.17), quando se terminou o Tabernáculo, resplandecendo com o sol do deserto, deve ter parecido a todos quantos o contemplavam tão formoso quanto a Nova Jerusalém aos olhos de João quando a viu descendo do céu, e deve ter dado conceitos novos da majestade divina, embora para Moisés deve ter sido quase uma decepção porque deixava bem para trás a visão que ele tinha visto.

### **A UNIDADE DE DEUS**

Todas as nações ao redor estavam sob o encanto da idolatria. Mas o Tabernáculo, com todas as suas partes, seus materiais e os acessórios, era uma coisa só. Uma arca; um altar de incenso; um altar de holocaustos; um propósito sagrado em cada ordem e rito para tirar a impureza.

Entre os homens, pois, representava um protesto perpétuo contra a idolatria e um testemunho enfático a favor da Unidade de Deus. **“Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor”** (Deuteronômio 6.4). Esta foi a mensagem perpétua que, desta estrutura única, flutuava sobre o ar do deserto.

Mas quão sublime e assombrosa seria aquela mensagem quando pela primeira vez soou aos ouvidos de Moisés! Já o sabia antes, mas o viu como um que olha para o coração da verdade, comparado coisas pequenas com outras grandes, como quando olhamos para os olhos de um amigo e descobrimos ali profundidades de vida e de amor que não poderíamos expressar em palavras.

### **A ESPIRITUALIDADE DE DEUS**

No monte, o legislador viu as vestes do Rei, mas não viu o Rei; viu Sua glória, mas não a Sua Pessoa; viu suas costas, mas não o Seu rosto. E o conceito de que Deus era espírito foi comunicado ao povo naquela maneira mais impressionante.

Entrando no Lugar Santo, o olho via a cortina pesada, mas magnífica, bordada com querubins, que cobria quase dois metros do comprimento da estrutura inteira. Retirando-a, passava-se a um aposento que era um cubo perfeito, miniatura da Nova Jerusalém, cujo comprimento, largura e altura eram iguais.

Em um templo egípcio, este aposento teria um crocodrilo ou uma íbis, mas aqui havia somente uma caixa, sobre a qual formas de beleza esquisita se inclinavam com as asas estendidas e entre elas brilhava uma luz que não provinha do sol ou das estrelas. Poderia alguma coisa comunicar mais significativamente a ideia de que Deus é espírito?

Esta ausência de alguma forma visível no santuário mais interior foi o que surpreendeu mais ao rude soldado Pompeu, que entrou com ansiosa curiosidade através do umbral que nunca tinha sido pisado antes por outro pé a não ser o do sumo sacerdote, uma vez por ano. O soldado esperava achar alguma personificação visível do Senhor e voltou, desdenhosamente, menosprezando o aposento vazio. Para Moisés, entretanto, deve ter sido um conceito sem paralelo que abrumava seus pensamentos.

### **A PUREZA DE DEUS**

Uma série de comparações traziam esta ideia.

Primeiro, o Tabernáculo estava dentro de um átrio separado do povo por uma cerca; a parte exterior podia ser pisada somente por aqueles que se tinham submetido a certos ritos de purificação e, quanto à parte interior, só podia ser pisada pelo sumo sacerdote uma vez ao ano, antes, porém, limpo cuidadosamente mediante muitos rios e usando vestes especiais, enquanto o sangue dos animais degolados, animais escolhidos e livres de todo defeito ou mancha, era aspergido ao redor.

Tudo se fazia para imprimir no povo o cuidado com que deviam aproximar-se de Deus e, desta maneira, deixar bem claras as impressões de Sua santidade na mente da nação, impressões que os séculos sucessivos não conseguiram apagar.

E, através destas providências, e principalmente pelas repetidas referências ao sangue dos sacrifícios que devia ser derramado e aspergido, Moisés se familiarizou com a filosofia da propiciação.

Deve ter percebido, através dos séculos a cruz de Cristo, com seu mistério de sacrifício, amor e substituição a favor dos pecados dos homens e deve ter conseguido uma visão muito clara dos vários aspectos daquela maravilhosa morte que estavam vagamente prefigurados nas oferendas e que dizem respeito a Deus e ao crente, ao ofensor por ignorância e ao pecador por presunção, o grande mundo dos homens e claramente ao Universo de Deus.

Pensamentos como estes devem ter penetrado na alma de Moisés enquanto esperava perante Deus, esquecendo-se que o tempo passa, de

como mudava o amor do povo em idolatria ou de que o povo exigia alimento.

E contemplando o grande espetáculo daquela alma extasiada, percebemos em parte as ocupações da eternidade e somos incitados a buscar um conhecimento mais íntimo de Deus.

Como gostaríamos de conhece a Deus! Não apenas saber acerca dEle, mas conhecê-IO; pensar Seus pensamentos; dar-Lhe tempo para introduzir Seus pensamentos em nossa mente; familiarizar-nos com Ele.

Isto seria melhor do que tudo mais; nenhuma experiência extática, nenhuma liberação do mal, poderia compensar nossa alma tanto quanto isto. Na realidade, seria bom sofrer a perda de todas as coisas para conhecê-IO!

## **2. A REPRODUÇÃO DO DESENHO**

Todos nós temos um interesse especial nisto. Não somos chamados a reproduzir novamente o Tabernáculo, segundo aquele antigo desenho que cumpriu o seu propósito e que já está superado por revelações mais claras do Evangelho; no entanto, há uma analogia que está cheia de instrução e inspiração na vida de todo crente verdadeiro e que merece nossa atenção por alguns momentos.

Assim como o Tabernáculo existiu na mente de Deus antes que fosse reproduzido sobre as areias do deserto, assim também existe a vida de cada um, como um conceito daquela mesma inteligência infinita, que compreende em seu alcance o voo de um anjo com o Evangelho eterno e a queda de um passarinho ao solo.

Quando uma criança vem a este mundo, com todas suas faculdades encerradas nela, como a flor no botão, há na mente de Deus um retrato perfeito do que aquela vida pode chegar a ser, um ideal a que pode ser conformada. Há uma antecipação clara do que será, mas, ao seu lado, há uma previsão distinta do que poderia ser.

E se aquele desenho pudesse ver-se e reproduzir-se literalmente, se aquela vida pudesse chegar ao ideal divino, não haveria lugar para remorso ou decepção. Cumpriria seu propósito como um pensamento da mente divina e alcançaria sua perfeita consumação e felicidade.

A principal pergunta que deveríamos fazer ao empreender qualquer atividade nova ou ao iniciar um novo dia, não deveria ser: Como fariam os outros? O eu aumentaria minha reputação? O que me daria mais dinheiro?. Deveria ser: Qual é o ideal de Deus, o pensamento de Deus, o

desenho de Deus para mim? E nosso único propósito deve ser empreendê-lo, estando seguros de que cumpri-lo será ter agido bem.

### **O DESENHO DE DEUS ERA COMPREENSIVO**

Nenhum espaço, nenhum pequeno detalhe foi deixado para a fantasia ou imaginação dos artifices. Tudo estava incluso no desenho divino. Em cada detalhe Deus tinha um plano, porque cada um tinha algum propósito e a simetria do todo dependia da perfeição de cada parte.

Assim é em nossa vida. O pensamento de Deus abarca todos os detalhes. Nada é tão trivial para que não seja objeto de oração e súplicas. Não é possível uma grande vida que deixe de compreender em seu plano e de alcançar atenção às coisas comuns e aos pequenos detalhes do caráter.

### **O PLANO DE DEUS FOI DESENVOLVIDO LENTAMENTE**

Provavelmente a história da revelação das partes sucessivas do Tabernáculo, seja um relato do método pelo qual o desenho divino foi desenvolvido para o pensamento de Moisés. Linha após linha, preceito sobre preceito: este é o método divino.

O plano da vida humana de Jesus foi desenvolvido para Sua inteligência humana passo a passo. Lembremo-nos de que Ele disse: **“O Filho nada pode fazer de Si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai... O Pai ama ao Filho e Lhe mostra tudo o que faz; e maiores obras do que estas Lhe mostrará”** (João 5.19-20).

O olho do perfeito Servo sempre esteve fixo no desenvolvimento do plano do Pai para Ele. Isto se mostrou atendendo a necessidade de u´a mão ressecada; no clamor de um Pai angustiado; na pressão do ódio de Seus inimigos; nas demandas das multidões.

**.oOo.**